Sharmaine Pereira Caixeta

oficina SANTA DICA
quadrinhos é coisa do povo

Repertórios da identidade regional brasileira aplicados a experiências envolvendo a produção de uma banda desenhada em sala de aula.

Dissertação para obtenção do grau de Mestre
em Design da Imagem

Orientadora: Prof. Doutora Maria José Goulão

Versão Provisória para Prova Pública - Modalidade de Trabalho de Projecto

Faculdade de Belas Artes
Universidade do Porto

Porto, 2014

Agradecimentos

Agradeço à Prof. Doutora Maria José Goulão, pela confiança e orientação que me concedeu ao longo deste projeto.

Aos meus pais, sempre otimistas, que estiveram presentes em todos os momentos.

À Ana Luiza, Gustavo, Max e Ray, pelas palavras de conforto e motivação frente às diversidades.

Ao Centro Educacional Terra Livre, pela disponibilidade e liberdade durante a oficina Santa Dica.

E principalmente, aos alunos da turma de Educação Complementar, pelo carinho, presença e participação ao longo dos mais de cinco meses em que trabalhamos juntos.

Obrigada.

Resumo

O projeto de investigação presente nesta dissertação busca explorar as possibilidades de uso da banda desenhada como ferramenta pedagógica em espaços de aprendizagem. Para tanto, utiliza-se de repertórios culturais bem particulares à região ao qual foi inserido, o estado de Goiás, no Brasil.

A história de Santa Dica surge como escolha temática para a aplicação de uma oficina de banda desenhada a um grupo de estudantes do Centro Educacional Terra Livre, uma organização sem fins lucrativos situada na cidade de Goiânia. A proposta: unir tema e suporte em favor da ressignificação da disciplina de História na consciência coletiva destes alunos.

Mais do que um registro sobre a experiência, apresentar a produção de um material rico em visualidades, respeitando a liberdade criativa de cada integrante da oficina.

Palavras-Chave

Banda desenhada, Ensino, Oficina, História local, Produção visual, Identidade regional, Santa Dica.

Abstract

The research project in this thesis aims to explore the possibilities of the use of comic books as a pedagogical tool in learning spaces. With this goal in mind, this thesis makes use of very specific cultural repertoires to the state of Goiás, in Brazil.

The story of Santa Dica emerges as the theme choice for a comic book workshop to a group of students from the Centro Educacional Terra Livre, a non-profit organization located in the city of Goiânia. The proposal: uniting a theme and support in order to reframe the region's history in the collective consciousness of these students.

More than a record of experience, this thesis aims to create a material rich in visual arts and to be respectful of its workshop members creative freedom

Keywords

Comics, Teaching, Workshop, Local History, Regional Indentity, Santa Dica.

Índice

Agradecimentos 3
Resumo 5
Abstract 7

Listra de Ilustrações e Tabelas 13

Introdução 15

Questão de Investigação 16
Objetivos 16
Contextualização 16
Estrutura da Dissertação 17

Capítulo I - Ensino, História e Quotidiano 19

1.1 Um breve diagnóstico sobre a situação do ensino no Brasil 20

1.2 A convergência dos diversos media como ferramentas de ensino 24

1.3 Entre o saber e o fazer: o cotidiano aplicado à educação formal 29
1.3.1 O método Paulo Freire de alfabetização 29
1.3.2 História Local 30

1.4 O património cultural imaterial: a oralidade que preserva a memória 33

1.5 Santa Dica de Goiás: o último movimento messiânico do Brasil 34

Capítulo II - A Imagem Como Ferramenta Pedagógica 43

2.1 As funções pedagógicas da imagem 44

2.2 Os aspectos visuais e narrativos da banda desenhada 45
2.2.1 Os principais elementos de uma banda desenhada 47

2.3 Usos de bandas desenhadas numa ação pedagógica 51
2.3.1 EduHQ – Oficina de educação através de histórias em quadrinhos 53
2.3.2 As tiras da Mafalda: conteúdos de Geografia em quadrinhos 56

2.4 A leitura da banda desenhada em sala de aula: exemplos pertinentes no ensino da história 57

Capítulo III - Oficina Santa Dica 67

3.1 A prática como agente motivador da aprendizagem 68

3.2 Preparação e estrutura da Oficina 69
3.2.1 A proposta 69
3.2.2 A preparação 70
3.2.3 O Grupo 75

3.3 A oficina, dificuldades e soluções 80
3.3.1 Módulo I – Banda Desenhada 80
3.3.2 Módulo II – Santa Dica 82
3.3.2.1 Suportes multimedia para a educação 82
3.3.2.2 Jogos que também ensinam 83
3.3.3 Módulo III – Roteiro 85
3.3.3.1 Teatro de improviso como ferramenta pedagógica 86
3.3.4 Módulo IV - Desenho 87

3.4 A primeira leitura 88

3.5 A BD produzida 89

3.6 Primeira entrevista 99

3.7 A BD produzida em paralelo 102

3.8 Segunda entrevista 103

Conclusão 107

Desenvolvimentos futuros 109

Bibliografia 111

Bibliografia sugerida 118

Listagem de BDs passíveis de uso nas aulas de História do Brasil 123

1.1 Era pré-cabralina 124
1.2 Colônia 124
1.3 Reino Unido 125
1.4 Império 126
1.5 Primeira República 127
1.6 Era Vargas 128
1.7 Ditadura Militar 128
1.8 Folclore 129

Anexos 131

1. Exemplo do planejamento anual da disciplina de História 132
2. Proposta da Oficina Santa Dica 136
3. Dados socioeconómicos dos participantes da Oficina 138

4. Exercício do Módulo I - Banda Desenhada 156
5. Roteiro base da BD produzido a partir do teatro de improviso 157
6. Modelo de storyboard 164
7. Primeira entrevista 167
8. Segunda entrevista 182
9. E-mail acerca dos resultados da produção. 185

Índice dos anexos em versão digital*

1. BD “As Aventuras de Santa Dica”

2. BD “Santa Dica em Quadrinhos”

3. Aulas

4. Depoimentos de Dona Eusébia

5. Teatro de Improviso

6. Entrevistas Individuais

7. Entrevista em Grupo

*A listagem de anexos também se encontra disponível em plataforma online através do endereço: https://oficinasantadica.wordpress.com

Listas de ilustrações e de tabelas

1. Postagens sobre a Segunda Guerra Mundial no Facebook 25
2. Abaité: Bandeirantes 26
3. Assassin's Creed III 27
4. Dante's Inferno 28
5. A Revolta da Cabanagem 28
6. Benedita Cipriano Gomes 36
7. Requadro de suporte estrutural 47
8. Uso da elipse como conclusão 48
9. Exemplo de balões de fala 48
10. Onomatopeia 49
11. Sinais gráficos 50
12. Linhas cinéticas 50
13. Clássicos Brasileiros em HQ 53
14. O educador sob a perspectiva do aluno 54
15. Áreas de Abrangência do Projeto 55
16. Separação temática das tiras de Mafalda 57
17. Revolta de Canudos 61
18. Trecho da Guerra do Reino Divino 62
19. Centro Educacional Terra Livre 70
20. Lagolândia 71
21. Depoimentos de Dona Eusébia 73
22. Página Oficina Santa Dica 74
23. Idade dos participantes 75
24. Sexo dos participantes 75
25. Média de renda familiar 77
26. Média por pessoa - Renda mensal 77
27. Alunos que recebem auxílio do governo 78
28. Média de valores - Auxílio do governo 78
29. Ano letivo atual dos alunos 79
30. Exercício Módulo I 80
31. Exercício respondido por aluno durante Módulo I 81
32. Jogos produzidos para o Módulo II 84
33. Alunos jogando 84
34. Teatro de Improviso 86
35. Produção Storyboard 87
36. Módulo V: Desenho 88
37. Capa As Aventuras de Santa Dica 90
38. Prólogo 91
39. Representação do túmulo 92
40. Capítulo 1 92
41. Capítulo 2 93
42. Os anjos 94
43. Sinalização da República dos Anjos 94
44. Capítulo 3 94
45. Capítulo 4 95
46. Duplicação 96
47. Capítulo 5 96
48. Capítulo 6 97
49. Capítulo 7 98
50. Primeira entrevista 99
51. O Dia do Fogo 102
52. Capa e prólogo da segunda banda desenhada 103
53. Segunda entrevista I 104
54. Segunda entrevista II 105

Introdução

Um dos grandes questionamentos entre os alunos da educação básica, a importância e necessidade da presença da disciplina de História no plano curricular das escolas, é tema constantemente debatido entre sociedade e meio acadêmico. Há um paradoxo entre a memória histórica e a própria identidade cultural nesta consciência coletiva1 do brasileiro onde o desinteresse pelo passado, evidenciado por um pensamento que persistiu ao longo dos anos, acaba por se refletir na própria compreensão política e social do presente.

Enquanto o ensino nacional busca uma reestruturação do seu já gasto modelo, há a discussão sobre quais metodologias e meios podem se adequar a esta nova realidade de modo a tornar o ato de aprendizagem mais palpável e pertinente ao seu sujeito, dada a sua assumida importância. Uma destas vertentes é não se limitar a utilização do material didático como único propulsor das práticas pedagógicas. As novas tecnologias modificaram a maneira de encararmos a informação, ampliando a sua abrangência e ao mesmo tempo tornando-a mais interativa a quem possui acesso. Nesta nova realidade, sugiram novas fontes, meios e possibilidades pedagógicas passíveis de utilização na proposta de uma educação integradora e relacionada com as práticas cotidianas dos alunos.

Na tentativa de abandonar o processo já ultrapassado de aprendizagem por repetição, desarticulada da vivência extraclasse, o grande desafio dos novos educadores é proporcionar uma proposta que promova a consciência crítica ao mesmo tempo em que se produza novos saberes. Na disciplina de História, a manifestação do campo da História Local se aproxima dessa abordagem reflexiva. Conhecer a região em que vive, os atores sociais participantes do seu desenvolvimento, as particularidades culturais, tradições e os processos históricos que acompanharam a sua jornada até o tempo presente. Assim, a tentativa é, ao mesmo tempo, centrar em algo mais próximo e permitir a sua contextualização no quadro geral da História Nacional.

A banda desenhada, por outro lado, abandona finalmente o estigma carregado durante grande parte do último século, de leitura despretensiosa e direcionada apenas ao público infantil. Já não se trata apenas de super-heróis mas sim de um potencial narrativo aliado a um suporte de fácil visualização e consequente compreensão, surgindo por fim como um meio de auxílio no ensino. Para além dos objetos já publicados, que convidam para uma leitura atrativa por se tratar de um meio de entretenimento e possivelmente desvencilhada da ideia de obrigação que o livro didático possa sugerir, a produção de novos materiais pode suprir uma carência de material didático em determinados segmentos, como a história local do estado de Goiás.

A investigação tem como proposta analisar e avaliar a utilização do suporte da banda desenhada no contexto pedagógico numa instituição brasileira. Sabe-se do potencial das narrativas gráficas, mas aqui interessa-nos o processo e os resultados da experiência. A produção de uma oficina

de banda desenhada de temática local, direcionada a jovens entre 12 e 14 anos, busca abordar aspectos sobre a história, memória e preservação de tradições culturais, enquanto produz novos saberes e a ressignificação da importância da disciplina para a formação de cidadãos conscientes.

A partir dos resultados é possível enfim abrir um espaço de debate entre investigador e educador sobre a atratividade da banda desenhada no contexto do ensino de história do Brasil. Para além, ao se tratar de um suporte que conta com produções nacionais em diversos países, há a suposição de que transposição da investigação a um contexto português pode ser válida, desde que se atente às particularidades de cada sistema de ensino.

Questão de Investigação

Como aliar a memória popular ao potencial visual da banda desenhada em favor da ressignificação da disciplina de História Nacional na consciência coletiva dos alunos da educação básica do Brasil?

Objetivos

- Utilizar o suporte da banda desenhada como uma ferramenta atrativa de auxílio pedagógico no ensino de história ao longo do ensino básico.
- Produzir um material pedagógico passível de utilização em outros espaços educativos.
- Explorar as vias de diálogo entre discente e docente promovidas pela prática e produção de novos saberes.
- Contribuir para a legitimação da importância da inserção da História local no plano curricular do ensino de História nacional.

Contextualização

O conhecimento sobre a realidade do Ensino básico brasileiro por parte da investigadora, bem como a sua própria vivência particular, influenciou a forma como a proposta do projeto foi concebida. Em verdade, a assunção da abrangência do estudo à um contexto português - direcionado pela universalidade da linguagem da banda desenhada - tornou-se o principal motivador de uma escolha temática tão específica para a presente investigação.

Em termos gerais, há duas possibilidades-chaves de desenvolvimento investigativo a partir do projeto: a valorização de elementos identitários e culturais brasileiros ignorados por sua própria história, e a experimentação de uma linguagem pode vezes marginalizada em espaços educativos. Nota-se assim a semelhança entre ambos quanto ao seu lugar e papel no ensino brasileiro, relegados à margem diante de uma estrutura consolidada, porém a ponto de ruir-se.

Estrutura da Dissertação

A dissertação divide-se em três capítulos principais. O primeiro dedica-se a desenvolver a relação entre ensino, História e quotidiano. A partir de um breve diagnóstico a respeito do ensino brasileiro, busca a seguir, evidenciar algumas experiências em espaços de aprendizagem que fizeram uso do quotidiano dos estudantes para a aplicação dos mais variados media. Sob a mesma perspectiva, adentra-se ao ensino específico de História e suas recentes propostas de abordagem, com principal atenção ao uso da História Local. É então apresentado a escolha temática do projeto da oficina, Santa Dica, bem como suas particularidades e relação com outros movimentos históricos.

O segundo capítulo por sua vez é reservado para discutir o uso da imagem como uma ferramenta pedagógica, dando especial atenção à banda desenhada e seus aspectos visuais. Em sequência são exemplificadas algumas investigações que fizeram uso da linguagem, seja suporte de produção ou leitura com a mesma finalidade que busca-se com o projeto.

O terceiro e último capítulo é dedicado ao projeto desenvolvido como tema desta dissertação. Sua proposta, preparação, o contexto ao qual foi submetido, desenvolvimento, as dificuldades e resultados.

CAPÍTULO 1

ENSINO, HISTÓRIA E QUOTIDIANO

"É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática."

Paulo Freire

1.1 Um breve diagnóstico sobre a situação do ensino no Brasil

Uma medida chamou a atenção no noticiário brasileiro nos primeiros meses de 2013 quando o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, decidiu por eliminar as aulas de História, Geografia e Ciências do plano curricular dos três primeiros anos das escolas de ensino fundamental da rede pública do estado. A modificação que busca aumentar a carga horária curricular das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática causou descontentamento entre educadores. Ao ser questionada sobre a decisão em entrevista para a revista Fórum, a consultora em educação Ilona Becskehazy afirmou categoricamente: *"Não faz sentido. A tendência mundial tem sido trazer a reflexão científica para o 1º ano"*.

Se a modificação causa estranheza e indignação para a classe acadêmica, o mesmo não pode ser dito sobre os principais atingidos. A pesquisa *"O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola"*, feita pela Fundação Victor Civita em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, o Banco Itaú e a Fundação Telefônica Vivo no primeiro semestre de 2013, com 1 mil estudantes de 15 a 19 anos do ensino médio de São Paulo e de Recife apontou um alerta sobre a visão dos mesmos sobre o ensino de história. Para além da falta de pertinência do conteúdo escolar as disciplinas de língua portuguesa e matemática são consideradas as mais úteis por, respectivamente, 78,8% e 77,6% dos alunos enquanto geografia e história, por exemplo, são consideradas descartáveis para 36% dos entrevistados.

O estudo ainda vai mais além, ao apontar a urgência dos alunos em adentrarem no mercado de trabalho, sendo o ensino apenas um meio certificante e facilitador deste propósito. Efeito de uma educação mercantilizada, há um abismo entre as expectativas dos jovens e o plano curricular distanciado do cotidiano dos mesmos. Ao apoiar-se no aspecto profissionalizante, a necessidade é,

> (...) a adequação da escola e da mão-de-obra com base formativa sólida e seu posterior aprofundamento, ao sistema produtivo perpassado por um viés ideológico em que o indivíduo "educado" esteja livre de compromissos políticos, sociais e éticos e porte apenas algumas habilidades para a venda no mercado de sua força de trabalho. (VIEIRA, 2008, p. 17)

Para compreender a crise do ensino no Brasil é preciso retroceder por um instante e analisar as conjunturas que levaram ao ponto de encontro atual. Em mais de 500 anos de história documentada, a educação como direito inegável a cada cidadão só se tornou uma possibilidade no século XX. Intimamente relacionada com a industrialização do país nas primeiras décadas, a educação formal assumiu em seu primeiro estado, características positivistas, se espelhando na recém República instaurada.

> O positivismo esteve presente de forma marcante no ideário das escolas e na luta a favor do ensino leigo das ciências e contra a escola tradicional humanista religiosa. O currículo multidisciplinar – fragmentado – é fruto da influência positivista. No Brasil esta influência aparece no início da República e na década de 70, com a escola tecnicista. (ISKANDAR, LEAL, 2002, p. 3)

Sob o lema "Ordem e Progresso", o ensino surge não só como um método dis-

ciplinador de uma população iletrada mas também como uma ferramenta de capacitação para o mercado de trabalho que agora começara a migrar do campo para a cidades. Se, por um lado, foi importante para a concepção de diversas áreas do saber e da evolução tecnicista, a objetividade e racionalidade subjacentes ao pensamento crítico acabaram por se tornar um problema que ainda persiste nos dias atuais: o distanciamento entre o aprendizado e a vida cotidiana.

> Segundo o professor e sociólogo, Guareshchi (1990) a sociedade humana possui duas visões de mundo. A mais comum seria a positivista-funcionalista, de acordo com a qual tudo já está pronto e acabado o indivíduo só precisa nascer e cumprir bem o seu papel, assumindo seu posto no mecanismo já posto. (LIMA, SANTOS, 2011, p. 5)

Na base consolidada do ensino, características como a fragmentação deste, aprendizagem através de métodos mnemônicos e talvez mais importante, a supressão das particularidades culturais das camadas menos abastadas. Ao passo em que o conteúdo pareceria desconexo entre seus pares, havia dentro das salas de aula um sentimento de não-pertença dos alunos àquela cultura tão exaltada pelos livros didáticos e aulas expositivas. A cultura dominante, afinal de contas, é protagonista nas salas de aula, mesmo após tantas transformações de ordem social, ao longo do último século.

> Se o conhecimento escolar é uma construção social, porque só o conhecimento das elites encontra lugar nos currículos das escolas? As estruturas modulares das escolas envolvem domínios ou áreas de conhecimento previamente definidas pela elite dominante sem nenhuma preocupação com a cultura e experiências dos alunos das camadas populares. (FERNANDES, 2008, p. 35)

Reflexo dos governos dos séculos anteriores[1], havia aqui uma sociedade que desvalorizava o ensino, um fato enraizado na própria cultura, enquanto uma política educacional falhava em promover o incentivo necessário para o ingresso da população.

Se a educação neste momento já levantava algumas questões sobre sua eficácia ao proporcionar caminhos para uma consciência crítica, o golpe militar de 1964 acabou por agravar a situação. Como medida para atenuar a iminência das revoltas e críticas ao governo, este optou por eliminar do currículo escolar, disciplinas como Filosofia e Sociologia. Enquanto o brasileiro experimentava os efeitos do "milagre econômico", mais afastados da realidade política e social do país, se tornaram.

> O período ditatorial, ao longo de duas décadas que serviram de palco para o revezamento de cinco generais na presidência da república, se pautou em termos educacionais pela repressão, privatização de ensino, exclusão de boa parcela das classes populares do ensino profissionalizante, tecnicismo pedagógico e desmobilização do magistério através de abundante e confusa legislação educacional. (BARRETO, 2008, pp .14-15)

O índice de analfabetos diminuía ao passo em que uma dormência alienante aumentava. Em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi criado para dar continuidade à política de alfabetização, agora direcionada aos adultos, em sua grande parte deslocados da zona rural. Baseando-se na tendência capitalista de comercialização da força

1 *Em 1872, durante o Império, houve a constatação de que 82,3% das pessoas eram analfabetas.*

de trabalho de uma população marginalizada, sua principal meta foi a de servir como instrumento para que seus alunos pudessem aprender a ler e escrever. Diante de uma sociedade organizada sob o crivo do sistema econômico, é inegável como este se reflete em todas as esferas político-sociais e consequentemente na formação da sua população.

> A educação, neste processo, deve incorporar os valores do mercado regidos pela eficiência, lucro, produtividade, êxito, competição, que lhe permitam também preparar uma mão-de-obra para este mercado dual, que separa os "bons" dos "ruins" e negligencia elementos que, se não no todo, pelo menos em parte orientaram a formação das redes de ensino público e gratuito: a cidadania, a participação, a igualdade. (VIEIRA, 2008, p. 17)

No que diz respeito ao ensino de História, a intervenção do Estado durante o período, feita por meio de reformas, representou um retrocesso aos caminhos que a disciplina começara a seguir após o término da Segunda Guerra Mundial. Se em sua gênese, tinha como propósito o conhecimento do homem sobre o seu passado, enquanto reflete sobre o presente, agora assume para si a responsabilidade da formação do espírito nacionalista, como um aparelho ideológico imprescindível ao governo militar.

> As disciplinas de História e Geografia foram substituídas pelos Estudos Sociais, levando ao esvaziamento dos conteúdos, fazendo-os regredir ao método mnemônico, fazendo o aluno decorar datas, nomes e fatos importantes da nossa história com vistas ao desenvolvimento do nacionalismo, elemento importante na formação do indivíduo para a efetiva manutenção do regime instituído. (BRASIL/SEF, 1997, pp. 25-26)

Ao ser usada como reprodutora do discurso militar, se tornou responsável pela formação de uma geração ensinada a louvar a um passado glorioso, nacionalista, entre tantos heróis, mas ao mesmo tempo, distantes de sua própria cultura. "A Reforma do Ensino de 1971, impunha um Ensino diretivo, acrítico, no qual a História aparecia como uma sucessão linear de fatos considerados significativos, predominantemente políticos e militares, com destaque para os "grandes nomes", os espíritos positivos que conduzem a História." (LIMA E FONSECA, 2007, p. 55)

Com um ensino deteriorado após sucessivas reformas e 21 anos de uma ditadura militar, ao fim da década de 80 o Brasil inicia seu processo de redemocratização, acompanhado de questionamentos sobre os métodos de ensino e consigo a tentativa de renovação de um sistema educacional que se mostrou incapaz acompanhar as transformações sociais, políticas e tecnológicas desde a sua criação. Apoiando-se no progresso tecnológico e embaratecimento da sua produção, a televisão assumiu um papel importante como transmissor de informação e cultura do brasileiro e o conteúdo presente nos livros didáticos já não era considerado fonte exclusiva de conhecimento à disposição dos alunos. "As novas exigências educacionais iam além do currículo e das práticas educativas. Todo o sistema educacional precisava ser repensado, especialmente a visão que se tinha do aluno, pois até então, era visto como um ser passivo." (BARAGLIO, 2011, p. 33)

Parte da reforma educacional propulsionada pela nova constituição, datada de 1988, iniciou-se a busca por métodos alternativos de ensino, que não se limitasse à exclusividade do didatismo e promovesse um conhecimento

crítico direcionado aos alunos. No ensino de História, outras linguagens e mediadores culturais foram aos poucos inseridos. Cinema, literatura, música e artes visuais surgiram como fontes históricas promissoras ao permitir novas visões – mais próximas do cotidiano – do conteúdo aos estudantes. A história tradicional abre espaço para uma abordagem social com a finalidade de os alunos construírem seu próprio conhecimento histórico. Aparatos tecnológicos, desde que investidos, transformaram-se em ferramentas de suporte ao clássico quadro-negro proporcionando maior interatividade a uma disciplina que por si só carece de referências visuais para melhor compreensão. (JOLY, 1994, p. 48) já afirmara, "É por isso que uma das funções primordiais da imagem é a função pedagógica" e a utilização da mesma se torna fundamental neste novo momento.

Apesar de bem-vindo, o processo de mudança caminha a passos lentos em meio a diversos entraves de ordem econômica e social. A ausência de investimentos governamentais necessários para infraestrutura e modernização das escolas públicas é um grave problema, aliado a uma ineficaz capacitação e formação complementar aos educadores – além de baixos salários – colaboram para o baixo aproveitamento escolar e evasão escolar. E as instituições que contam com uma infraestrutura capaz de atender aos anseios de uma educação conectada ao mundo fora do espaço escolar, em muitos casos falham ao serem incapazes de aproveitarem o que têm à disposição. Segundo a reportagem que evidencia a pesquisa já citada anteriormente, um adolescente que abandonou os estudos afirmou em entrevista "*Vou fazer supletivo quando completar 18 anos. A escola não me motivava, era muita bagunça. No início do ano não tinha professor e, quando tinha, eles faltavam*[2]".

Não suficiente, apesar dos avanços, ao ensino de História permanece a problemática de outrora: o desinteresse dos alunos. Os resquícios do período ditatorial ainda são visíveis dentro da sala de aula, seja através da resistência em utilizar novas mídias, o uso exclusivo do material didático como fonte de pesquisa, exercícios desconexos, reforçados por uma possível falta de preparo – e atualização, por parte do educador e agravado pelo preconceito já enrijecido acerca da relevância da História, acabando por se tornar um ciclo vicioso entre a ideia do ensino e sua receptividade pela sociedade.

É importante ressaltar que apesar de focado no ensino público, o diagnóstico pode se estender ao ensino privado do país com devidas ressalvas. Se nestes locais fatores como infraestrutura e modernização não são considerados um entrave, o mesmo não pode ser dito sobre os métodos pedagógicos aplicados. Tal como nas escolas públicas, o discurso dominante é o do ensino como preparação para o mercado de trabalho, um reflexo da lógica que segue o sistema capitalista.

> A educação, neste processo, deve incorporar os valores do mercado regidos pela eficiência, lucro, produtividade, êxito, competição, que lhe permitam também preparar uma mão-de-obra para este mercado dual, que separa os "bons" dos "ruins" e negligencia elementos que, se não no todo, pelo menos em parte orientaram a formação das redes de ensino público e gratuito: a cidadania, a participação, a igualdade. (VIEIRA, 2008, p. 17)

2 *Reportagem "Estudo revela motivos para o desinteresse de estudantes pelo ensino médio" disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2013/06/25/ensino_educacaobasica_interna,373237/estudo-revela-motivos-para-o-desinteresse-de-estudantes-pelo-ensino-medio.shtml*

Ainda que pareça desanimador, o ensino pode ser encarado como um organismo em constante mutação, se transformando com auxílio de novas práticas e profissionais interessados na mudança de forma a tornar a educação ao menos libertadora.

1.2 A convergência dos diversos media como ferramentas de ensino

O quotidiano de um estudante nos dias atuais está permeado por inovações tecnológicas e uma infinita fonte de informação a apenas um toque de distância. Este mesmo jovem cresceu próximo da televisão, cinema, videojogos e outros tantos media já banais e completamente inseridos na experiência individual. Por outro lado, a realidade escolar persiste em um universo marcado por práticas metodológicas desgastadas, velhos padrões e um aprendizado desconexo da experiência extraclasse de milhões de alunos no Brasil. É através da necessidade de novas ferramentas de ensino que o vislumbre de novos usos paras os meios de comunicação num contexto educacional se mostra possível.

Pinturas, fotografias, ficções e materiais audiovisuais vem sendo há algum tempo utilizados nos espaços escolares, ainda que historicamente seja considerado um passado recente. A principal premissa dos seus usos se dá na busca de contextualização sobre o tema a ser debatido. Entre filmes históricos, pinturas renascentistas e fotografias da Segunda Guerra Mundial, disciplinas como História, Geografia e Língua Portuguesa possuem uma infinidade de objetos à disposição do professor junto aos seus alunos. Mas é notável perceber como a expansão da utilização do computador pessoal trouxe à tona uma nova perspectiva à participação do discente neste processo de aprendizagem.

A *"cultura da convergência"* é um termo criado por Henry Jenkins (2008) e debatido acerca dos novos caminhos dos grandes meios de comunicação após a popularização do uso da internet, contando com uma participação mais ativa do receptor e consequentemente maior fluxo de conteúdo produzido. Para o pesquisador, "a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos". (JENKINS, 2008,p.27)

Inserida nesse universo, a chamada cultura da participação é efeito da utilização massiva das redes sociais, permitindo a transformação de consumidores passivos em produtores culturais de uma forma colaborativa. Presentes no dia a dia dos jovens, são estas redes comunicacionais um espaço capaz de promover aprendizados informais sobre conteúdos ensinados em sala de aula. A *Wikipedia*, uma enciclopédia on-line, de acesso livre, é um dos casos em que conteúdos e informações são compartilhados por seus usuários ao mesmo tempo em que gera novos conhecimentos. A título de exemplificação a partir de outra rede, um docente da rede estadual de educação em Pernambuco simulou, no sítio do Facebook, uma linha do tempo referente à Segunda Guerra Mundial com postagens e perfis relacionados ao conflito. [Fig. 1]

Fig. 1 *Postagens sobre a Segunda Guerra Mundial no Facebook. Fonte: HistoriaBlog*

Utilizando uma linguagem marcada por gírias e próxima aos jovens, a página criada pelo professor Paulo Alexandre Filhou gerou mais de 13 mil compartilhamentos na mesma rede social além de promover debates entre educadores sobre a eficácia do formato.

> Diariamente se acumulam provas de que, se você oferecer às pessoas a oportunidade de produzir e compartilhar, elas às vezes lhe darão um belo retorno, mesmo que nunca tenham se comportado desta maneira e mesmo que não sejam tão boas nisso quanto os profissionais. (SHIRKY, 2011, p. 26)

Por parte dos alunos, a partir dos comentários recebidos foi possível visualizar a resposta frente aos novos usos de um meio costumeiramente ligado à relações de troca de informações de cunho pessoal. Um dos leitores imprime sua opinião pessoal favorável sobre o exercício[3] , *"Parabéns pelo trabalho, está muito bom de fato, ensina história a um nível que independente do vocabulário, o conteúdo se torna acessível"* enquanto um segundo se mostra reticente devido à simplificação do conteúdo, *"Vale a iniciativa, mas muitos fatos precisam ser mais bem explorados, até porque "a história é escrita pelos vencedores"*.

O exemplo é feliz em dialogar com a participação ativa no meio online das novas gerações, entretanto, assim como qualquer outra mídia utilizada no aprendizado é necessário certos cuidados. A exploração dos conteúdos de

3 *Disponível em http://historia-blog.wordpress.com/2012/12/26/a-segunda-guerra-mundial-no-facebook/>*

forma muito simplista a fim de entretenimento fácil pode ser ineficaz à medida que não só exterioriza certos vícios antigos das salas de aulas (como a repetição mnemônica) como também a possibilidade de uma falsa impressão de que o que está a ser expresso é o centro destes relatos históricos, sem a devida preocupação sobre os processos por trás dos acontecimentos. Assim como os materiais didáticos, outras mídias conjuntas devem ser encaradas como ferramentas de auxílio para uma educação mais integradora e emergida nas experiências dos seus usuários, os alunos.

A banda desenhada, por sua vez, encontrou terreno fértil na segmentação do mercado e produção independente causadas pelos novos usos das redes online. Em seu livro *A Cauda Longa*, Chris Anderson (2006) atenta para o fato dos avanços tecnológicos e a internet proporcionarem um poder maior de escolha por parte do receptor, sendo os jovens, os principais atingidos. A era do compartilhamento em massa finalmente chegara, abrindo espaço para diferentes segmentos de mercado, predominantemente online. Pierre Lévy (1994), filósofo que estuda as interações entre internet e sociedade, vai denominar esse tipo de interação como "*todos e todos, como a emergência de uma inteligência coletiva*". E isso se configura na exata força que o fenômeno da cauda longa possui.

> A cultura deslocou-se do que antes era a mania de seguir as multidões até o topo dos gráficos para a busca efetiva do próprio estilo e para a exploração das trilhas que se afastam da tendência dominante, onde se depara com a relativa obscuridade e com o retorno aos clássicos. (ANDERSON, 2006, p. 27)

Apoiando-se sobre os pilares: faça, divulgue e me ajude a encontrar, a internet e o computador pessoal como ferramenta de trabalho e distribuição, permitem que a cultura se aproxime de tais nichos, que são numerosos, a custos mais baixos. Na democratização destas ferramentas de produção, aumentou-se a quantidade de conteúdo disponível. Se no Brasil, o mercado de banda desenhada era dominado pela produção internacional, a distribuição independente permitiu o surgimento de títulos nacionais. A cultura e história brasileira é um terreno de amplas possibilidades narrativas e não atoa que são costumeiramente planos de fundo para as ficções de banda desenhada lançadas.

Fig. 2 *Abaité: Bandeirantes. Fonte: Facebook*

Abaité: Bandeirantes (2013) **[Fig. 2]** é exemplo dessa nova realidade. Viabilizada com apoio da Secretaria de Cultura do Município de Santos e recursos obtidos por financiamento coletivo no site *Catarse*, utiliza-se do período histórico do Brasil Colônia para narrar o conflito entre um grupo de bandeirantes em expedição e uma tribo indígena. Estas imagens, constituídas a partir de um extenso trabalho de pesquisa, ilustram um conteúdo muitas vezes de difícil assimilação, ao mesmo tempo que cativam o seu público através de sua força visual e narrativa.

Outro media, os videojogos, por sua vez, permitem um ponto de imersão capaz de unir entretenimento e conteúdo de forma envolvente e lúdica, além de desenvolver habilidades específicas a partir dos propósitos de sua utilização. Sob a penumbra dos relatos e assunções acerca dos comportamentos violentos causados em determinados indivíduos, a possibilidade de integrá-los no universo educacional promovendo um aprendizado contextualizado se dá a partir de análises pedagógicas sobre seus conteúdos. Entre os chamados videojogos comerciais e os de caráter pedagógico são numerosos os pontos de convergência entre educador, educando e conteúdo.

Jogos do gênero de simulação, estratégia, ação, aventura, *RPG*[4] e tantos outros, oferecem uma participação colaborativa enquanto engendram no aluno um interesse mais aprofundando pelo conteúdo, é o que diz a pesquisadora Lynn Alves, coordenadora do núcleo de pesquisa *"Comunidades Virtuais"* pela Universidade Estadual da Bahia:

> "(...) muitos desses jogos, inclusive os jogos comerciais, que normalmente a gente tem uma resistência e um preconceito, eles levam a uma aprendizagem colateral (...) aquele universo do jogo fomenta no jogador, o desejo de buscar mais informações sobre aquela narrativa.(...) O game não é só afruição e entretenimento, é também um espaço rico de aprendizagem." (Lynn Alves em entrevista ao programa televisivo Globo Educação, 2013)

No videojogo de ação, *Assassin's Creed III (2012)*[5], o enredo ficcional é baseado nos acontecimentos reais da Revolução Americana que culminaria com a independência dos Estados Unidos da América frente ao império inglês, no século XVIII. Há um cuidado pela reconstituição histórica por parte dos desenvolvedores, como pode ser visto na imagem **[Fig. 3]**, onde cada morte dentro da narrativa é similar ao ano e localidade de pessoas reais que lutaram no conflito.

Fig. 3 *Assassin's Creed III. Fonte: The Penny Arcade Report*

4 *Jogo de interpretação de personagens (Role-Playing Game) e narrativa colaborativa.*

5 *"Assassin's Creed realmente pode ter ensinar algumas coisas" Artigo disponível em <http://www.kotaku.com.br/assassins-creed-valor-historico/>*

Outro exemplo, *Dante's Inferno (2010)* [**Fig. 4**], citado por Lynn Alves é baseado no poema *A Divina Comédia* de Dante Alighieri e mantém semelhanças narrativas que permitem um interesse do jogador pela obra original.

Fig. 4 *Dante's Inferno. Fonte: Electronic Arts*

No âmbito nacional, o desenvolvimento de videojogos cresce de forma tímida, ganhando especial atenção a distribuição voltada para o mercado dos dispositivos móveis[6]. Jogos didáticos com especial enfoque para a educação brasileira são em grande parte desenvolvidos em espaços acadêmicos. A *Revolta da Cabanagem (2008)* [**Fig. 5**] por exemplo, é um jogo de computador educativo cuja temática é o movimento Cabano ocorrido no Pará no século XIX de autoria do Laboratório de Realidade Virtual da Universidade Federal do Pará. Distribuído gratuitamente, propõe uma "abordagem construtivista, onde o aluno ao jogar, constrói o conhecimento abordado pelo jogo, deixando para o professor guiá-lo na construção do seu conhecimento." (FILHO et al. 2008, p. 8)[7]

Fig. 5 A Revolta da Cabanagem. Fonte: LaRV - Laboratório de Realidade Virtual

6 *"O mercado evoluiu em termos de distribuição. Agora, há grandes oportunidades no desenvolvimento de jogos para mobile", explica Marcos Vinícius Cardoso, consultor da Associação Brasileira dos Desenvolvedores de Games (Abragames). Trecho retirado da reportagem "Indústria de jogos deslancha no Brasil". Disponível em: http://economia.ig.com.br/empresas/2013-07-08/industria-de-jogos-deslancha-no-brasil.html.*

7 *Retirado do artigo "Jogo Educativo, Lúdico, A Revolta da Cabanagem". Disponível em: http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/seminario4/trab/mrf.pdf*

Os transmedia[8] e a cultura da convergência não devem impedir que o aluno aprenda com a educação formal. É necessária uma via de encontro entre estas ferramentas, para que funcionem como auxílio.

> Contudo, no contexto educacional, Lamb e Johnson (2010) chamaram a atenção do fenômeno da convergência e da transmídia como suportes para dois tipos de pensamento. Ao proporcionar uma variedade de recursos e de fontes de informação, a transmídia e suas múltiplas opções estimularia o pensamento divergente, no sentido de se pensar em mais de uma solução para um determinado problema e, no nível individual, permitir que os aprendizes construíssem seu aprendizado de forma a atender suas necessidades e características. (SABBATINI, 2011 p. 8)

8 *Definido como a transmissão de uma mensagem ou história através de vários media, onde o foco na verdade é a história a ser transmitida.*

A proposta do trabalho não é levantar o maior número possível de objetos aptos para novos usos na construção de aprendizados, mas chamar a atenção para media que costumeiramente são considerados meras formas de entretenimento, enquanto comunicam com uma geração acostumada e imergida no universo tecnológico que se construiu nas duas últimas décadas. E ai nda, permite um diálogo horizontalizado com o professor, uma vez que estes estão lidando muitas vezes com meios incomuns à sua realidade e portanto o saber é partilhado de forma mais igualitária e participativa.

1.3 Entre o saber e o fazer: o cotidiano aplicado à educação formal

1.3.1 O método Paulo Freire de alfabetização

Em 1963, o educador Paulo Freire aplicava uma estrutura de ensino de alfabetização a analfabetos, no interior do Rio Grande do Norte, Brasil que mais tarde viria a ser chamado de Método Paulo Freire de Alfabetização. A experiência conhecida como *As 40 horas de Angicos* para além da proposta de alfabetizar tais indivíduos em apenas 45 dias, buscava ainda suscitar nos mesmos, uma consciência crítico-reflexiva sobre a realidade destes trabalhadores das camadas populares mais baixas. Diante de uma educação elitizante, era preciso direcionar olhares mais atentos àqueles que sempre estiveram às margens da sociedade, excluídos do processo de legitimidade do ensino.

A experiência compunha-se em três etapas: A investigação, onde professor e aluno buscariam as devidas referências na vivência do segundo para serem utilizadas em sala de aula; A temática, através da descoberta das significações sociais do tema debatido e por fim, A problematização, onde buscar-se-ia a construção da consciência crítica do estudante alimentada pelo educador.

Paulo Freire, um ferrenho crítico dos métodos de ensino baseado exclusivamente em ferramentas didáticas, como as cartilhas escolares e processos de aprendizagem baseados na repetição, afirmava que o método educativo necessitava acompanhar a prática cotidiana dos seus alunos para ser bem-sucedido. Assim se firmaria uma relação entre experiência vivida e conteúdos específicos. O seu exercício se valia por palavras geradoras, como “terra”, “tijolo”, “colheita”, já conhecidas oralmente e partir

destas, ampliava-se o repertório de novas escritas e leituras. "A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada "invasão cultural" ou "depósito de informações" porque não emerge do saber popular. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno." (FEITOSA, 1999, pp. 1-2)

Ao mesmo tempo, através do diálogo entre educador e educando, buscava-se promover a reflexão acerca do contexto social de seus estudantes, ao questionar a situação de cada um deles, onde estas relações interativas promoveriam a produção de novos conhecimentos. Freire acreditava no papel democrático do ensino, possibilitando novos aprendizados e mais importante, o homem não mais como sujeito passivo e acrítico, enquanto negava o conhecimento como algo finalizado. A ação pedagógica seria então responsável por promover ferramentas que permitam a transformação social do indivíduo, a construção da consciência crítica e consequentemente, a modificação da sociedade.

> O que existe de mais atual e inovador no Método Paulo Freire é a indissociação da construção dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita do processo de politização. O alfabetizando é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade enquanto aprende a escrever a palavra sociedade; é desafiado a repensar a sua história enquanto aprende a decodificar o valor sonoro de cada sílaba que compõe a palavra história. (FEITOSA, 1999, p. 2)

Após os 45 dias direcionados à experiência, os mais de 300 cortadores de cana foram alfabetizados sem a utilização da cartilha didática. Os resultados positivos chamaram a atenção do Presidente do Brasil, João Goulart que decidiu por organizar uma campanha de alfabetização de abrangência nacional, com o objetivo de levar o ensino a mais de 2 milhões de pessoas. Entretanto o golpe militar de 1964 pôs fim aos planos de Paulo Freire. Considerado subversivo, foi preso e posteriormente exilado. O caráter democrático e contestador do método não se enquadrava aos planos do novo governo e em seu lugar foi implantado o já citado MOBRAL. Meio século após a experiência, os relatos de quem participou comprovam que o Método foi e ainda é exemplo de uma prática pedagógica de caráter transformador ao mesmo tempo em que é atual aos anseios de uma educação pública democratizada. Em entrevista referente aos 50 anos das *40 horas de Angicos*, para a Inter TV Cabugi em 2013, Maria Eneide proferiu as seguintes palavras: *"Eu aprendi a ler no colo do meu pai e quando ele não podia ir eu acompanhava minha mãe e depois ensinava meu pai. A partir dali eu tive certeza de que seria professora e hoje dou aula para alunos da educação infantil"*

1.3.2 História Local

Ciente da necessidade da reformulação das práticas pedagógicas e de uma abordagem mais próxima da vivência do aluno, o Ministério de Educação brasileiro (MEC) lançou uma proposta denominada de Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) cuja função é "orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros" (BRASIL/MEC/SEF, 1997, p. 16), enquanto busca a transformação da educação respeitando as particularidades sociais e culturais de

cada região na tentativa de desvinculação do ensino até então impositivo e antidemocrático.

É ressaltada ao longo do documento a importância do conhecimento da História para os avanços sociais do país, ao mesmo tempo em que se perfaz a crítica sobre o modelo vigente. Ao adotar uma única linha de interpretação da história, exclui-se outras possibilidades de reflexões aos alunos. É importante que se forneça ferramentas para uma percepção crítica do conteúdo assimilado. O aluno como sujeito inserido nos processos sociais que compõem a história de uma nação. Partindo do pressuposto que por meio das nossas experiências e da junção entre teoria e prática aprendemos melhor, ao utilizarmos o cotidiano, o atual, para a reflexão sobre o passado, rompemos com o senso comum de que presente e passado estão desconectados e por consequência, tratamos a história nacional de uma forma mais orgânica e pertinente aos olhos dos alunos.

Para o MEC a ação se dá através do desenvolvimento da História Local e a construção de novos conhecimentos. "Nesse sentido, a história local é entendida aqui como uma modalidade de estudos históricos que, ao operar em diferentes escalas de análises, contribui para a construção de processos interpretativos sobre as diferentes formas de como os atores sociais se constituem historicamente", (TOLEDO, 2010, p. 9). Em uma abordagem que se assemelha ao método idealizado por Paulo Freire a construção do aprendizado entorno da temática se dá em tempo presente e por meio de um contínuo diálogo entre aluno e professor. Ambos se tornam produtores de novos conhecimentos sobre uma história em constante desenvolvimento.

Nesta mesma abordagem, designa aos educadores sete princípios em que acreditam ser fundamentais para a formação de um cidadão crítico, conhecedor da sua própria história e identidade:

> Identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços; Organizar alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo a formular explicações para algumas questões do presente e do passado; Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles; Reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço; Questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação políticas intencionais e organizações coletivas da sociedade civil; Utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros; Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo as como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia. (BRASIL, 1997, p. 41)

A partir de tais desígnios, a função pedagógica da História Local seria a de "(...) ajudar a perceber que uma nação é um todo feito de partes (...) e que o conhecimento do país através da história das suas partes suscita menos euforias e triunfalismos mas é mais realista e mais seguro". (SILVA, 1988, p. 9). Mais que memorizar nomes, datas e fatos, indicar e fazer

refletir acerca dos processos que levaram a determinado acontecimento. Por exemplo, os fatores por trás do descobrimento do país, independência, proclamação da república, ou fatos mais regionalizados como as revoltas populares, o banditismo, coronelismo, messianismo entre tantos outros conhecimentos ao longo dos 500 anos de história – ou mais se levarmos em consideração a existência indígena anterior a Cabral – que compõem uma série de singularidades e diversidade histórica.

Fugindo da História tradicional e centrando-se no recorte regional, a problemática da falta de material didático – que por natureza trata o tema de forma mais generalizada por questões de possibilidades de mercado – pode ser suprimida com a utilização de outras fontes históricas como a própria oralidade através de entrevistas e relatos, além de objetos iconográficos e documentos áudio e/ou visuais que não só funcionam de forma mais interativa como palpável para os alunos. O próprio trabalho de pesquisa ao ser compartilhado traz consigo novos saberes e perspectivas.

Dessa forma, o desafio de abandonar a premissa da excessiva importância e abrangência da utilização do livro didático que muitas vezes sobrepõe-se ao plano curricular e atividades que melhor auxiliariam a exposição e compreensão das temáticas, surge como uma oportunidade de transformação da prática pedagógica. Independente da mudança de discurso acerca do ensino formal, o livro ainda funciona como verdadeiro manual, sendo desta forma bem objetivo e pragmático quanto ao conteúdo expondo uma versão generalizada que em pouco permite as particularidades de cada região e a visão de personagens comuns sobre a história.

É a partir da possibilidade de uma abordagem mais centrada na história de Goiás que encontramos a figura da Santa Dica de Goiás, personagem que fez parte da história do Brasil - inserida no contexto dos messianismos e das revoltas sociais durante a República Velha, no início do século XX - mas que permanece desconhecida, mesmo em Goiás sendo sobrepujada a outros saberes como a Revolta de Canudos, movimento liderado por Antônio Conselheiro, em Canudos (BA). Apesar de trazerem consigo grandes semelhanças, apenas a segunda pode ser encontrada nos planos curriculares de ensino e materiais didáticos. A sobrevivência de Dica se deu graças à riqueza visual a que está associada e à transmissão através da oralidade de uma geração para a outra.

Além de revelar uma personagem quase esquecida, sua relevância cultural e histórica para a nossa identidade regional, é importante promover a reflexão sobre o movimento messiânico, suas causas e justificativas em um contexto nacional. Ao mesmo tempo compreender a importância da oralidade como transmissão das tradições de uma região. Assumir por fim o homem comum, pois graças a ele, a história vem sendo contada ao longo das gerações. “Ao trazer à tona acontecimentos, personagens e lugares comuns ao estudante, (a história local) possibilita sua aproximação com a disciplina e faz com que perceba a relação dialética entre passado e presente.” (PEREIRA, 2011, p. 3).

1.4 O património cultural imaterial: a oralidade que preserva a memória

Para a UNESCO, o património cultural imaterial se define como uma série de:

> Práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO apud CASTRO, 2008, p. 11)

Enquanto a História Clássica foi engendrada ao longo dos séculos a partir da solidez de documentações históricas, relíquias e construções civis – pode citar-se o exemplo das igrejas erguidas entre os séculos XV e XVIII, consideradas cartões postais de inúmeras cidades –, tais registos produzidos e reforçados pelas forças dominantes tornaram-se a base da identidade de uma região. Um património, cujo significado por diversas vezes não se traduz em pertencimento e participação social, ignorando as vozes representantes da multiplicidade cultural de um povo. Sob a ótica da existência de manifestações culturais imateriais,

> a noção supõe, assim, o enfoque global e antropológico do patrimônio cultural: a oralidade, os conhecimentos tradicionais, os saberes, os sistemas de valores e as manifestações artísticas tornaram-se expressões fundamentais na identificação cultural dos povos. (IPHAN apud CASTRO, 2008, p. 13).

A memória, por sua vez, é base fundamental da busca constante da compreensão e consciência crítica sobre o passado com a intenção de perceber o presente, conduzindo a um processo social que legitima a construção de uma identidade coletiva, como bem afirma Lowenthal (1995, p. 75): "toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado." No processo, os indivíduos presentes nos acontecimentos são também testemunhas, com pontos de vista distintos, capazes de promoverem releituras sobre um fato sedimentado na história.

Neste sentido, o património imaterial nada mais é que um vínculo entre presente e passado onde a oralidade se dispõe como uma ferramenta capaz de produzir evidências sobre tais processos, e em que os relatos permitem traçar o que alguns historiadores consideraram como a *trajetória dos excluídos*. Excluídos no sentido de estarem posicionados à margem da História oficial por questões de origem política e social, máxima de George Orwell, segundo o qual "a história é escrita pelos vencedores". Para Ferreira (1994, p. 327), "na recuperação da história dos excluídos, os depoimentos orais podem servir não apenas a objetivos acadêmicos, como constituir-se em instrumentos de construção de identidade e de transformação social." A oralidade como metodologia favorece a consoli-

dação de uma memória coletiva estruturada a partir de uma diversidade de vozes, promovendo o resgate, preservação e a transmissão da cultura de uma região.

> As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. [...] São memórias que falam. (DELGADO, 2003, p. 21)

Mais que documentar fatos, tem-se a possibilidade de compreender a humanidade. Os acontecimentos relacionados com Benedita Cipriano Gomes, a Santa Dica, fazem-se presentes na atualidade muito devido às transmissões orais dos envolvidos às gerações que se seguiram naquela região. A crença que os moveu ao local para viver junto daquela que acreditavam tratar-se de uma santa, foi a também responsável por perpetuar ao longo da história os milagres presenciados, os ensinamentos e as previsões futuras. A desvalorização da cultura popular, rejeitada durante muito tempo pelos defensores da cultura erudita, é talvez um dos motivos pelos quais Santa Dica é desconhecida em Goiás. A origem humilde, a sua religiosidade e até mesmo o fato de ser uma mulher, num local reconhecidamente machista – condições condenadas pelas elites locais e pela igreja e erroneamente traduzidas como inferiores -, não podem ser impeditivos do reconhecimento da sua importância. Como afirma Bari (2008, p. 221), "a cultura popular foi identificada como manifestação imitativa e inferior, misturando-se facilmente à cultura de massa e também oferecendo ao povo os perigos das ideologias hegemônicas."

Se nas documentações e registos oficiais, a narrativa de Dica adquire um caráter preconceituoso, encarado pelo olhar dos dominantes, surgindo como um mero fato presente na linha do tempo da história de Goiás, as transmissões orais daquele grupo social, remanescentes da República dos Anjos, preenchem as lacunas da memória, adicionando novos significados ao passado. É também importante lembrar o trabalho de pesquisa em torno das investigações sobre o tema. No caso de Santa Dica, para as investigações posteriores – as primeiras, quase cinco décadas após os acontecimentos –, a escolha da oralidade como metodologia permitiu que os depoimentos dos moradores e outros envolvidos fossem cruciais para a compreensão do tema. A exposição destas tradições culturais em níveis mais amplos, frente às limitações territoriais e sociais da habitual transmissão, impede o seu desaparecimento na História. Mais uma vez, memórias que relembram, preservam e divulgam um património imaterial incalculável.

1.5 Santa Dica de Goiás: o último movimento messiânico do Brasil

O messianismo brasileiro possui profundas relações com o mito português, o Sebastianismo. A crença religiosa pelo retorno de um salvador que findaria a opressão, miséria e sofrimento de um povo desacreditado em

sua pátria. No Brasil, uma série de movimentos sociais durante a primeira fase da recém-criada República teve como plano de fundo a busca religiosa frente às mazelas sociais provocadas pelo abismo socioeconómico entre a elite brasileira e grande parte da população, de natureza pobre e analfabeta. O messianismo é caracterizado por um movimento social de cunho religioso que se utiliza da crença para promover mudanças sociopolíticas enquanto encabeçado por um líder carismático e suposto agente de tal subversão da ordem social vigente.

> As ideias messiânicas viriam responder, então, a um desejo de mudança da humanidade, a ocorrer no mundo cheio de imperfeições. Os grupos que participam desses movimentos creem, com um fervor religioso, que o domínio ou a opressão que sobre eles se abate irá ter fim. Assim, o messianismo se transforma em uma ideia de busca do futuro, abandonando a presente ordem social sem perder seu fervor religioso, apesar de destituir de suas formas religiosas. (VASCONCELLOS, 2013, p. 38)

Canudos, Joazeiro, Contestado, Mucker, são exemplos destes movimentos sociais, conhecidos e embasados num estudo mais aprofundado sobre suas particularidades. Entre estes se destaca o primeiro, liderado por Antônio Conselheiro no fim do século XIX e presença frequente na historiografia nacional, no que se refere à República Velha. Sua insatisfação com a nova organização política instaurada, o desejo do retorno da monarquia e sua estreita relação com a Igreja, aliados ainda aos problemas sociais enfrentados pelos sertanejos no sertão baiano, foram os motivos apontados pelos estudiosos para que se fizesse deste homem um peregrino pelos sertões nordestinos.

> Crê-se que a localização na zona rural se dá em função de ser ali onde, naquele momento, as contradições ou a opressão se faziam sentir mais intensamente. As forças desencadeantes tanto das contradições como da opressão poderiam, no entanto, ser exteriores ao meio rural, como novas formas de relações a ser introduzidas no campo pelo capitalismo. (VASCONCELLOS, 2013, p. 63)

Enquanto vagava pelo interior da Bahia, Conselheiro atraiu milhares de sertanejos através das suas pregações, em que defendia a liberdade do homem contra a opressão e injustiça causadas pela República. A identificação destes com a causa possibilitou a fundação de uma comunidade chamada Belo Monte, em 1893, mais tarde conhecida como Arraial de Canudos. Para se ter uma ideia da dimensão tomada pelo movimento, em três anos de existência do arraial, o número de habitantes aumentou de cerca de 10 mil para 35 mil habitantes, tendo-se possivelmente tornado na época, a segunda cidade mais populosa da Bahia.[9]

Uma tríade formada por fazendeiros, a igreja e o governo não via com bons olhos tais configurações. Os fazendeiros estavam perdendo a principal fonte de trabalho nas suas terras. A igreja estava incomodada com o crescimento da influência do líder messiânico sobre os seus fiéis. E por fim, o recém-criado governo reconhecia no arraial uma revolta insurgente contra a República capaz de promover desdobramentos em outras regiões do país. O envio de tropas republicanas ao interior da Bahia foi a solução encontrada para dar fim ao movimento religioso. Após três expedições militares fracassadas, Canudos conheceu a sua destruição, a população foi massacrada e Antônio Conselheiro, que na altura já se encontrava morto,

9 *Dado retirado do artigo "Canudos: guerras de memória". Disponível em http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=printpdf/artigo/canudos-guerras-de-mem%C3%B3ria Acesso em Abril, 2014.*

foi desenterrado e exposto como troféu republicano.

> No final da guerra, há uma preocupação evidente por parte das autoridades em atestar a vitória da República e varrer Canudos, e tudo que ele representava, do mapa. O arraial é incendiado, Antônio Conselheiro é desenterrado, seu cadáver é decapitado, a cabeça exibida para populações pelo caminho e em Salvador. São medidas profiláticas para que outras experiências desafiadoras da ordem não seguissem aquele exemplo. (MONTEIRO, 2007, p.2)

Como apontado anteriormente, Canudos faz parte da historiografia oficial do país, presente nos materiais didáticos, além de fonte de livros e filmes de sucesso. É inegável o processo de construção da imagem de herói de um homem marginalizado em sua época e por isso a sua trajetória sustenta a posição elevada em que se encontra na educação brasileira, porém não se traduz como a única. O forte apelo regional, aliado ao misticismo de tantos outros agrupamentos espalhados ao longo do país, acabou por torná-los desconhecidos e excluídos dos livros de História do Brasil.

No interior de Goiás, durante a década de 20, surgiu uma jovem que desafiaria a ordem vigente sob a premissa da realização de milagres e salvação divina. Carismática, era tida como Santa. Benedita Cipriano Gomes, a Santa Dica **[Fig. 6]**, se transformaria em um património cultural quase esquecido, sobrevivendo graças à força de sua história ao longo das gerações de um pequeno grupo de moradores de um diminuto distrito, chamado Lagolândia.

Fig. 6 *Benedita Cipriano Gomes. Fonte: VASCONCELLOS, 2013, p. 129*

Findado o apogeu da mineração, no início do século XX, a economia goiana baseava-se quase que exclusivamente da pecuária. Apesar das grandes extensões de terra disponíveis, a população não ultrapassava os 600 mil habitantes[10]. Tratava-se de um estado pobre e desconhecido, pouco desenvolvido, sem qualquer tipo de industrialização e distante da esfera do poder centralizada na região sudeste, onde se encontrava a capital do país. Tal como nos outros estados brasileiros durante o período, a política era dominada pelas oligarquias locais, sendo constituída por proprietários rurais, conhecidos como coronéis.

10 *A população goiana era constituída de 511.919 pessoas na época do censo de 1920.*

> As oligarquias de Goiás se sucediam no poder. Ora lá estava o bulhonismo (chefiado por José Leopoldo de Bulhões Jardim), ora o xavierismo (ligado a José Xavier de Almeida, pra o caiadismo (dominado por Antônio "Totó" Ramos Caiado). Bastava que os interesses de uma facção fossem contrariados para que esta rompesse com a ordem dominante e criasse ou se aliasse a outra, tornando-se oposição. (VASCONCELLOS, 2013, p. 100)

Por sua vez, nada menos que 94% da população constituinte da sociedade goiana pertencia à classe baixa, segundo dados no recenseamento de 1920. Estes viviam nos sertões de Goiás e eram também a classe dominada. A educação era direcionada a poucos e consequentemente, a configuração social, económica e política do estado acabou por propulsionar uma série de manifestações religiosas junto de um povo oprimido.

A trajetória de Santa Dica transcorreu na fazenda Monzodó, local onde nasceu em 13 de abril de 1905, e distante 36 quilômetros de Pirenópolis. Um dos primeiros locais do estado a serem povoados durante as expedições dos Bandeirantes, ainda no século XVIII, a cidade enfrentava o declínio económico após os tempos áureos da mineração e contava apenas com a agricultura. De acordo com Vasconcellos (2013, p. 114), a "economia de subsistência, população escassa e pequeno orçamento fazem de Pirenópolis um município de pouca representatividade política no estado".

Benedita Cipriano Gomes depois que nascera, vivia sob os cuidados de sua avó paterna, dona Isabel Borges, na fazenda que sempre pertencera à família. Assim como tantas outras mulheres da época, desde cedo a sua aprendizagem resumia-se aos afazeres domésticos e à religião, enquanto crescia sem saber ler ou escrever. Na idade de 15 anos foi acometida por uma grave enfermidade e tida como morta, três dias depois, após o insucesso dos recursos locais, rezas e simpatias. Segundo relatos, foi durante a preparação de seu corpo para o sepultamento que Benedita ressuscitou, um milagre responsável pela notícia que se espalhou pela vizinhança, creditando à adolescente a imagem de curandeira.

Sertanejos procuravam-na em busca de curas para os seus males e não tardou que sua fama se estendesse pela região. Diagnósticos, remédios, conselhos e até profecias eram transmitidos através dela em nome de uma legião de anjos, na qual era a representante na terra. E tal como em outros movimentos religiosos como a própria história de Canudos, aos poucos, os seus seguidores começaram a surgir, enquanto a sua liderança se consolidava.

> São os milagres e profecias que transformam a adolescente Benedicta Cypriano Gomes em santa para aqueles que ali se achavam. A fama e a crença em seus poderes sobrenaturais – espírita que conferencia com uma legião de anjos – faz com que a Lagoa se torne habitação permanente de um grande número de pessoas. (VASCONCELLOS, 2013, p. 119)

Na pequena fazenda Monzodó, às margens do rio do Peixe, cerca de 600 fiéis[11] fixaram-se em busca da proteção dos anjos e dos ensinamentos de Santa Dica, sem contar com as mais de 60 mil pessoas atraídas pelas notícias dos milagres. Carregando a alcunha de *República dos Anjos*, a comunidade foi fundada sob a premissa da salvação divina, à disposição daqueles que ali vivessem segundo os mandamentos.

10 *Dado presente no a1quivo do processo 651, referente à prisão e julgamento de Benedita Cipriano Gomes, data de 1925.*

12 *Trecho retirado do anexo do livro de Lauro Vasconcellos.*

Organizada e administrada por Dica, a recém-criada cidade funcionava sob a base de um sistema de subsistência e trabalho coletivo. Grande parte de sua população compunha-se de trabalhadores ligados a terra e através das ordens ditadas pelo plano espiritual, estes eram responsáveis pelo plantio e colheita dos alimentos a serem distribuídos entre os restantes. Para Dica, a força de trabalho deveria ser utilizada apenas para o consumo, sem maiores excessos, e toda a produção partilhada igualmente entre os moradores da comunidade. Não por acaso, mais tarde recebeu o apelido de "Lenine de saias" num dos ataques públicos da igreja contra o reduto, diante do temor de um roupante socialista naquela região.

> […] relegado estava o trabalho, porque Dica, pelos seus Anjos ou espíritos, dizia que trabalhassem o necessário para comer e vestir, porque o mundo ia se findar e nesse pressuposto já uma grande parte da população existente não trabalhava, esperando o termo final do mundo. (Processo 651 apud VASCONCELLOS,1991, pp. 134-135)

Sertanejos de todas as regiões do estado de Goiás ali passaram a viver. O fato causou descontentamento nos setores dominantes da sociedade. Os coronéis, representantes do poderio político e económico da localidade, começara a perder a sua força de trabalho para a jovem do rio do Peixe. Muitos abandonaram os seus empregos em busca de condições mais igualitárias, distantes de um sistema tão opressor, além da aspiração pela salvação divina profetizada por Dica. Para além da evasão de seus empregados, outro fator causou indignação entre os fazendeiros: diante do crescimento da República dos Anjos, a fazenda de sua família se tornara insuficiente para suprir as demandas da população. Segundo testemunhos, Dica ordenou então que se apropriassem das terras improdutivas de outros proprietários naquelas proximidades. Em entrevista com Eusébia Arruda Leite (1980) esta afirma *"[…] agora, tinha u'a coisa que ela num tava achano bão, eu num sei cumé que é… A terra, nem que fosse aieia, trabaiasse e desse o mantimento pos pobre, pros precisado, né? Isso aí o povo num aceitava né? Num queria…"* [sic][12].

A igreja católica que mantivera sua força religiosa mesmo após o fim da monarquia no Brasil, não via com bons olhos a suposta santidade de Benedita Cipriano Gomes. Os seguidores de Dica acreditavam tratar-se de uma enviada dos anjos, uma profetiza capaz de realizar milagres. Além de proibir o trabalho aos sábados e as pregações em nome dos anjos, em determinado momento, a mulher passou a realizar casamentos e batizados dentro da República, um papel exercido pela igreja, que agora começava

a perder os seus fiéis. Em Goiás, no município de Campinas, a Ordem do Santíssimo Senhor Redentor, preocupada com a influência de Santa Dica, iniciou uma série de ataques públicos no seu jornal católico "O Santuário de Trindade".

> Tanto o "Democrata" da Capital como nós destas colunas já dirigimos um apelo à polícia do Estado para por um paradeiro as especulações e pertubações da ordem ocasionadas pela tal Dica dos Anjos. Os efeitos perniciosos das insinuações da bruxa já se fazem sentir entre o povo ignorante e sempre propenso à novidade e causas curiosas. Os fazendeiros já se queixaram, que apesar da falta extraordinária de braços para a lavoura e outros serviços, não podem vencer a obstinação de certos fanáticos que recusam a trabalhar nos sábados por que a tal moça (?!) do Rio do Peixe afirma que nesse dia não se deve trabalhar. (Jornal Santuário de Trindade apud VASCONCELLOS, 1991, p. 141)

É importante salientar que se tratava de uma época em que à mulher não era permitida uma posição elevada na sociedade e Dica conquistara a liderança política e religiosa num um local marcado pela estagnação económica. O movimento messiânico durou aproximadamente dois anos, entre 1923 e 1925 e durante esse breve período, o suficiente para instaurar uma crise política, suficiente para uma futura intervenção do Estado. Como último golpe, a líder decidira declarar a independência de sua República e a recusa do pagamento de impostos ao Estado.

A solução encontrada pelo governo para dar seguimento às pressões dos grupos dominantes e salvaguardar a sua posição política, foi a acusação de atentado contra a saúde pública por parte de Dica e dos seus seguidores. A acumulação de fiéis, muito deles doentes, movidos apenas pela fé da cura, era a desculpa necessária, uma vez que a liberdade religiosa era permitida no país. A intervenção da força pública ganhou a alcunha de Dia do Fogo, em 14 de outubro de 1925, quando um grupo de soldados da polícia militar foram enviados à comunidade para efetuarem a prisão de Benedita Cipriano Gomes e de alguns dos envolvidos na manutenção do local. Na recusa desta em se entregar, o embate entre moradores e a polícia causou a morte e a prisão de alguns moradores, enquanto Dica fugia ao atravessar o Rio do Peixe.

> Essa guerra, que durou não mais de trinta minutos – segundo o relato do comandante da tropa -, apresentou um saldo de dezesseis baixas entre os mortos e feridos seguidores da santa. […] Se havia superioridade de homens no reduto, pode-se afirmar pelo número de armas e munições posteriormente apreendidas no vilarejo, quando da busca ali realizada, que a população não estava preparara ou se preparando para dar combate aos seus inimigos. (VASCONCELLOS, 2013, pp. 156-157)

É também aqui que se encontra uma das passagens mais carregadas de misticismo sobre a trajetória da santa. Segundo o testemunho dos moradores do vilarejo, o número de baixas só não foi superior em razão de mais um dos milagres dos anjos. Supostamente, no momento em que a polícia atirava contra os moradores, Dica se colocara em frente às balas para defendê-los, mas tais tiros se enroscavam nos longos cabelos da mulher e caíam ao chão como grãos de milho. Enquanto a líder servia de escudo, a falange de anjos saída do Rio do Peixe posicionava-se entre as copas das árvores e telhados das casas do vilarejo para confundir a força policial.

A versão oficial contida no processo contra Benedita afirma que a ordem era a de atirar para o alto na tentativa de assustar os moradores e evitar que fugissem. Para os fiéis, essa foi a prova definitiva que consolidaria a imagem da líder, e que sobreviveu aos anos, mesmo após o fim precoce da República dos Anjos.

Depois da sua fuga, não tardou que Dica se entregasse à justiça, sendo posteriormente condenada à prisão. Após seis meses presa, seu processo passou por uma revisão com a definição de não existirem provas suficientes para mantê-la encarcerada. Mesmo em liberdade, a mulher estava agora proibida de retornar à Lagoa, sua terra natal, devido ao temor das oligarquias locais de novos agrupamentos em torno da líder. Uma vez na região sudeste, percebeu-se que a sua fama se estendera para além do estado de Goiás, tendo a imprensa noticiado exaustivamente a sua presença tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Um dos principais nomes do modernismo brasileiro, Tarsila do Amaral, também foi umas das que se renderam ao misticismo de Santa Dica. Numa das suas pinturas em nanquim, datada provavelmente da década de 1930, retrata a figura lendária de Benedita Cipriano Gomes.

Após retornar a Goiás e peregrinar pelo estado, Dica novamente se fixará às margens do Rio do Peixe, onde criará os seus filhos, rodeada outra vez dos seus seguidores, enquanto continua a realizar curas e pregações. Novamente se fez influente, entretanto sem os mesmos ensejos do passado. Aliou-se por diversas vezes às lideranças políticas da região, como no caso da Revolução Constitucionalista, quando foi condecorada cabo do exército brasileiro e liderou o seu batalhão, conhecido como Pés com Palha[13].

> Já em 1932 é solicitada a recrutar voluntários para participar dos legalistas, da Revolução Constitucionalista. Não só os conseguiu como também se incorporou ao Batalhão Goiano Siqueira Campos, tomando parte nos combates travados na Ponte do Jaraguá e Chapadão.(VASCONCELLOS, 2013, p. 122)

Em 1970, na agora chamada Lagolândia, Santa Dica morreu. A cidade hoje possui uma população não superior a 600 habitantes, mas a crença do retorno da líder do movimento dos Anjos é ainda presente. Na praça principal, o busto de Benedita é cercado pela imagem de dois anjos. Na casa onde viveu até ao dia de sua morte são realizados cultos e conferências por uma das suas seguidoras remanescentes. Ainda que a historiografia oficial do estado se tenha esquecido de Santa Dica, esta pequena comunidade insiste em não apenas relembrar mas também transmitir às novas gerações a história daquela que desafiou o Estado e as suas lideranças políticas, numa época onde as mulheres nem sequer tinham o direito de voto no país.

13 *O nome foi dado devido ao fato de Dica utilizar um pedaço de palha amarrada a um dos pés para ensinar aos voluntários, maioria analfabetos, a marcharem.*

CAPÍTULO 2

A IMAGEM COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

"Uma das funções primordiais da imagem é a função pedagógica."

Martine Joly

2.1 As funções pedagógicas da imagem

A definição do conceito de imagem defendida por Matine Joly (1994, p.13) é baseada na designação de algo que, "embora não remetendo sempre para o visível, torna de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece." A sua finalidade é a transmissão em forma de mensagem, e para isto, emissor e receptor são, assumidamente, questões-chave para o sucesso da comunicação. A imagem, por si só, é ineficaz quanto à construção de sentido, sendo o seu uso influenciado pela capacidade individual de interpretá-la e retirar as informações necessárias para a sua compreensão.

> Comunicar por meio de imagem faz parte da educação estética. Maffessoli (1995) considera a imagem um mesocosmos, um mundo do meio entre o macro e o micro, entre a espécie e o indivíduo, entre o geral e o particular. Alguém produz uma imagem, mas o espectador completará o seu sentido. Cada relação recriará as imagens expostas, influenciadas pelas diversas culturas daqueles que olham. (BERGONSI, 2007, p. 8)

Nos espaços de ensino, a adoção das imagens tornou-se algo recorrente ao longo do século XX, sendo introduzidas, inicialmente, nos materiais didáticos de apoio ao educador. Os avanços tecnológicos e condições de acesso, por sua vez, permitiram que outros media recebessem novos usos, integrados aos planos curriculares e aulas. Seja por meio de ilustrações, fotografias, reproduções de obras de arte, banda desenhada ou objetos audiovisuais, cada qual passou a operar sob as mais variadas funções linguísticas. A sua recepção como ferramenta de auxílio pedagógico, no entanto, sempre esteve ligada à capacidade do professor em promover a reflexão e consciência crítica sobre o uso das imagens. São diversos os casos em que os alunos são apresentados a uma série de recursos visuais, sem no entanto buscar a sua compreensão, atuando em semelhança com a experiência passiva de grande parte dos consumidores do conteúdo televisivo.

> Não é de hoje que as imagens visuais servem tanto para educar quanto para instruir. Na tradição pictórica oriental, em um primeiro sentido, integram um conjunto de representações sociais que, através da educação do olhar, definem maneiras de ser e agir, projetando ideias, gostos e valores. Num segundo sentido as imagens auxiliam no ensino direcionado, definindo o saber fazer em diferentes modalidades de aprendizado. (MAUAD apud OLIM, 2010, p. 95).

A comunicação por meio de imagens nunca esteve tão presente no quotidiano dos alunos como na atualidade. Para Bergonsi (2007, p. 7), "a imagem apresenta-se como forma dominante de comunicação em virtude do seu enorme manancial de informação e significação que nos chega por meio do sentido da visão." O constante contato dos alunos com imagens e assuntos abordados por meio de outros media e ferramentas – principalmente as online – acabou por tornar necessária uma abordagem mais incisiva quanto ao conteúdo, bem como a sua leitura, dentro da sala de aula. Consome-se media e informações de forma superficial, sem conferir ao ato uma reflexão sobre o conteúdo, contexto e veracidade. Na era do compartilhamento e auge da comunicação visual, pouco se discute acerca dos seus efeitos nos espaços de ensino.

> Não é difícil de detectar a tendência à informação visual no comportamento humano. Buscamos um reforço visual do nosso conhecimento por muitas razões; a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência real. [...] Porque procuramos esse reforço visual? Ver é uma experiência direta, e a utilização dos dados visuais para transmitir informações representa a maior aproximação que podemos obter com relação à verdadeira natureza da realidade. (DONDIS, 2003, pp. 6 – 7)

Para que se estabeleça uma relação ativa – e interativa – entre a imagem e o seu receptor, parece fundamental a adoção do alfabetismo visual desta linguagem, teoria defendida por A. Dondis, que consiste na criação de condições para as pessoas – neste caso, os alunos – extraírem o conteúdo inserido em tais informações visuais, para serem capazes de decodificar a mensagem sem a necessidade de auxílio de outra linguagem.

> O alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível de universalidade. A realização disso exige que ultrapassem os poderes visuais inatos do organismo humano, além das capacidades intuitivas em nós programadas para a tomada de decisões visuais numa base mais ou menos comum, e das preferências pessoais e dos gostos individuais. [...] Alfabetismo significa participação, e transforma todos que o alcançaram em observadores menos passivos. (DONDIS, 2003, p. 227 – 231)

Ainda que o sistema de ensino não promova uma eficaz capacitação de seus educadores acerca da alfabetização visual, é relevante ressaltar a sua importância aos alunos. Quanto mais experiências e vivências, maior a possibilidade de promover o conhecimento e para tal, torna-se necessária a aprendizagem da observação e significação das imagens. Os alunos são também atores sociais, capazes de interpretarem o contexto ao seu redor – e de o transformarem – não mais passivos diante dos sistemas ao quais estão submetidos. A leitura de imagens pode, por fim, auxiliar o estudante a desenvolver diversas outras competências, permitindo a interdisciplinaridade dentro da sala de aula. Para Gouvêa (apud Olim, 2010, p. 94), por exemplo, habilidades como comparar, descrever, enumerar, discriminar, recriar e interpretar qualquer texto ilustrado são efeitos causados pelo estímulo da leitura em livros didáticos de História e que podem ser transpostos. Para Olim (2010, p. 105), "o que realmente importa no âmbito das funções da imagem é saber se estas estão sendo utilizadas de forma correta, de forma que auxiliem o aprendizado do alfabetismo visual e do ensino de História. A melhor mensagem didática será, sem dúvida, aquela que for mais eficaz."

Sob esta premissa, a banda desenhada surge como uma ferramenta visual que, através de uma abordagem correta, pode resultar em experiências positivas quando utilizada nos espaços de ensino, e em especial nas aulas de História.

2.2 Os aspectos visuais e narrativos da banda desenhada

A banda desenhada (BD), conhecida no Brasil como história em quadrinhos (HQ) consiste, em síntese (e de forma generalizada) numa junção entre a linguagem verbal e não-verbal. Os desenhos, acompanhados de uma série de elementos visuais, e o texto, configuram um suporte que ao longo

do século passado sofreu pelo desprestígio junto dos educadores e críticos da leitura. O seu carácter despretensioso e suposta facilidade de leitura acabaram por fomentar uma visão preconceituosa sobre o seu valor cultural. Apenas recentemente mudanças significativas quanto à sua recepção proporcionaram um novo olhar sobre tais obras.

> A forma de arte dos quadrinhos tem muitos séculos de idade, mas é vista como invenção recente e sofre o mal de toda nova mídia. O mal de ser julgada por padrões antigos. (...) enquanto os quadrinhos forem vistos como gênero de escrita ou estilo de arte gráfica, talvez essa atitude nunca desapareça. (MCLOUD, S. 1995. p. 151)

Antes de se estender a usos mais específicos no campo pedagógico, torna-se necessária uma breve exposição sobre os aspectos visuais e narrativos destas histórias. Em definição, são "imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou produzir uma resposta ao espectador". Numa relação de complementariedade, imagem e palavra contribuem juntas para a exposição da mensagem, cabendo ao leitor, sua interpretação. Sobre esta relação, Barthes afirma:

> [...] toda a imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma "cadeira flutuante" de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros. [...] Desenvolveram-se, assim, em todas as sociedades, técnicas diversas destinadas a fixar a cadeira flutuante de significados, de modo a combater o terror dos signos incertos: a mensagem lingüística é uma dessas técnicas (BARTHES, 1990, p.32).

Ainda que a linguagem visual possua um peso maior na banda desenhada, é no emprego de ambas que se encontra o potencial narrativo deste media. É uma tarefa difícil delimitar o exato momento em que imagem e texto foram utilizados em conjunto na célebre configuração; enquanto alguns apontam o início junto ao surgimento da imprensa, outros estudiosos acreditam na construção das histórias em quadros, ainda que de forma primitiva, em tempos pré-históricos. Contudo, a sua popularização deu-se através das tiras reproduzidas nos jornais nas primeiras décadas do século XX. Por se tratar de um meio de comunicação em que desenhos contam histórias, não tardou a tornar-se um sucesso, em especial nos Estados Unidos da América na altura do período da recessão e durante a Segunda Guerra Mundial, devido às suas narrativas fantasiosas no meio de tempos de crise.

Durante muito tempo, a banda desenhada esteve associada à literatura clássica e talvez aí se encontre o longo demérito em relação a esse mesmo suporte. Era vista como um apanhado de imagens que suprimiam grande parte da escrita da narrativa, quando na verdade se tratava de uma outra forma de comunicação. A verdade é que as características das BDs a aproxima da linguagem audiovisual, guardando profundas semelhanças quanto às suas estruturações. Anterior ao processo de gravação digital, o filme sempre fora concebido a partir da captação fotográfica durante um breve espaço de tempo e de forma contínua. Posicionada à frente da câmera, toda a ação é fragmentada em uma série de fotografias, posteriormente projetadas em sequência, de forma a criar a sensação de movimento para o cérebro humano. Tanto cinema, quanto a banda desenhada lidam com imagens em quadros fixos e sequenciais.

Para além da sequência de imagens, a roteirização, os planos e angulações, as linhas narrativas e a necessidade da imersão do seu público na história para realizar as conexões necessárias à compreensão da mensagem transmitida, são essenciais em ambos os suportes. É na diferenciação que também se encontra o que torna a banda desenhada tão particular. Por se tratar de imagens estáticas, o media precisou de construir e se apropriar de elementos que possibilitassem a ação da sua narrativa; afinal uma ilustração sozinha é apenas uma ilustração, mas a sua sequencialidade é capaz de proporcionar novos sentidos. "Quando se examina uma obra em quadrinhos, a disposição dos seus elementos específicos assume a característica de linguagem" (EISNER, 1989, p.7).

2.2.1 Os principais elementos de uma banda desenhada

O requadro[14] é conhecidamente o elemento mais característico da linguagem da BD. A delimitação da ação dá-se justamente entre este breve espaço, que pode ou não vir acompanhado de uma moldura. Cada quadro refere-se a um evento distinto da narrativa e por meio de uma sequência planeada no layout da página a ser ilustrada, a ação da narrativa é simulada. Ao leitor é pedido que preencha mentalmente as lacunas entre um requadro e outro para a compreensão. Se este não é capaz de o fazer, a construção de sentido é interrompida, tornando-se apenas instantes soltos e por isso é de extrema importância a escolha coesa das ações a serem ilustradas. Na banda desenhada, tais requadros podem assumir distintas formas, inclusive inseridas na própria ilustração, ou ainda ausentes de traços físicos, com o propósito de envolver o leitor e fomentar sensações e reações frente àquela imagem. **[Fig. 7]**

14 *Requadro é a borda do quadrinho, o elemento delimitador do espaço do quadro isolado, que pode ser retangular, curvilíneo, não-demarcado etc. Há, comumente, mais de um requadro por página impressa da revista em quadrinhos. Os requadros podem dividir, separar a ação em momentos distintos; podem limitar a ação dentro de um plano, recortando o que pode ser visto pelo leitor. (ANDRADE; TOLEDO, 2009, p.7)*

Fig. 7 *Requadro de suporte estrutural. Fonte: EISNER, 1989, p.47*

A leitura de uma banda desenhada é, de certa forma, interativa quanto à participação do seu leitor. Os espaços em branco existentes entre um requadro e outro, por exemplo, funcionam justamente para o leitor completar, mentalmente, a ação sequenciada. **[Fig. 8]**

Entendemos por "elipse" a figura de linguagem que consiste na omissão de uma ou mais palavras na oração, cujo sentido é subentendido. À semelhan-

ça da linguagem escrita, temos nos quadrinhos a estrutura elíptica narrativa que é composta pelas imagens (constituintes da continuidade espaço-temporal) que são omitidas entre um quadrinho e outro, levando-nos a completar mentalmente estes espaços narrativos que estão subentendidos, gerando uma leitura elíptica permanente de toda a narrativa quadrinizada (FRANCO, 2004, p.29).

Fig. 8 *Uso da elipse como conclusão. Fonte: MCCLOUD, 1995, p.66*

Na ausência do som, a linguagem verbal transcrita em códigos visuais tornou-se necessária aos quadradinhos. E nisso, trouxe consigo alguns elementos para melhor caracterizar o ato. É o caso dos balões. [**Fig. 9**] A sua função é a de expor o conteúdo verbal, as falas, reflexões ou pensamentos dos personagens presentes na narrativa. Assim como os requadros, os balões podem assumir diversas formas de acordo com a proposta da cena. Eisner (1989, p. 26) acrescenta quando afirma que "à medida que o uso dos balões foi se ampliando, seu contorno passou a ter uma função maior do que de simples cercado para a fala. Logo lhe foi atribuída a tarefa de acrescentar significado e do comunicar a característica do som à narrativa".

Fig. 9 *Exemplo de balões de fala. Fonte: WATTERSON, 2010, p.60.*

O conteúdo dos balões, por sua vez, também se utiliza da força da linguagem visual para exprimir as emoções e a intensidade dos sentimentos dos personagens. A forma como é desenhado, o peso da sua visibilidade e a sua construção em cena orientam o sujeito na sua leitura.

> Em relação aos textos dos quadrinhos nota-se que os tipos de letra também informam a respeito do andamento das ações. Geralmente se utiliza as letras de imprensa, mas também se usa a letra escrita à mão, que indica uma maior aproximação com a psicologia da personagem. O tamanho das letras informa diferentes intensidades de voz; desta maneira letras maiores indicam uma voz dita num tom mais alto enquanto letras menores indicam o oposto. Outras possibilidades de expressão ocorrem quando a forma da letra é ondulada imitando o som de uma música; ou quando as letras saem dos balões e invadem todo o texto indicando que aquele som tomou conta de todo ambiente (SILVA, 2001, p.5).

Ainda sobre a presença da linguagem verbal como representação do som, há a utilização de uma figura de linguagem característica do suporte, conhecida como onomatopeia. **[Fig. 10]** Esta possui a função de reproduzir sons – gritos, sons da natureza, canto dos animais – ou ruídos por meio de um fonema ou palavra. É comum a referência do seu uso nas histórias de aventura na caracterização dos confrontos e lutas entre os heróis e os seus algozes, mas na realidade estende-se a qualquer ruído necessário para a ambientação e progressão da história.

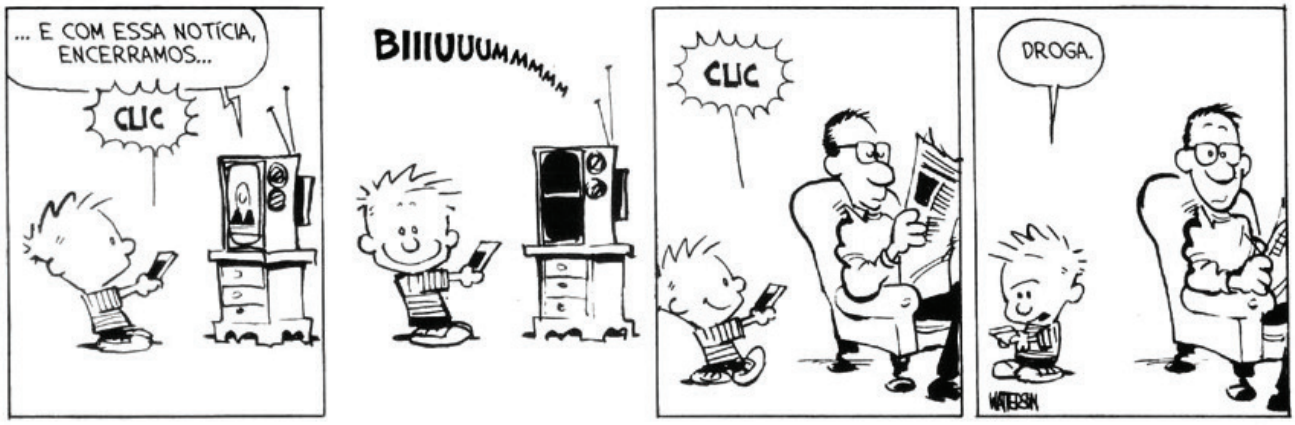


Fig. 10 *Onomatopeia. Fonte: WATTERSON, 2010, p.34.*

Os recordatórios, por sua vez, são um outro recurso de auxílio ao texto e recebem a configuração de um painel que geralmente trata de algo não visível nos quadrinhos e que pode ser utilizado como pensamentos dos personagens face ao momento retratado. É interessante notar a forma como a linguagem da banda desenhada se apropriou de símbolos conhecidos da linguagem verbal, adotando novos significados, criando, por assim dizer, uma nova linguagem.

> Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a "gramática" da arte sequencial (EISNER, 1989, p.8).

Sinais gráficos como o ponto de exclamação como um elemento de surpresa e susto, a letra Z como uma mostra do sono, ou mesmo o ponto de inter-

rogação expressando uma dúvida, já são automaticamente reconhecidos durante o processo da leitura justamente pelo seu uso exaustivo. **[Fig. 11]**

Fig. 11 Sinais gráficos. *Fonte: WATTERSON, 2010, p. 16*

Por fim, há a existência das chamadas linhas cinéticas, um elemento característico da banda desenhada que tem a tarefa de sugestionar a ilusão do movimento presente nos cinemas mas inexistente em um suporte estático. Como bem afirma Franco (2004, p. 53) "são na verdade, uma convenção gráfica usada nas histórias em quadrinhos para representar a ilusão de movimento e/ou a trajetória dos objetos". **[Fig. 12]**

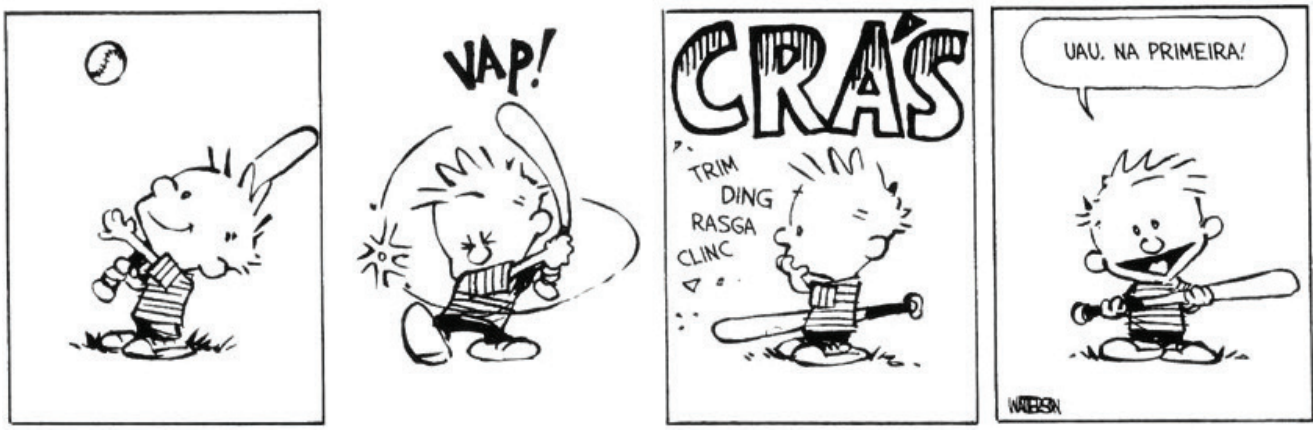


Fig. 12 *Linhas cinéticas. Fonte: WATTERSON, 2010, p. 54*

Em resumo, estes são os principais elementos configuradores da linguagem das bds e que mais tarde seriam apresentados aos alunos durante uma das aulas da oficina que dá nome ao projeto. "Um fator de impacto nas histórias em quadrinhos como forma de arte é inerente ao fato de que se trata de um veículo principalmente visual. O trabalho de arte domina a atenção do leitor" (EISNER, 1989, p. 123). Justamente pelo fato de estas visualidades serem tão convidativas, ficou demonstrado em exercícios realizados que os alunos acabavam por ignorar certas peculiaridades inerentes ao tipo de linguagem enquanto o fator verbal era, por muitas vezes, suplantado.

2.3 Usos de bandas desenhadas numa ação pedagógica

Diante do reconhecimento de outros espaços de aprendizagem e da possibilidade da construção do conhecimento de forma mais orgânica, relacionada com o quotidiano dos alunos, é inegável a existência de uma nova realidade – mediática - frente aos modelos ultrapassados de ensino. A pedagogia cultural busca, para tanto, transpor os espaços escolares ao adentrar as configurações sociais dos jovens, muito relacionadas com os meios de comunicação e o universo online. "Assim, (...) as pedagogias culturais existentes, sejam elas parte da mídia impressa, televisiva, visual, etc, são intencionalmente ou não, formadoras de identidades e, além disso, de sujeitos." (LISBÔA, 2008, p. 15). Ao adaptar-se, o ensino torna-se capaz de superar as barreiras erguidas por um método de aprendizagem muito pouco estimulante que perdurou durante quase meio século.

É nesta mesma realidade que se encontra o poder exercido pelas imagens. Imagens que influenciam, são formadoras de opinião e o mais importante, comunicam. A variedade de informações que a linguagem visual carrega consigo nunca esteve tão presente no dia a dia destes jovens que a consomem de forma voraz, mas com a possibilidade de também produzirem. Sendo um suporte que se apropria tanto da linguagem verbal quanto visual – e ainda adapta a linguagem sonora –, a banda desenhada se mostra uma ferramenta promissora no âmbito pedagógico justamente pela suposta facilidade de compreensão e pela sua associação ao público jovem.

No Brasil, as investigações em torno da inserção da banda desenhada nos espaços escolares são crescentes, assim como a variação de abordagem metodológica. Seja como objeto de leitura ou utilizada como suporte, os métodos adaptam-se às necessidades do educador, às condições sociais dos alunos e à realidade escolar, de modo que tornam os resultados singulares.

> No caso dos quadrinhos, são inúmeros os campos de análise, tais como: expressão artística, análise de discurso, construção de personagens e sua ideologia, interações entre a linguagem verbal e não-verbal e a própria mídia como recurso pedagógico, os quais podem se configurar em temas de estudos futuros na formação continuada do professor. (PESSOA; USTUMI, 2009, p. 4)

Para utilizar as imagens dentro das salas de aula torna-se necessária primeiramente a capacitação por parte do educador da aprendizagem de leitura das imagens. Na verdade, há diversos materiais produzidos passíveis de utilização que encontram nos professores o seu principal entrave. Seja por falta de estímulo, por apego a metodologias do passado ou ainda devido à própria ignorância, o potencial da linguagem visual acaba por ser pouco explorado pelo educador que não consegue incitar os seus alunos a buscarem novos olhares frente à realidade de cada um e consequentemente à prática da leitura de imagens.

> A onipresença da imagem nos mais diversos espaços, sejam privados (íntimos), sejam sociais, sem que haja uma preparação dos sujeitos para decodificá-la (recontextualizá-la), acaba se tornando um problema desafiador principalmente em termos educacionais, ainda mais em nossos dias, quando as pessoas não reservam tempo para analisar, refletir, ou seja, para am-

> pliar e construir sua própria capacidade imaginativa sobre o mundo. (BERGONSI, 2007, p. 80)

Num país onde o ensino mantém um ranço tradicional e tecnicista, a banda desenhada sofre justamente pelo seu estigma de entretenimento barato. Nos materiais didáticos a sua presença esteve associada, durante muito tempo, a um complemento textual na forma de pequenas tiras – no ensino de língua portuguesa, ferramenta usual para questões de compreensão da leitura – sendo utilizada muito mais pela sua capacidade de humor do que pelo conteúdo. Diante da decisão do Ministério da Educação – a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais – de inserir este suporte como material paradidático, ressurgiu o debate sobre a adequação deste media aos propósitos do educador e o papel da bd na sala de aula. Entre uma série de questionamentos, os principais são acerca da capacidade do educador de utilizá-las, quando e como. Desde logo é preciso reafirmar a importância de o professor saber reconhecer a melhor abordagem e a partir daí desenvolver uma seleção que atenda aos seus propósitos. Para tal feito, precisa de conhecer a linguagem e saber analisá-la.

> (...) talvez o ponto fundamental dessa seleção este já ligado à identificação de materiais adequados – tanto em termos de temática como de linguagem utilizada –, à idade e ao desenvolvimento intelectual dos alunos com os quais se deseja trabalhar, atentando-se a que a primeira não é necessariamente um condicionante da segunda. (VERGUEIRO., 2004, p. 27)

Se antes o uso da banda desenhada se restringia à disciplina de Língua Portuguesa, outras áreas curriculares como História, Matemática, Física, Línguas Estrangeiras, Geografia, Filosofia entre tantas outras, já conseguem extrair do conteúdo narrativo a compreensão de conceitos por vezes de difícil assimilação, que através da junção entre imagem e texto se tornaram mais palatáveis ao universo infanto-juvenil.

Diante de um nicho de mercado pouco explorado mas promissor, há, por fim, aquelas que são produzidas com a finalidade educativa, caracterizando-se como literatura paradidática. No último caso, pode-se citar, por exemplo as adaptações da literatura clássica, com escritores famosos que vão de Shakespeare a Camões. Na intenção de "traduzir" a leitura considerada rebuscada e pouco apelativa para os jovens, acabam por dividir a opinião entre os que acreditam tratar-se de uma democratização da leitura – viabilizando o acesso na forma de quadrinhos – e aqueles que se queixam da desconstrução do trabalho do autor em favor da imagem. Independentemente do posicionamento é importante referir que o material tem a vantagem de servir como forma de acesso para a história, sem substituir a obra original, como afirma o gerente editorial de livros paradidáticos de uma editora brasileira, responsável pelas adaptações da coleção Clássicos Brasileiros em BD, Paulo Verano: "Quando as crianças se tornarem mais velhas, elas já terão subsídios para entrar nas obras completas, pois já terão lido as adaptações. É uma porta de acesso para o texto na íntegra".[15] Em seu portfólio constam autores como Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Raul Pompeia, que tiveram seus livros transformados em banda desenhada. **[Fig. 13]**

15 *Reportagem disponível em <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/29/dom-casmurro-de-machado-de-assis-ganha-nova-versao-em-hq-veja-outras-adaptacoes.htm> Acesso em Maio, 2014.*

Fig. 13 *Clássicos Brasileiros em HQ - Fonte: Editora Ática*

Sob o pressuposto da impossibilidade de definir um modelo correto de uti lização deste media como ferramenta de auxílio pedagógico, serão apresentados a seguir breves estudos de caso de investigações que foram felizes no seu objetivo, buscando evidenciar formas distintas de abordagem, sendo estas: a produção de material tendo como suporte a linguagem dos quadrinhos e os usos da banda desenhada como leitura de apoio ao tema debatido.

2.3.1 EduHQ – Oficina de educação através de histórias em quadrinhos

Esta iniciativa decorreu entre os anos de 2001 e 2004 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) sob a proposta de criar uma oficina de produção de tiras em quadrinhos, tendo como meta "priorizar uma pedagogia que contemple articulações entre ensino-aprendizagem e conhecimento-sociedade, integrando metodologicamente os conteúdos das disciplinas curriculares, através da produção artística" (EDUHQ, 2004) enquanto reunia alunos da Educação Básica, professores e pesquisadores em torno da proposta.

O projeto voltou-se não para as instituições de ensino, mas sim para a valorização dos alunos e das suas habilidades: incidia sobre o aluno como produtor de novos conhecimentos a partir da intervenção do educador. Era sabido que estes mesmos alunos possuíam sérias dificuldades em disciplinas como Física, Química, Biologia e Matemática, marcadas por uma metodologia que insistia na memorização de conceitos e fórmulas, abdicando-se da prática como fomentadora de aprendizagem através da experiência. Os materiais didáticos, por sua vez, ao falhar em atender às necessidades reais destes jovens, proporcionavam de forma indireta a possibilidade de criação e desenvolvimento de um material que motivasse "os alunos a participarem ativamente na construção do próprio conhecimento" (EDUHQ, 2004). A solução foi a de criar espaços de diálogo, através

da oficina, entre os três segmentos, de forma a capacitar educador e educando sobre o conteúdo linguístico da banda desenhada, as suas técnicas e metodologias, para que assim se facilitasse a produção artística de um material didático lúdico que pudesse absorver não apenas o conhecimento pessoal do aluno como se estendesse a outros jovens através de novos usos. **[Fig. 14]** Nesta extensão, seria possibilitada a criação de uma "rede integrada de pesquisadores, professores, alunos de graduação e alunos de ensino médio dedicada à produção de novas tecnologias educacionais, a partir de uma análise crítica da atual situação do ensino básico, médio e superior (das Licenciaturas)." (EDUHQ, 2004)

Fig. 14 *O educador sob a perspectiva do aluno. Fonte: EduHQ*

Definidos os principais objetivos, em seguida foi delimitada a abordagem a ser seguida em relação à linguagem. Para tanto, optou-se para pelas chamadas tirinhas – tira de BD caracterizada por uma série de requadros, estruturada em enunciados curtos – na tentativa utilizar a ferramenta de forma concisa e melhor desenvolvida, não ultrapassando a quantidade de quatro quadros por história.

> (...) uma piada curta de um, dois, três ou até quatro quadrinhos, e geralmente envolve personagens fixos: um personagem principal em torno do qual gravitam outros. Mesmo que se trate de personagens de épocas remotas, países diferentes ou ainda animais, representam o que há de universal na condição humana. (NICOLAU, 2010, p.9)

Assim, sob a proposta de despertar a curiosidade do aluno e suscitar em si uma reflexão sobre o conteúdo abordado, os responsáveis pela oficina EduHQ definiram as variáveis sobre a produção, assim explicitado no sítio informativo da oficina:

a) conteúdo específico curricular: a partir de um determinado conceito de uma disciplina que integre o currículo do ensino fundamental ou médio a ser explorado e explicado.

b) conteúdo específico extracurricular: tendo como meta conceitos, fatos e notícias de avanços científicos, tecnológicos e de outras áreas, que, muitas vezes, só chegam ao aluno através da mídia impressa e televisiva, e não através de livros didáticos ou do ensino formal.

c) conteúdo específico interdisciplinar, enfatizando, através de situações -exemplos que envolvem disciplinas curriculares, o sentido e a importância da interdisciplinaridade.

d) conteúdo interdisciplinar extracurricular, envolvendo áreas do conhecimento não contempladas nos currículos.

e) contextualização histórica, mencionando alguma descoberta científica e relacionando-a a algum outro fato histórico marcante ou apresentando situações que reflitam relações entre ciência e sociedade.

Ainda se estende ao quotidiano dos alunos, dando abertura à discussão sobre questões sociais, críticas ao sistema de ensino e as próprias experiências particulares de cada um. Ao fim nota-se um vasto conteúdo abrangido, como mostra a tabela cedida pela organização da oficina: **[Fig. 15]**

Áreas de Abrangência do Projeto

Artes Plásticas	Física	Meio Ambiente
Astronomia	Folclore	Método Científico
Biologia	Geografia	Paleontologia
Cosmologia	História	Química
Crítica à Escola	História da Ciência	Saneamento
Drogas	Humor	Saúde Pública
Educação	Informática	Sexo
Educação para o Trânsito	Língua Portuguesa	Sociologia
Exclusão Digital	Literatura	Transgênicos
Filosofia	Matemática	

Fig. 15 *Áreas de Abrangência do Projeto - Fonte: EduHQ*

Desta experiência, os resultados, assim como todo o material produzido, estão disponibilizados numa plataforma online de forma que o conteúdo possa ser utilizado por outros educadores, além de estimular os mesmos a buscarem formas distintas de abordagem do grupo de alunos pelo qual são responsáveis. Mais de 500 tirinhas foram produzidas durante os cinco anos documentados e a metodologia citada em diversas publicações sobre o tema. A oficina mostrou-se positiva ao criar um canal de diálogo com os alunos participantes, permitindo a estes expressarem-se sem reprimendas e relacionarem as suas experiência vividas a conteúdos específicos. E o mais importante, a participarem ativamente na sua própria aprendizagem.

2.3.2 As tiras da Mafalda: conteúdos de Geografia em quadrinhos

Mafalda, ícone da banda desenhada argentina, criada pelo cartunista Quino ainda na década de 60, ficou conhecida por seu posicionamento questionador frente aos contornos sociais e políticos causados pela Guerra Fria. Uma personagem de grande popularidade na América Latina e muitas vezes comparada a Charlie Brown, personagem de Charles Schulz, serviu de material de pesquisa à área de Geografia do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás. O projeto de pesquisa intitulado *As tiras da Mafalda: conteúdos de Geografia na linguagem de quadrinhos*[16] tinha como proposta disponibilizar a toda comunidade estudantil bem como aos professores da área e interessados na linguagem, no sítio online da instituição, tiras da Mafalda abordando conteúdos de Geografia.

16 *Disponível em <http://www.cepae.ufg.br/pages/35329-as-tiras-da-mafalda-geografia-em-quadrinhos> Acesso em 26 de junho de 2014.*

As histórias encontradas no livro Toda Mafalda foram digitalizadas, analisadas e agrupadas de acordo com a sua temática geográfica, tais como: "astronomia, cartografia, globalização, geopolítica, ambiente, lugar, população, cidade, migração, paisagem, território, economia, dentre outros."[17] A pesquisa apoiou-se na justificativa da possibilidade do estímulo do senso crítico e criativo e da compreensão do conteúdo estudado nas aulas de Geografia direcionado aos alunos, enquanto viabiliza aos professores ferramentas pedagógicas às quais muitos não têm acesso ou tempo, para que assim enriqueçam as suas aulas. Para um dos integrantes da pesquisa, "O resultado desta pesquisa dispõe de outra linguagem a ser aplicada em sala de aula, na medida em que os quadrinhos tornam-se recursos didático-pedagógicos que motivam a reflexão de diferentes realidades geográficas."

17 *Informação retirada do arquivo disponibilizado no sítio: http://www.cepae.ufg.br/uploads/80/original_As_tiras_da_Mafalda_-_1%C2%AA_Parte.pdf?1332898392 Acesso em junho, 2014.*

Como metodologia da pesquisa, fez-se uso de orientações e leituras para compreender aspectos particulares da linguagem da BD. Em seguida, buscou-se especificar as abordagens temáticas referente às aulas de Geografia para melhor enquadramento das tiras de banda desenhada no âmbito escolar.

> Esta pesquisa foi realizada com método de cunho qualitativo, por meio de análise e interpretação das tiras para relacioná-las com conteúdos geográficos. As tiras foram consideradas e avaliadas mediante a presença de elementos que permitem a reflexão de temas de Geografia com a perspectiva de promover a reflexão e subsidiar a compreensão do conhecimento geográfico. (BARROS et al. 2010, p.2)

Ao fim da seleção, elaborou-se um material ilustrativo com as cópias das tiras, separadas pelas áreas temáticas estipuladas para que assim estivesse à disposição dos interessados em as utilizarem. Como resultado da pesquisa, os investigadores perceberam a potencialidade da linguagem em mediar a relação ensino-aprendizagem, muito devido ao fato de o suporte se apresentar de forma acessível e apreciada pelos estudantes. Por fim, ainda sugerem o seu emprego em sala de aula envolvendo outras linguagens e disciplinas, na tentativa de construção de atividades interdisciplinares. **[Fig. 16]**

A escolha da Mafalda como objeto de estudo torna-se interessante justamente devido à extensão de seu uso, por serem narrativas costumeira-

mente relacionadas com questões voltadas para a linguística ou até mesmo histórico-políticas, por conta do seu enquadramento histórico. Comuns nos livros didáticos de Língua Portuguesa, as tiras fazem parte do universo imagético dos alunos e com esta iniciativa permitem uma abordagem diferenciada sobre um mesmo universo. Em outro exemplo, a mesma Mafalda já serviu de tema para uma investigação sobre a linguagem publicitária presente nas histórias da garotinha.[18] Cabe portanto ao educador, considerar os fatores que o levam a escolha de determinada história e saber aproveitar as vantagens dos usos da banda desenhada junto aos alunos para sobrepor as barreiras criadas pelo ensino do passado.

Fig. 16 *Separação temática das tiras de Mafalda - Fonte: CEPAE/UFG*

Movimento terrestre

Fonte: Quino (2003, P. 26, Tira 5).

2.4 A leitura da banda desenhada em sala de aula: exemplos pertinentes no ensino da história

18 *GONDIM, Lucas S. A intertextualidade entre o discurso publicitário e seus elementos nas tirinhas da Mafalda. 2009.*

O ensino de História durante a Educação Básica brasileira parece seguir uma estrutura que lida com a origem do homem nos tempos antigos – a partir dos seus primeiros vestígios históricos – até ao período contemporâneo marcado pelas novas conjunturas sociopolíticas do séc. XXI. Num planeamento anual da disciplina cedido por uma professora de História de uma instituição privada entre o 6° e 9° ano, percebe-se a tentativa de planear um sistema de aulas de conteúdos contínuos e interligados.

> Transformar as reflexões dos alunos sobre as vivências sociais no tempo, considerando a diversidade de modos de vida em uma mesma época e em épocas diferentes, as relações entre acontecimentos nos contextos históricos e as relações entre os acontecimentos ao longo de processos contínuos e descontínuos. No sentido de contribuir para que os mesmos possam refletir sobre a importância dos estudos históricos e assumir atitudes éticas, criteriosas, reflexivas, de respeito e de comprometimento com a realidade social. (Em anexo, p. 132)

Para buscar exemplos pertinentes de banda desenhada envolvida neste contexto, é importante, portanto, tornar conhecida a estrutura curricular do mesmo; no caso em particular, utilizaremos o documento disponível:

a) 6° ano: o cronograma, dividido em quatro bimestres, busca discutir a importância da disciplina, suas particularidades e o ofício do historiador, enquanto procura situar a origem do homem e as migrações para o

continente americano, para finalmente, caracterizar o estilo de vida dos primeiros habitantes do Brasil. Em seguida, a identificação e aprofundamento dos estudos das civilizações antigas, como a mesopotâmica, egípcia e os povos hebreus, fenícios e persas, seus principais feitos e contribuições para a civilização moderna. O planeamento ainda conta com tópicos relacionados com a formação da China, o seu legado cultural e sua expansão às áreas próximas ao subcontinente indiano – e aqui, um estudo sobre as religiões hindu e budista, as religiões mais professadas na Índia – e a África antiga. Nos últimos meses deste ano letivo, os alunos aprenderão sobre a Grécia antiga e o Império Romano, as suas características sociais, culturais e políticos, o seu apogeu e ainda as razões que os levaram ao declínio económico.

b) 7° ano: Seguindo a linha temporal da civilização humana, os estudos passam a concentrar-se na origem do Império Árabe e na expansão islâmica. Em paralelo, buscam identificar as origens do Feudalismo a partir da desintegração de parte do Império Romano, suas principais características e a importância da Igreja Católica como fator de organização sociocultural ao longo da Idade Média. Depois, compreender a formação das monarquias europeias, as motivações que levaram às Cruzadas e as configurações do Estado Absolutista. Ainda sobre o continente europeu, o segundo semestre do 7° ano tem como missão, tratar do período renascentista, a reforma protestante e as grandes navegações, com enfoque particular na expansão marítima de Portugal, não sem antes resumir de forma breve a colonização espanhola na América – as civilizações Maia, Inca e Azteca. No último bimestre, iniciam-se os estudos sobre o continente africano e a colonização brasileira após o descobrimento do Brasil. Em especial, compreender a administração portuguesa, as consequências da colonização para os nativos, a economia açucareira e a utilização de mão de obra escrava trazida da África.

c) 8° ano (o penúltimo ano letivo do Ensino Fundamental): a disciplina de História conta com tópicos como o Iluminismo e a sua influência para a independência de diversas colónias, como os Estados Unidos da América – antiga colónia inglesa – além da Revolução Francesa, país-berço do movimento iluminista. Compreender os fatores que levaram ao pioneirismo inglês durante a Revolução Industrial, além de reconhecer os principais impactos tecnológicos e económicos causados pela industrialização. É a partir do segundo bimestre que há um especial enfoque na História nacional do Brasil. As revoltas coloniais que antecedem a transferência da corte portuguesa para o país, suas causas e consequências, enquanto em paralelo se aborda a Revolução do Porto. Em sequência, o processo de independência brasileira, as mudanças e permanências diante da monarquia brasileira, assim como o reinado de D. Pedro I, a constituição de 1924 e o período regencial. Na segunda metade do ano, os estudos recaem sobre o segundo reinado: a expansão cafeeira, acompanhada pelo início da modernização, a abolição do tráfico negreiro e a subsequente chegada dos imigrantes europeus. Em sequência, obedecendo à mesma linha temporal já citada anteriormente, a partilha da África e expansão do imperialismo na Ásia por potências industriais, as suas representações ideológicas e as mudanças provocadas a partir dos contextos económico e tecnológico. Por

fim, voltando à história nacional, a crise do segundo reinado – a Guerra do Paraguai e as suas consequências, a campanha abolicionista e o fim da escravidão, seguido pelo movimento republicano e posterior evento conhecido como a Proclamação da República.

c) 9° ano: no derradeiro ano letivo, o planeamento da disciplina opta por adentrar no século XX e na história moderna mas não sem antes discutir a primeira fase da República brasileira – a nova constituição, a força política das oligarquias agrárias, a construção dos símbolos nacionais, bem como os movimentos revoltosos, entre eles a Guerra de Canudos – e o movimento operário, já nos primeiros anos do novo século. Em seguida, as causas e consequências da Grande Guerra e a Revolução Russa. No segundo bimestre, o período entre guerras, a Segunda Guerra Mundial, o processo de modernização vivido pelo Brasil entre os anos de 1930 e 1960, e o golpe militar de 1964. No segundo semestre, busca a compreensão da formulação da Guerra Fria, as características ideológicas dos sistemas capitalista e socialista, bem como a expansão do socialismo. Ainda, a continuação do tópico sobre a África e Ásia, agora no pós-guerra e a consequente descolonização e independência dos países envolvidos. Por fim, a abordagem sobre o período da ditadura militar no Brasil – as características, os governos militares, os atos institucionais, a censura, o milagre económico até a constatação da crise, seguida pelo processo de redemocratização, marcado pela constituição de 1988. Encerrando a linha temporal, o declínio do socialismo soviético, o fim da Guerra Fria e os conflitos no Médio Oriente, junto com as principais consequências – como o terrorismo e a política neoliberal – para o mundo globalizado e o Brasil no século XXI.

Neste exemplo de planeamento anual da disciplina, a educadora opta por utilizar uma metodologia que engloba: aulas expositivas e dialogadas, leitura e interpretação de documentos e textos, seminários, debates, observação de imagens, leitura dirigida e lista de atividades. Quanto aos recursos, o uso do quadro negro, o livro didático, livros paradidáticos e a projeção de imagens.

A partir da enumeração dos tópicos abordados dentro da sala de aula é possível identificar uma série de objetos passíveis de utilização como recurso de auxílio ao educador. Fatos históricos são costumeiramente retratados nos mais variados suportes – através da literatura, arte, cinema, música, banda desenhada, para dizer alguns – de forma ficcional, adaptada ou ainda mesmo através da sua mera documentação. Porém, a banda desenhada ainda parece carregar consigo certo descrédito quanto ao seu valor cultural e pedagógico.

> A julgarmos pela maioria dos livros didáticos disponíveis no mercado, concluímos que a utilização das histórias em quadrinhos no ensino de História ainda é rara e tímida, embora esses mesmos livros indique que a utilização de charges, seja para ilustrar conteúdos dos capítulos, seja para serem aproveitadas em atividades pedagógicas já é bastante difundida no ensino da disciplina. (VILELA, 2004, p. 105)

E o descrédito carrega consigo a ignorância sobre o seu potencial:

> No caso dos quadrinhos, são inúmeros os campos de análise, tais como:

> expressão artística, análise de discurso, construção de personagens e sua ideologia, interações entre a linguagem verbal e não-verbal e a própria mídia como recurso pedagógico, os quais podem se configurar em temas de estudos futuros na formação continuada do professor. (PESSOA; USTUMI, 2009, p. 4)

Para não fugir ao escopo temático do projeto, ao longo dos próximos parágrafos serão abordados apenas os materiais utilizados durante o desenvolvimento da oficina. Entretanto, parece importante realizar um breve levantamento de BDs de conteúdo histórico-nacional passíveis de utilização - principalmente através de sua leitura - nos espaços de aprendizagem. **(Em anexo, pp. 121-132)**

Um autor que ganha especial atenção, André Diniz, é responsável por diversas publicações voltadas para a disciplina de História, através da Editora Escala Educacional, retratando tanto a história mundial, quanto a nacional. Roteirista e quadrinista de bandas desenhadas e vencedor de 17 prémios na última década pelas suas obras - entre eles troféus *HQ Mix* de melhor roteirista, melhor site e melhor *graphic novel* – e com publicações selecionadas pelo PNBE para a distribuição em todas as bibliotecas de escolas públicas do Brasil, André Diniz exprimiu sua opinião em relação a utilização de suas bandas desenhadas como ferramenta pedagógica:

> Tenho claro pra mim que não sou um historiador. Sou, sim um autor que quer contar uma boa história. Porém, há uma responsabilidade, claro, principalmente ao imaginar que minhas HQs podem ser usadas em sala de aula. Mas eu sempre foco muito mais no ser humano do que nos eventos, e vem daí a minha linha de criar personagens fictícios em cenários históricos, pois posso contar a saga de um personagem meu e, como consequência, o leitor reviverá um momento único e decisivo que, mesmo tendo sido há três séculos, influi muito mais nas nossas vidas do que podemos imaginar.
> (Entrevista com André Diniz, 2011)

Ainda sobre o papel da banda desenhada dentro da sala de aula, ele afirma:

> Não vejo barreiras, já que o objetivo da HQ não é substituir o livro teórico ou didático. Ela atua em paralelo, e com isso há um casamento perfeito. O estudante aprende a matéria pela forma tradicional, onde os fatos e seus agentes são ensinados a ele. Depois, pela história em quadrinhos, é a hora do aluno se envolver com o tema. Ali ele revive aquela época e aquele momento, vê como as pessoas viviam, envolve-se com o lado aventuresco ou dramático dos fatos e descobre que aqueles nomes distantes que a professora falou, na verdade eram gente de carne-e-osso, com defeitos, medos, caprichos, ambições. O quadrinho faz o aluno gostar do tema e entendê-lo melhor, aumentando o seu interesse. Sem falar na linguagem visual, pela qual se aprende muito também. E, nisso, o quadrinho é imbatível, ao lado do cinema. (André Diniz em entrevista ao sítio online Posfácio, 2011)

Uma das suas produções viria a ser utilizada ao longo do projeto e por esse motivo ganha especial enfoque neste momento. *A Revolta de Canudos (2008)* **[Fig. 17]**, parte da série História do Brasil em Quadrinhos da Editora Escala Educacional, foi outra obra que esteve na lista do PNBE em anos anteriores e reconta, de forma resumida, a história do arraial de Canudos e a repressão sofrida pelo governo da recém-criada República. Em 48 páginas, André Diniz mostra ao leitor a saga de Antônio Conselheiro, desde a peregrinação dos primeiros seguidores até a sua morte em 1897.

A narrativa é de fácil assimilação, com um texto que apresenta mas não se aprofunda em personagens – sem o didatismo excessivo, comum às histórias de fatos e personalidades importantes. Na BD, por exemplo, a introdução ao personagem de Antônio Conselheiro é feita por meio de uma notícia publicada em um jornal de 1874, sendo seguida pela ação do mesmo – enquanto as ilustrações se apoderam da própria atmosfera do sertão baiano para delimitar o traço áspero e desolador da pobreza no meio do céu azulado do clima seco. É através das ilustrações que se percebe o trabalho de pesquisa para a concepção dos desenhos, onde as vestimentas, as construções e os armamentos retratam a época e o fato histórico com fidelidade. Conta ainda com um narrador na terceira pessoa, que faz o papel do próprio historiador, com informações e dados da revolta ao longo do texto. Para chamar a atenção do público jovem, o característico enfoque narrativo nos conflitos armados – que se concentra entre os sertanejos e as tropas militares – torna-se presente na banda desenhada, direcionando mais de dois terços das suas páginas para o desenvolvimento da ação. A crueza do embate que dizimou milhares de combatentes é retratada de forma pertinente, revelando ao leitor a crueldade do conflito para ambas as partes.

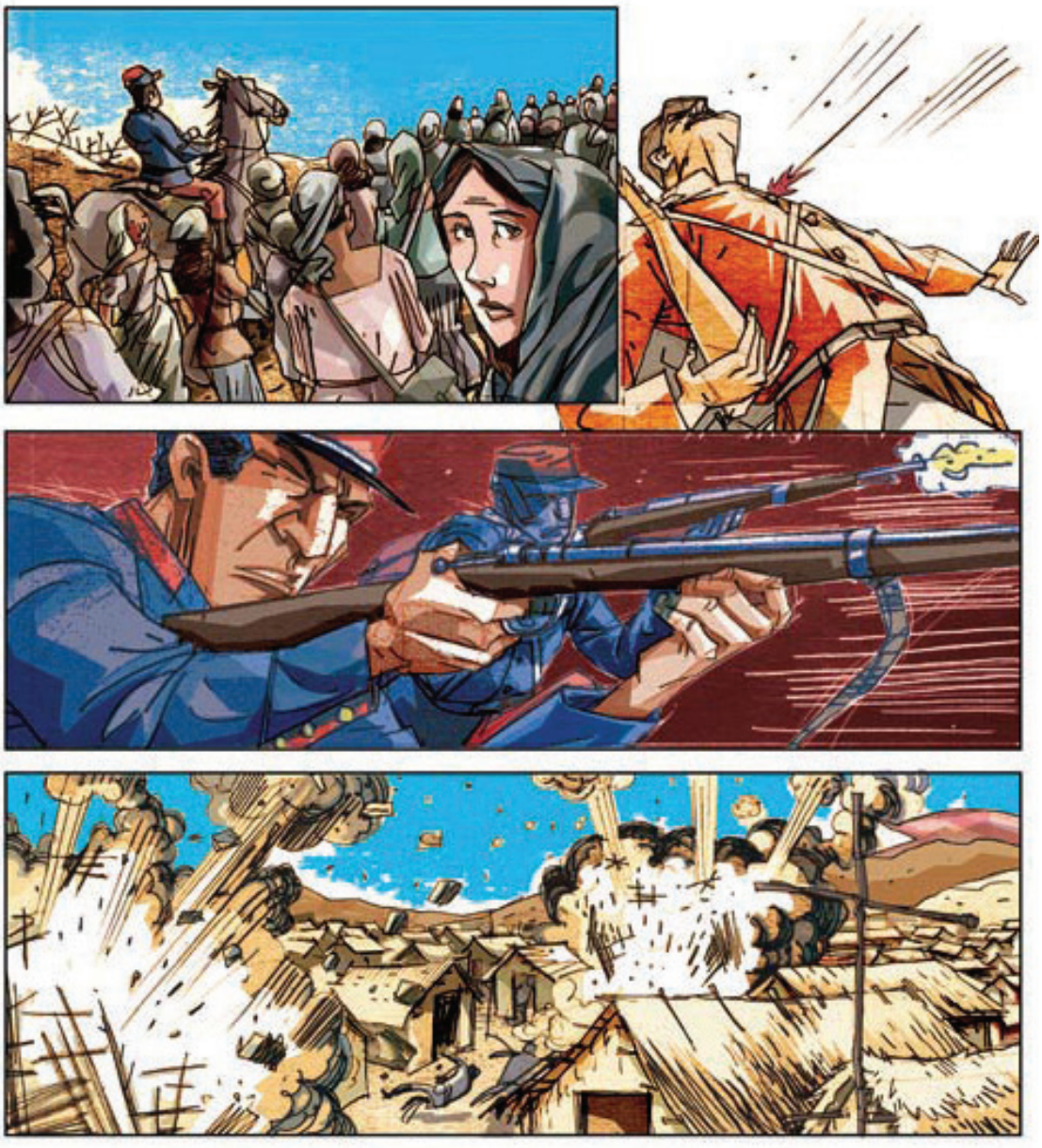


Fig. 17 *Revolta de Canudos - Fonte: DINIZ, 2008.*

A obra, que se aproveitou dessa recente abertura de mercado para propostas pedagógicas como material paradidático, cumpre o seu papel ao expor as motivações da revolta, bem como a sua repressão através da força militar e posterior dizimação do arraial. Sua proposta é ser simplista para tornar fácil a compreensão por parte do seu público, ao mesmo tempo em que se preocupa em contextualizar a realidade social de um povo marginalizado por meio das suas imagens. É onde também reside a sua força. O professor, ao possibilitar que os seus alunos consigam descodificar os detalhes presentes nas imagens, permite um olhar mais aprofundado e crítico sobre a BD. Mais que dados e fatos históricos, permite-se a reflexão sobre problemas sociais de grande relevância para os dias atuais, em que se convive com tamanha desigualdade social, como é o caso do Brasil. Esta é, em muitos casos, a própria realidade dos alunos.

Se o álbum *A Revolta de Canudos* se destaca pela sua forma, é importante salientar a obra de Jô Oliveira, *A Guerra do Reino Divino* (originalmente publicada na Itália em 1974 e posteriormente no Brasil em 1976) justamente pelo seu texto. O autor, que é considerado por muitos como o autor da primeira *graphic novel* brasileira – a referida obra – mescla a linguagem da banda desenhada e a literatura de cordel[19], enquanto se utiliza de elementos característicos da cultura nordestina para contar três histórias interligadas, que juntas referenciam Antônio Conselheiro, os seus seguidores e o Arraial de Canudos. **[Fig. 18]**

19 *A literatura de cordel é uma expressão literária popular característica do interior do Nordeste, em especial dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Caracteriza-se essencialmente pela sua estrutura narrativa, a composição em versos, a impressão em pequenos folhetos de papel-jornal ilustrados com xilogravuras, e objetivo de ser declamada nas feiras públicas. Esses folhetos normalmente são expostos em cordas, por isso a denominação "literatura de cordel".*

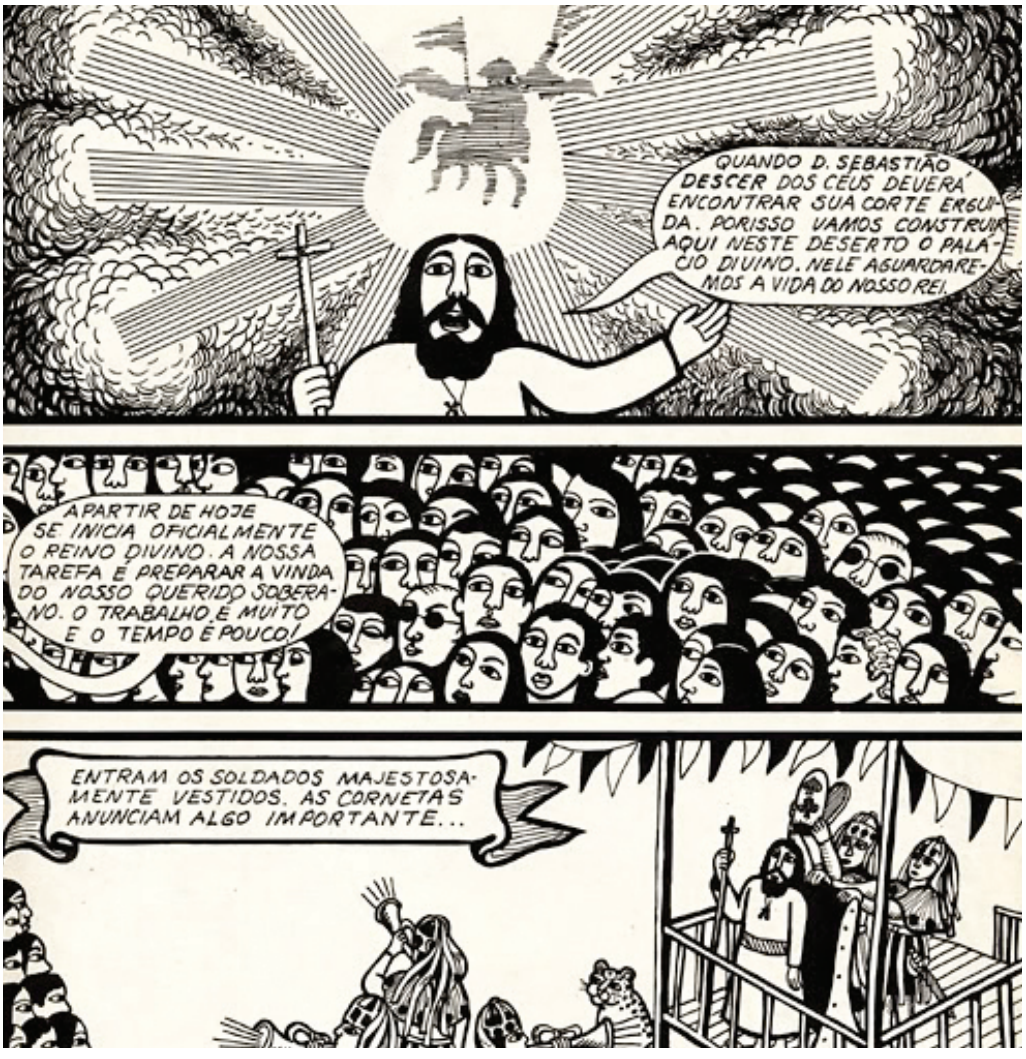


Fig. 18 *Trecho da Guerra do Reino Divino. Fonte: OLIVEIRA, 1976.*

A primeira parte traz consigo o prólogo que reconta a Batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, na África, onde os soldados portugueses pereceram frente ao exército mouro, enquanto o corpo de D. Sebastião desapareceu, resultando na crença messiânica do retorno do rei, vencendo a desigualdade e a opressão sofridas pelo povo português. Também é este o discurso que se segue da personificação de Conselheiro na banda desenhada, que diante de seus seguidores, profetiza a vinda do El-Rei e funda o Reino Divino.

20 *"O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão" é uma profecia que representa a esperança do sertanejo nordestino.*

> A notícia se espalha rapidamente. Dos quatro pontos cardeais chegam novos fiéis. Em pouco tempo eles somam vários milhares. A nova meca toma corpo. Iniciam as construções. Começam a erguer um templo. Surge uma cidade improvisada. É a nova Jerusalém. [...] Em poucos meses surge na colina uma imensa e tosca igreja. Símbolo da fé do rude sertanejo.(OLIVEIRA, 1976, p. 6)

Há então a presença da figura dos cangaceiros, liderados por Lampião e importante representação da cultura popular do nordeste brasileiro pela sua história de resistência frente ao governo brasileiro. Na história, o bando que durante uma passagem mata dezenas de soldados militares, é visto como protetor dos sertanejos. No desenvolvimento da narrativa, o vilarejo fundado pelo beato é massacrado pelo forte poderio do exército, enquanto o homem no seu leito de morte enxerga em Lampião a figura de D. Sebastião. Ao fim, tal como na batalha de Alcácer-Quibir, o corpo do El-Rey desaparece após o embate entre os militares e os fiéis sertanejos liderados pelo cangaceiro.

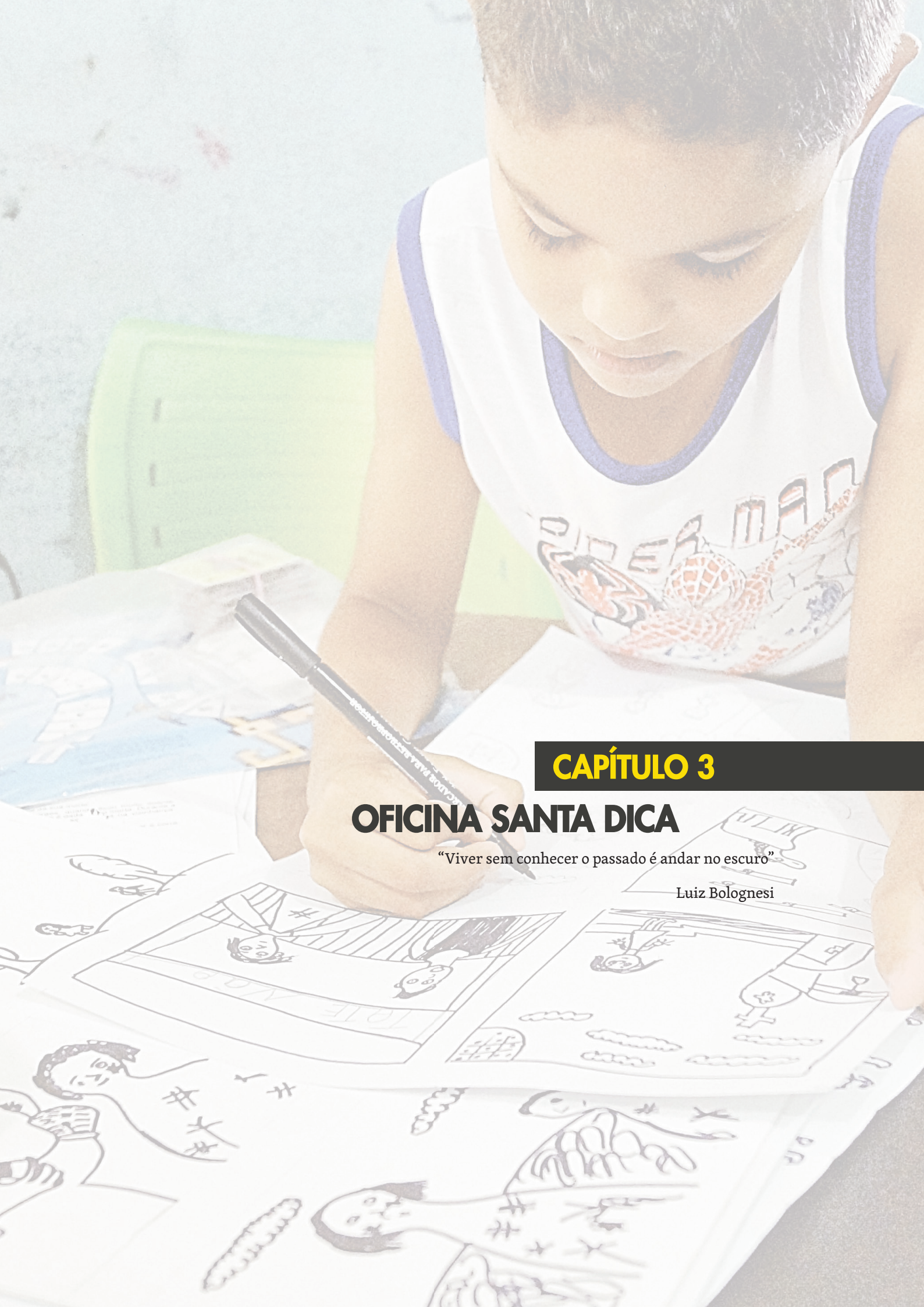
Na segunda parte, novamente a figura de Conselheiro é abordada, abordando-se desta vez a sua peregrinação pelo sertão nordestino. Os fiéis acumulam-se à medida que o beato profetiza o regresso do salvador. Há inclusive a adaptação da célebre frase atribuída[20] a Antônio Conselheiro: "*Eis o sinal divino! O grande milagre não tardará! O mar vai matar a sede do sertão. As ondas vão derrubar as cercas. Os peixes alimentação o povo reprimido. Aí virá o tempo na bonança para os pobres.*" Novamente o conflito entre a polícia e os fiéis acontece, desta vez demonstrando a superioridade bélica da força do governo, acabando por dizimar a população daquele local.

A terceira e última parte utiliza-se do imaginário popular da região para narrar a história dos quatro cavaleiros do apocalipse: a seca, o jagunço, a volante (forças especiais da polícia) e a morte. Ao longo das páginas, as figuras são apresentadas por meio da saga de um sertanejo, que sobrevive a cada um deles, enquanto sofre irremediáveis perdas até se juntar ao bando de Lampião no final da história. O ciclo completa-se quando se percebe que as três histórias se conectam narrativamente e simbolicamente, uma torna-se o início de outra, enquanto funcionam de forma distinta.

O misticismo, a religiosidade, a revolta diante da desigualdade social, o poderio dos coronéis da região e a truculência da força armada são elementos que engendraram os movimentos sociais religiosos, tal como Canudos e a própria história de Santa Dica. Em A Guerra do Reino Divino, a ficção encontra na regionalidade uma representação sutil e poética sobre fatos importantes do passado. As ilustrações em preto e branco só confir-

mam essa decisão projetual, ao valerem-se do estilo gráfico dos cordéis, marcada pela técnica de xilogravura para a reprodução das imagens. É, por fim, um exemplo que se relaciona com os outros movimentos ao longo do país de forma direta devido à ausência de personificações históricas precisas, mas mantendo as suas particularidades culturais (que acabam por possibilitar a interação dos alunos com essa multiculturalidade presente no país).

Após a série de exemplificações, a mais importante lição é que as possibilidades de abordagem surgem a partir do olhar crítico do professor e da sua capacidade de extrair de um media, originalmente criado para outro fim, novos usos, convergindo entretenimento e educação.



CAPÍTULO 3

OFICINA SANTA DICA

"Viver sem conhecer o passado é andar no escuro"

Luiz Bolognesi

3.1 A prática como agente motivador da aprendizagem

Face a um modelo de ensino excessivamente teórico, a desmotivação dos alunos acabou por se tornar um dos maiores problemas a serem enfrentados no cotidiano escolar. Tal estruturação causa dificuldades entre uma interação positiva entre educador e educando ao mesmo tempo em que gera empecilhos na criação de condições para a participação ativa dos alunos durante o processo de aprendizagem. A junção entre teoria e prática mostra-se uma decisão acertada na busca de produção de conhecimento, como afirma Cortella (2000, p. 110-111), quando diz que "o conhecimento, qualquer um, origina-se do que fazemos e aquilo que fazemos está embebido da cultura por nós produzida, ao nos produzirmos". Muitas das questões sociais presentes na realidade dos estudantes, ao serem afetadas pelas práticas que realizam, proporcionam a reflexão sobre a teoria ensinada.

Gadotti (1999, p. 253) cita uma das propostas de Paulo Freire onde aponta que "educador e educando aprendem juntos numa relação dinâmica, na qual a prática é orientada pela teoria, que reorienta essa prática, num processo de constante aperfeiçoamento". Novamente, um ensino baseado na horizontalidade nas suas relações, no propósito de promover diálogos edificantes do conhecimento. Freire por sua vez, acredita que,

> [...] pensar a prática é, por isso, o melhor caminho para pensar certo. Este pensar ensina também que a maneira particular como praticamos, como fazemos e entendemos as coisas, está inserida no contexto maior que é o da prática social. Quanto mais nos exercitamos assim, tanto mais começamos a entender os mecanismos através dos quais funciona a sociedade. (FREIRE, 1988, p. 17)

Para Carl Rogers (apud Mogilka, 1999, pp. 63-64), a escola tradicional é a principal causadora do amortecimento da motivação que os mais jovens trazem consigo; o seu currículo académico acaba por desvalorizar a característica questionadora de um ser pensante em constante desenvolvimento, e novas práticas pedagógicas tornam-se necessárias para a modificação dessa estrutura.

> O jovem é intrinsecamente motivado, em alto grau. Muitos elementos de seu meio ambiente constituem desafios para ele. É curioso, tem a ânsia de descobrir, de conhecer, de resolver problemas. O lado triste da maior parte da educação está em que, após a criança haver passado anos e anos na escola, essa motivação intrínseca está muito bem amortecida. Mas continua a existir, e nossa tarefa, como facilitadores de aprendizagem, é a de suscitar essa motivação descobrir que desafios são reais para o jovem e proporcionar-lhe a oportunidade de enfrentá-los. (Rogers apud MOGILKA, 1999, p.60-61)

Frente ao cenário, para a adoção de uma metodologia baseada na prática, entretanto é necessário preparo, domínio do conteúdo e ferramentas por parte do educador, pois se trata do interventor entre o aluno e conhecimento. É também a sua função atender aos questionamentos provenientes desta relação. Sensibilidade para perceber e modificar metodologias ineficazes e procurar extrair ao máximo as potencialidades das ferramentas pedagógicas à sua disposição. Saber do contexto ao qual o grupo é exposto,

seja questões económicas, sociais e familiares, bem como as principais dificuldades e aptidões individuais. Uma aula bem estruturada e criativa, que permita transitar em outras áreas e media, pode motivar o estudante, que por sua vez desejará e buscará novas aprendizagens.

3.2 Preparação e estrutura da Oficina

3.2.1 A proposta

A descoberta da história de Santa Dica foi o grande agente motivador para a conceção do projeto. Até então a premissa inicial era a utilização da leitura de bandas desenhadas relacionadas com o conteúdo planeado da disciplina de História em conjunto com uma professora de uma escola privada situada na cidade de Goiânia, Kamila Karla. Entretanto, o cronograma apresentado pela educadora, que se mostrava muito limitado no que se refere ao tempo disponível em sala de aula para o projeto e a produção de uma BD por parte dos alunos, fez-nos anular esta opção.

Foi ao buscar referências de cultura popular do estado de Goiás que se encontrou a até então desconhecida personagem – para a investigadora – de Santa Dica, a goiana Benedita Cipriano Gomes, líder de um movimento social religioso no interior de Goiás, em plena República Velha. Carregada de misticismos e crendices populares, a transmissão da história por meio dos moradores da antiga República dos Anjos, hoje o distrito de Lagolândia, tornou-a um importante património cultural da região; no entanto, apenas uma pequena parcela da população a conhece. Tal como Canudos, a sua narrativa permitiria a produção de uma banda desenhada de caráter educacional, roteirizada e ilustrada pelos alunos.

A decisão de transformar o projeto numa oficina de banda desenhada deu-se após a conclusão de que o trabalho carecia de um cronograma mais flexível e em consequência, houve a necessidade de buscar um espaço de aprendizagem que permitisse o desenvolvimento da oficina a longo prazo e uma maior liberdade pedagógica. O local escolhido foi a organização privada de serviço social Terra Livre [Fig. 19], um centro educacional gratuito que se utiliza da metodologia da educação emancipatória, tendo a finalidade de auxiliar crianças e adolescentes em situação de exclusão social a "romperem com o ciclo de pobreza". A referida ONG divide seus alunos em dois grupos:

a) Educação Infantil, onde desenvolve trabalho pedagógico com crianças de 3 a 6 anos em período integral.

b) Educação Complementar, em que desenvolve atividades extracurriculares, em formatos de oficinas, para crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, durante o contra-turno da escola regular.

Fig. 19 *Centro Educacional Terra Livre. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Para o desenvolvimento do projeto, a turma de Educação Complementar mostrou-se promissora por conta da sua faixa etária. A oficina foi então estruturada sob a seguinte premissa: produção de uma banda desenhada sobre o Movimento Messiânico de Santa Dica em Goiás a partir de pesquisas dos alunos, possibilitando a reafirmação da identidade local através da junção entre memória e cultura popular goiana. A faixa etária correspondente aos alunos entre 12 e 15 anos, num grupo de 16 alunos e com a duração prevista de 16 horas, sendo previstos dois encontros semanais de 1 hora cada a acontecerem entre os meses de fevereiro e março. A metodologia a ser utilizada, composta por aulas expositivas, leituras, bate-papo e produção. E por fim, a oficina seria dividida em cinco módulos: História em Quadrinhos, Santa Dica, Roteiro, Desenho e Finalização, com as suas respectivas cargas horárias. **(Em anexo, p. 136)**

Após o envio do documento à diretoria do centro educacional para a avaliação da possibilidade de realização, o retorno mostrou-se promissor, necessitando apenas de um reajuste sobre a faixa etária dos alunos, uma vez que a referida turma se dividia em dois grupos, onde a maioria dos alunos não ultrapassava a idade de 10 anos. Ao fim, a educadora responsável, Cláudia Lima, ainda solicitou a integração de alguns alunos de 7, 8 e 9 anos por conta da facilidade de leitura e compreensão dos textos e pela capacidade de ilustração. A oficina aprovada daria início na segunda semana de fevereiro de 2014, quando os alunos já estivessem matriculados e integrados no ano letivo do local.

3.2.2 A preparação

Para a preparação da oficina, foi necessária a busca de materiais de apoio que não se encontravam à disposição *online*, uma vez que a pesquisa levou a alguns artigos académicos e notícias sobre a sua história, mas nada além. Dois livros compuseram as principais fontes de pesquisa, *Santa Dica: en-*

cantamento do mundo ou coisa do povo (2013) do autor Lauro Vasconcellos e *Sete Léguas do Paraíso (1989)* de Antônio José Moura. O primeiro consta do resultado de uma pesquisa de mestrado, ainda na década de 80, sobre o movimento social liderado por Benedita Cipriano Gomes e da sua relação com outros movimentos sob o mesmo plano de fundo no país. A pesquisa baseia-se em fontes documentais e, principalmente, em fontes orais – o autor entrevistara alguns envolvidos, contrários ou não à Santa –, além de buscar justificativas sobre o acontecimento no estado de Goiás e tornar a história conhecida por seu valor cultural. A segunda publicação é um romance ficcional construído a partir da recolha de material sobre o mito da heroína da República dos Anjos.

> Seguindo o itinerário fantástico – mescla de realidade e ficção – de Benedita Cipriano Gomes, a Santa Dica, acompanhamos, pela leitura de "Sete Léguas de Paraíso", as aventuras e desventuras desta heroína dos confins de um Goiás que se revela para o mundo nas asas de uma trama romanesca a conjugar façanhas históricas, memórias, crenças e crendices; componentes que, reunidos, perfazem o mito primordial da gente goiana. (Transfiguração e história em "Sete Léguas de Paraíso", 2011)

Numa das passagens do livro, há por exemplo a imagem do jornal *Santuário de Trindade* onde os padres de Campinas publicavam notas difamando a Santa. Ao mesmo tempo, o autor não busca fazer de seu texto uma biografia ou um documento histórico. Porém, o constante contato com a realidade permite ao leitor analisar o plano de fundo da narrativa e extrair daí as principais características do movimento, da líder messiânica e das conjunturas sociais que possibilitaram a transgressão de centenas de sertanejos em condições miseráveis na busca por transformações através da religião.

No dia 15 de janeiro foi realizada uma viagem ao distrito de Lagolândia, local onde Santa Dica viveu grande parte de sua vida até à sua morte em 1970. **[Fig. 20]**

Fig. 20 *Lagolândia. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

A visita teve como propósito recolher registros visuais sobre o local dos acontecimentos, bem como buscar alguma informação adicional na escola que leva o nome de Benedita. Porém a mesma encontrava-se fora de funcionamento na data, enquanto na casa de Dica, apesar do livre acesso, não havia ninguém responsável para uma entrevista. Do pequeno distrito, pôde-se fotografar a referida residência e seu interior, o túmulo da mulher que repousa sob a árvore gameleira – que segundo relatos presentes no livro de Lauro Vasconcellos, já existia na época em que os seguidores da Santa ali se afixaram –, o Rio do Peixe e o busto de Benedita Cipriano Gomes rodeado de imagens de anjos na praça central da cidade, um marco para o local. Além da documentação para o projeto, a recolha das imagens teve a finalidade de serem apresentadas aos alunos da oficina, a partir do pressuposto da contribuição favorável de referências visuais para a construção da ambientação de uma narrativa gráfica.

Outra importante fonte de pesquisa para o projeto consiste no documentário goiano *Santa Dica, De Guerra e de Fé (2005)* dirigido pelo jornalista Marcio Venício. O projeto, contemplado pelo Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro, busca resgatar o legado cultural deixado por Santa Dica ao longo dos seus 55 minutos de duração. As filmagens dividem-se entre os entrevistados e os locais relacionados com o conteúdo tratado de forma bem jornalística. A narrativa, por sua vez, foca-se no presente, nos resquícios da história, em personagens influenciados pelas ações de Dica antes de sua morte, para recriar os acontecimentos do passado e a própria personagem, a partir de fatos históricos e crendices populares. O documentário deixa explícita a força mística que carrega a imagem da Santa mesmo depois de mais de quatro décadas após a sua morte. A sua casa ainda funciona como um centro de assistência espiritual, onde vive também a suposta sucessora. Alguns moradores e familiares, por sua vez, acreditam no seu retorno, enquanto a sua história continua a ser perpetuada no distrito de Lagolândia. Diante da dificuldade de acesso à informação por parte dos alunos, a exibição do material teria como propósito introduzir o tema, bem como auxiliar na sua percepção e promover um diálogo com o grupo acerca das suas próprias impressões sobre a história. As imagens apresentadas também funcionam como um acréscimo de repertório visual que mais tarde poderiam ser de grande valia durante a produção da banda desenhada.

De posse da pesquisa recolhida durante o período, era chegado o momento da preparação do material a ser utilizado ao longo das aulas programadas a partir do planeamento apresentado. Para as aulas expositivas, esteve presente a preocupação em intercalar as informações verbais com exemplificações visuais, utilizando principalmente o suporte da banda desenhada. Para cada módulo iniciado, uma apresentação foi elaborada de forma a introduzir o conteúdo a ser trabalho na sequência das aulas. A escassez de acesso à informação por parte dos alunos – muitos em situação de carência -, para além da ausência de um laboratório de informática com internet à disposição e bibliotecas funcionais, exigiam que o conteúdo retirado da pesquisa prévia lhes fosse apresentado de forma integral. Quanto ao repertório visual, foram apresentados exemplos retirados de BDs com as quais os alunos já estavam familiarizados, como o caso da *Turma*

da Mônica, como também personagens consagrados pela cultura pop – os super-heróis, *Mafalda* e *Astérix*, entre outros – muitos destes conhecidos pelo grupo por meio de outras mídias audiovisuais. Ainda, havia a intenção da apresentação de vídeos e animações relacionados com o conteúdo, como o documentário já citado, junto com a leitura de materiais, exercícios e bate-papos de forma a tornar a aula mais interativa para os alunos.

Durante a leitura do livro de Lauro Vasconcellos, notou-se a presença da transcrição de uma das entrevistas realizadas com uma antiga moradora da República dos Anjos que esteve presente durante os principais eventos do movimento. Rico em informações e particularidades sobre Dica, acabou por tornar-se matéria-prima para o desenvolvimento de uma série de pequenas animações sob a designação de *Os Depoimentos de Dona Eusébia (2014)*.**[Fig. 21]**

Fig. 21 *Depoimentos de Dona Eusébia. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Na realidade, ainda que o texto fosse entregue ao grupo, era provável que a conhecida dificuldade de leitura prejudicasse a sua compreensão e a partir do fato, a linguagem audiovisual, por meio de desenhos animados, surgiu como uma solução viável para que a mensagem chegasse aos alunos. Ao todo, foram produzidas 10 animações sob uma estrutura simplificada em

que a personagem relembrava os acontecimentos nos quais esteve envolvida. O material, que não ultrapassavam a duração de dois minutos cada episódio, utilizou trechos do texto transcrito, em que se relatam aspectos sobre a Santa Dica, a vida na comunidade, os incrédulos e contrários à mulher, bem como outros personagens importantes, e a prisão no referido "Dia do Fogo".

Por fim, ainda foi criada uma página na rede social Facebook, chamada Oficina Santa Dica – quadrinhos é coisa do povo [**Fig.22**], com a função de servir como material auxiliar aos alunos participantes da oficina, com informações, dicas de leitura e notícias sobre o próprio andamento das aulas. A recolha de imagens e informações seria disponibilizada ao longo do desenvolvimento da oficina, bem como o material produzido para o uso em sala de aula – como o caso das animações Os Depoimentos de Dona Eusébia – e a produção do grupo de cada novo módulo até se chegar à banda desenhada As Aventuras de Santa Dica no fim do projeto. O propósito das publicações estava intimamente relacionado com o uso desta ferramenta online, principalmente por parte dos jovens, onde estes comunicam e partilham a informação que interessa ao grupo em que estão inseridos.

Fig. 22 *Página Oficina Santa Dica. Fonte: Facebook, 2014 - Disponível em www.facebook.com/oficinasantadica.*

3.2.3 O Grupo

As aulas foram iniciadas no dia 11 de fevereiro de 2014 para um grupo de 18 alunos, entre crianças e adolescentes. Este por sua vez, correspondia a uma faixa etária de alunos entre 7 e 13 anos **[Fig. 23]**, maioria do sexo masculino **[Fig. 24]**, todos provenientes da Escola Municipal Caraíbas, que frequentavam no período vespertino, enquanto as atividades no Centro Educacional Terra Livre decorriam no turno matutino. **(Informações em anexo, p. 138)**

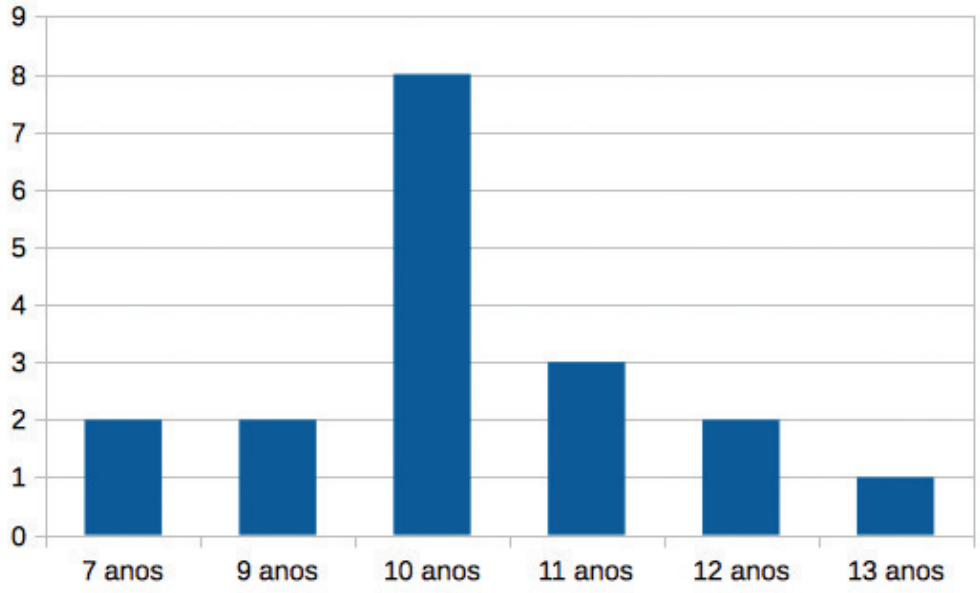


Fig. 23 *Idade dos participantes*

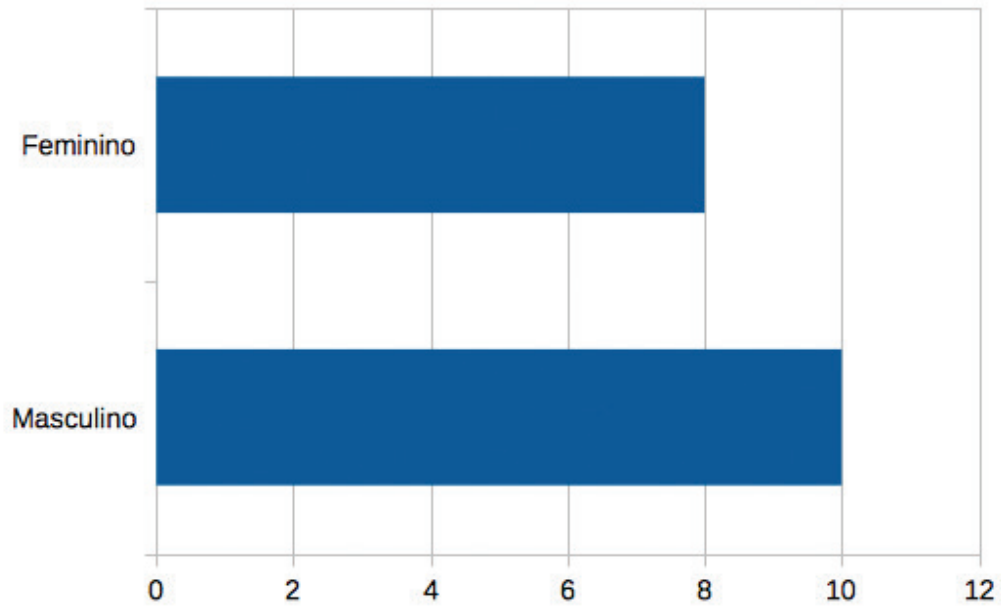


Fig. 24 *Sexo dos participantes.*

A escolha etária dera-se por acreditar que desta forma a atividade de caráter mais lúdico poderia dialogar com um processo de consciência reflexiva acerca da produção e cotidiano dos referidos alunos. Waldomiro Vergueiro, em *Como usar quadrinhos na sala de aula (2004)* refere-se ao ensino fundamental como o período promissor, onde se distancia da ausência de aprofundamento reflexivo requerido nas classes infantis e de uma pos-

sível falta de espontaneidade no confrontamento das opiniões pessoais frente ao coletivo, por parte dos alunos do Ensino Médio:

> Nível fundamental (1° a 4° séries): nos primeiros anos, não se pode identificar qualquer salto na capacidade expressiva dos alunos, que evoluem de forma sistemática e gradual para maior reconhecimento e apropriação da realidade que os circunda. Aos poucos, a criança vai deixando de ver a si mesma como o centro do mundo e passa a incorporar os demais a seu meio ambiente, ou seja, evoluindo em termos de socialização. Da mesma forma, começa aos poucos a identificar características específicas de grupos e pessoas, podendo ser apresentada a diferentes títulos ou revistas de quadrinhos, bem como ser instada a realizar trabalhos progressivamente mais elaborados, que incorporem os elementos da linguagem dos quadrinhos de forma mais intensa. Nível fundamental (5° a 8° séries): os alunos se integram mais à sociedade que os rodeia, sendo capazes de distinguir os níveis local, regional, nacional e internacional, relacioná-los entre si e adquirir a consciência de estar em um mundo muito mais amplo do que as fronteiras entre sua casa e a escola. O processo de socialização se amplia, com a inserção em grupos de interesse e a diferenciação entre os sexos. Tem a capacidade de identificar detalhes das obras de quadrinhos e conseguem fazer correlações entre eles e sua realidade social. As produções próprias incorporam a sensação de profundidade, a superposição de elementos e alinha do horizonte, fruto de sua maior familiaridade com a linguagem dos quadrinhos. (VERGUEIRO, 2004, p. 28)

Desde logo, as condições sociais dos envolvidos, bem como o ensino oferecido aos mesmos mostraram-se de grande influência para a recepção e desenvolvimento da oficina. Inicialmente, para a leitura dos dados coletados é importante salientar que, através do Decreto n° 8.166 de 23 de dezembro de 2013, o salário-mínimo vigente no Brasil é de R$ 724,00. Para efeitos comparativos, ao considerarmos o valor real deste ao salário de Portugal utilizando a paridade de poder de compra (PPC)[21], enquanto o primeiro não ultrapassa Int$[22] 5.495, o segundo, Int$ 9.722, segundo dados da lista oficial do The World Bank[23]. Apesar dos crescentes aumentos promovidos pelo governo brasileiro como uma tentativa de aumentar o consumo e aquecer a economia, o que observamos é o crescimento da inflação e dos tributos fiscais e para piorar, de forma desigual. Se o valor mínimo se mostra insuficiente para suprir as necessidades básicas individuais de forma digna, o que se imaginar quando o mesmo há de ser distribuído pelo restante da família. Para se ter uma ideia, segundo levantamento realizado pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) no mês de maio, para o mesmo feito, um trabalhador deveria receber um salário-base de R$ 3.079,31[24], um valor 4 vezes maior que o atual.

Através de um questionário preenchido no momento da inscrição no Centro Educacional Terra Livre, era exigida aos responsáveis pelas crianças e adolescentes a disponibilização de alguns dados, como a renda mensal, bem como o número de dependentes. Como resultado, muitos dos alunos sobrevivem com uma renda mensal não superior a R$ 800 reais, divididos entre os outros moradores. **[Fig.25]** Ao imaginar-se a dimensão destes efeitos, um exemplo, o custo do cabaz de produtos básicos – a idealização de um conjunto de 13 produtos alimentícios utilizados por uma família de quatro integrantes durante um mês – em Goiânia no mês de maio é de R$ 297, 77. Para alguns, nada menos que a metade da sua renda, excluindo-se

21 *PPC é um cálculo que mede a relação do poder aquisitivo de uma pessoa com o custo de vida local, utilizando uma moeda internacional como valor de medida.*

22 *Unidade de moeda Geary–Khamis, também conhecida por Dólar Internacional.*

23 *Dados retirados do artigo "List of minimum 2ages by country" Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_minimum_wages_by_country. Acesso em junho de 2014.*

24 *Disponível em http://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html#2014. Acesso em junho de 2014.*

os gastos com transporte, produtos de higiene, contas, vestuário, materiais escolares e lazer.

Ao calcular a distribuição da renda entre todos os componentes familiares, o resultado demonstra uma média não muito superior a R$ 200, 00 para cada integrante, um valor muito abaixo do que se espera para o desenvolvimento de uma criança em condições favoráveis. Há ainda casos mais sérios, onde uma renda mensal de R$ 600, 00 é utilizada para suprir as necessidades de 10 pessoas. [**Fig. 26**]

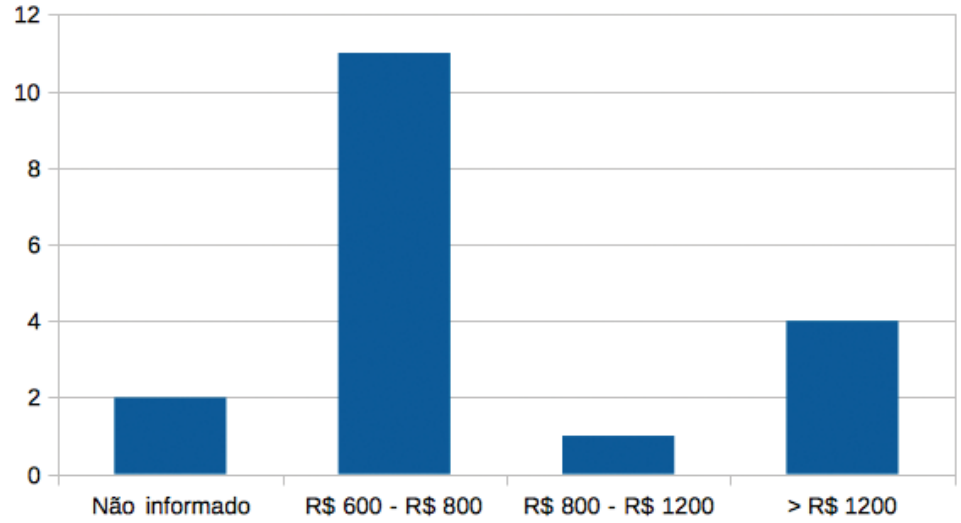


Fig. 25 *Média de renda familiar.*

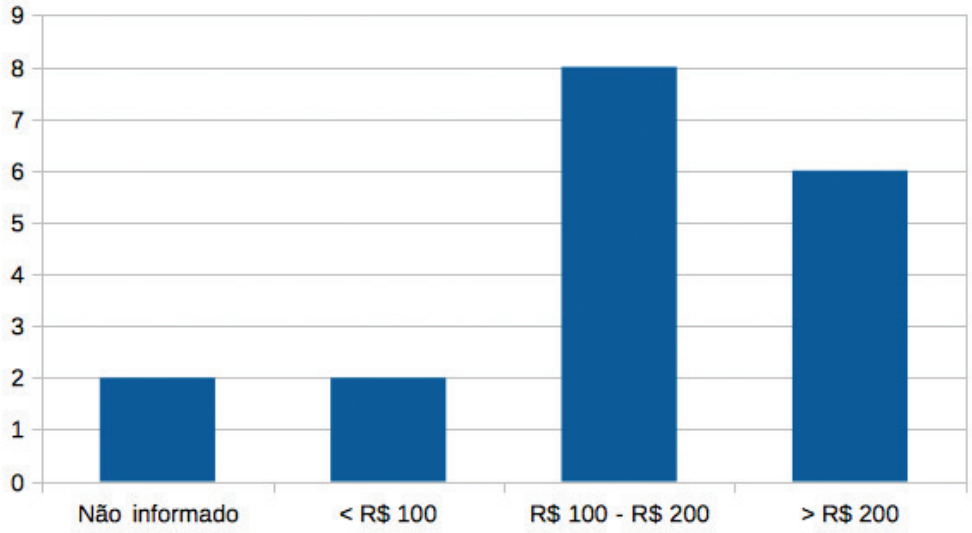


Fig. 26 *Média por pessoa - Renda mensal*

É importante lembrar que por vezes, os responsáveis se encontram desempregados e sem a oportunidade de renda fixa. Muitas destas crianças e adolescentes, em consequência das suas condições, necessitam do auxílio financeiro do governo através do programa de transferência direta de renda, denominado Bolsa Família, instituído pela Lei 10.836/2004 e regulamentado pelo Decreto nº 5.209/2004, onde mensalmente é depositado um

montante em dinheiro às famílias em situação de pobreza. Atualmente, em todo o Brasil, mais de 14 milhões de famílias – quase 50 milhões de pessoas – são atendidas pelo Bolsa Família. **[Fig. 27 e 28]**

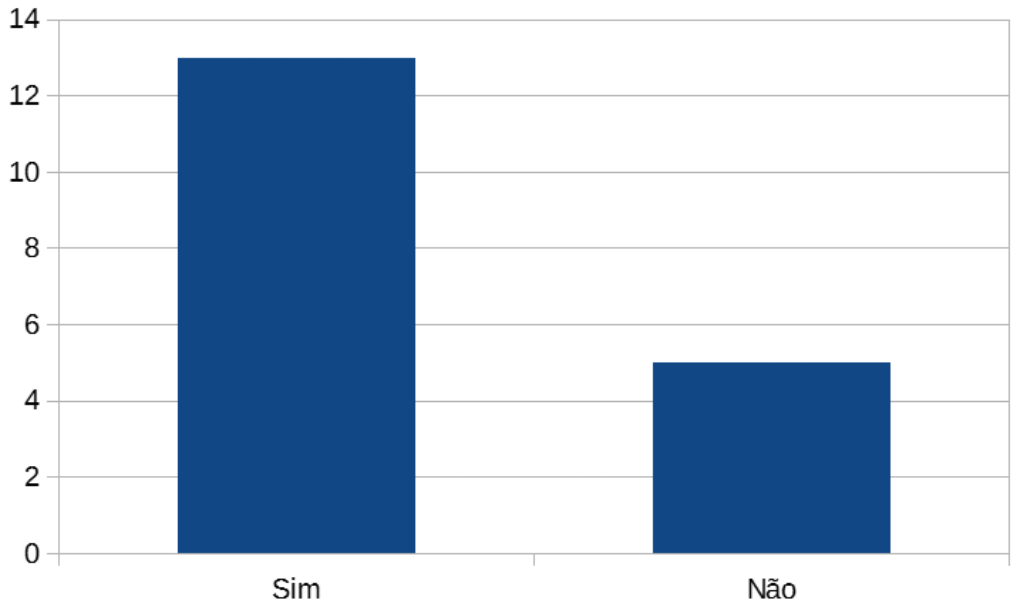


Fig. 27 *Alunos que recebem auxílio do governo.*

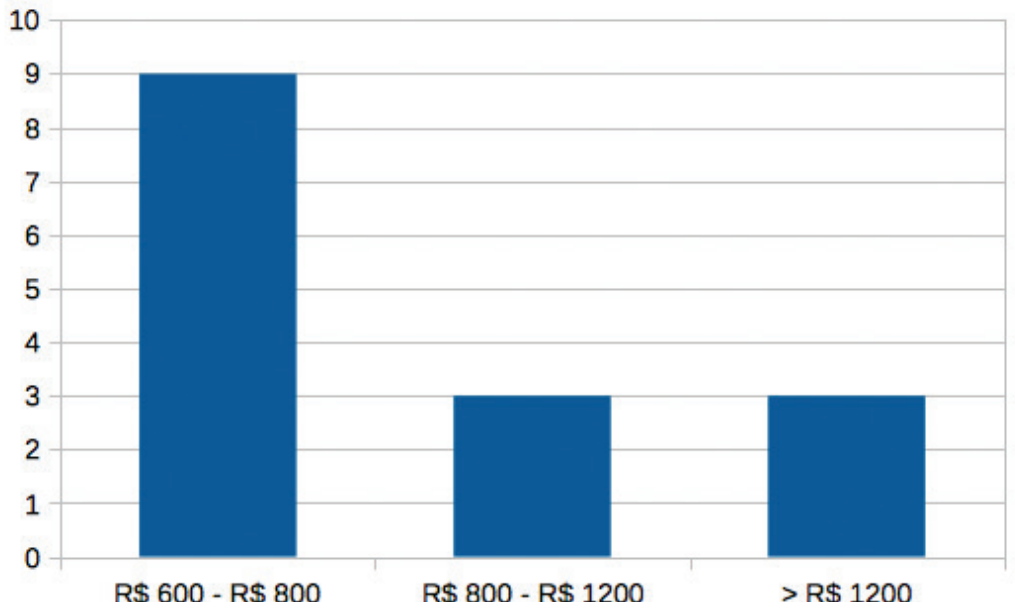


Fig. 28 *Média de valores - Auxílio do governo.*

Ainda que não se mostre suficiente para sanar os problemas económicos do grupo participante da oficina, é um indicativo das dificuldades que são obrigados a enfrentar, encontrando no Centro Educacional um local de apoio não só pedagógico mas também social. Ao presenciar o dia a dia dos alunos, nota-se que são dependentes de coisas simples, como a alimentação disponibilizada, os materiais escolares e peças de vestuário cedidos através de doações e o apoio psicológico; afinal, muitos também se encontram em situação de risco familiar, uso de drogas ilícitas e abandono. No ano de 2013, das 80 crianças matriculadas no Terra Livre, tanto na Educação Infantil, como na Educação Complementar, no que respeita aos encaminhamentos em situação de risco, 50 foram os casos relatados ao conselho educacional, 49 ao conselho tutelar e 16 encaminhamentos para atendimento psicológico[24].

24 *Dados disponibilizados no Relatório de Gestão 2013 da ONG Terra Livre. Disponível em: http://www.terralivre.org.br/balanco/relatorio-gerencial2013.pdf , acesso em junho de 2014.*

Quanto à premissa pedagógica, a faixa mais contundente grupo cursa atualmente o 4° ano do Ensino Fundamental. [**Fig. 29**]

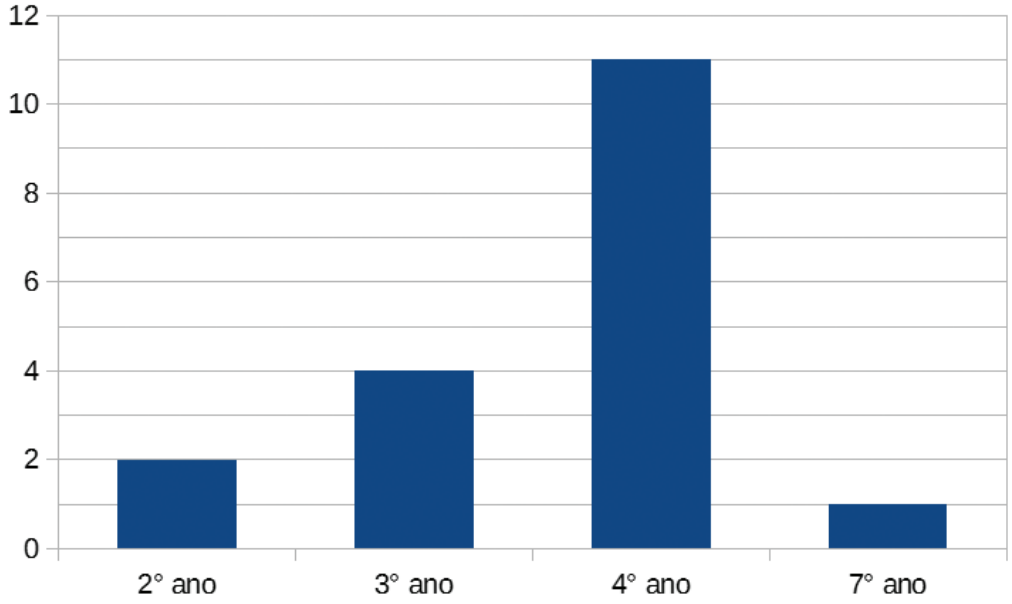


Fig. 29 *Ano letivo atual dos alunos.*

Há no país uma meta estipulada pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), que prevê que a criança esteja totalmente alfabetizada aos 8 anos de idade, ao final do 3° ano de Ensino Fundamental, onde precisam de "ter a compreensão do funcionamento do sistema de escrita; o domínio das correspondências grafofônicas, mesmo que dominem poucas convenções ortográficas irregulares e poucas regularidades que exijam conhecimentos morfológicos mais complexos; a fluência de leitura e o domínio de estratégias de compreensão e de produção de textos escritos." (MEC, 2012). Porém, em termos práticos, a realidade configura-se de forma diferente. Numa parceria entre o movimento Todos Pela Educação, a Fundação Cesgranrio, o Ibope e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a Prova ABC, uma avaliação direcionada aos alunos do 2° e 3° ano, em 2012 – os resultados de 2013 da recém-criada "Avaliação Nacional da Alfabetização" até o momento não foram divulgados – apontou que quase 70% dos estudantes brasileiros a esta altura não conseguem dominar competências básicas de escrita, e pior, mais da metade não sabem ler no nível adequado para a idade. A situação é mais alarmante, quando esta realidade é díspar entre o ensino privado e público.

> Os resultados da Prova ABC trazem um panorama da alfabetização nas capitais brasileiras. Enquanto 52% dos alunos da rede pública não alcançam o nível de leitura esperado para o início da Ensino Fundamental, apenas 21% dos matriculados nas particulares apresentam a mesma defasagem. Com relação à escrita, os percentuais são de 56% da rede pública abaixo do patamar mínimo e 18% da privada. (QUEEN, Dados da Prova ABC ilustram o quanto ler ajuda a escrever, 2012)

Correspondendo a esta realidade, ao longo da oficina foi notada uma grande dificuldade por parte dos alunos na leitura e escrita, o que acabou por comprometer a programação e planeamento das aulas. Durante exercícios de leitura, a compreensão textual era tarefa difícil para algumas crianças, enquanto outras não conseguiam escrever uma frase completa por não

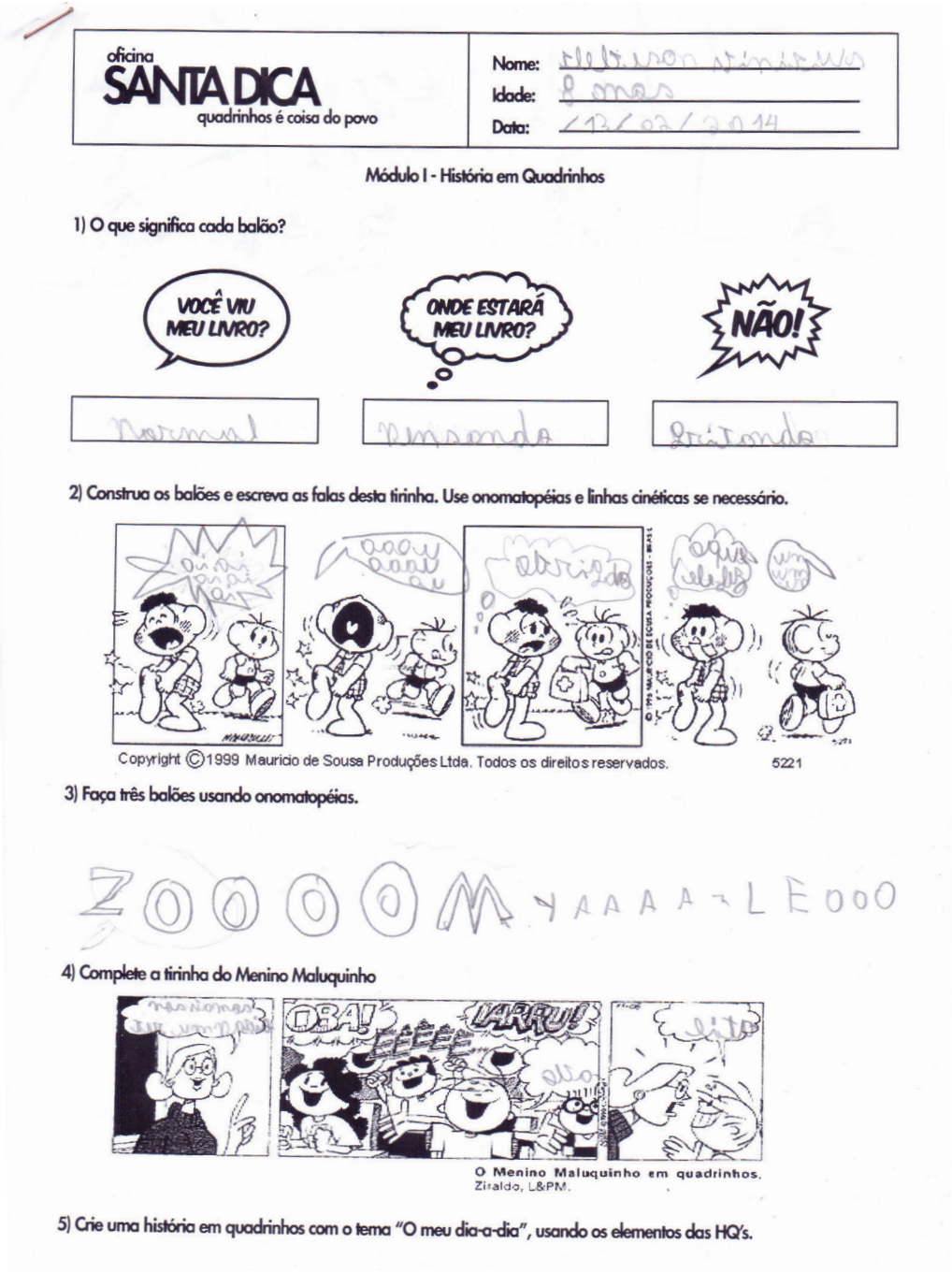
dominar a escrita, necessitando que a educadora responsável pelo grupo ditasse letra a letra em algumas frases. Em relato, a mesma professora alertou para o fato de que a situação anterior dos alunos se mostrara ainda pior e que muitos deles tiveram um aumento nas suas capacidades de leitura e escrita por meio do projeto do Centro Educacional. No decorrer das aulas, muitas mães e responsáveis recorreram aos educadores para que estes auxiliassem os seus filhos em exercícios pedagógicos frente ao ineficaz trabalho das escolas que frequentam.

3.3 A oficina, dificuldades e soluções

3.3.1 Módulo I – Banda Desenhada

Após uma aula inaugural com o propósito de conhecer um pouco os alunos e as suas relações com a linguagem da banda desenhada, bem como apresentar o programa da oficina, logo foram notados alguns entraves que poderiam prejudicar o desenvolvimento do projeto. O primeiro dos cinco módulos era direcionado à referida linguagem, onde além de perceber como a sua leitura interagia com o quotidiano do grupo – através de exercícios de leitura para a posterior compreensão textual de materiais variados –, também se buscava aprofundar questões conceituais, tais como os seus principais atributos e devidas funções. A sua finalidade consistia em sublinhar a importância destes elementos para que na sequência viessem a ser utilizados durante a produção da história original. Logo nos primeiros exercícios **(Modelo em anexo, p. 156)** foi diagnosticada a dificuldade de escrita e leitura de alguns indivíduos. Construções simples de frases diante da explanação sobre a leitura da BD não só mostraram uma compreensão superficial acerca do conteúdo – o material, apesar de diverso, continha uma proposta temática pedagógica – como também erros graves na estruturação dos textos escritos, além de grafia confusa. Noutro exercício de afixação de conteúdo, muitos foram aqueles que responderam de forma errada, ainda que houvesse material disponível para consulta direta e diálogo constante entre a investigadora e os alunos durante o tempo reservado para a resolução das questões. **[Fig. 30 e 31]**

Fig. 30 *Exercício Módulo I. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*


oficina
SANTA DICA
quadrinhos é coisa do povo

Nome:
Idade: 8 anos
Data: 13/03/2014

Módulo I - História em Quadrinhos

1) O que significa cada balão?

VOCÊ VIU MEU LIVRO?

ONDE ESTARÁ MEU LIVRO?

NÃO!

Normal

Pensando

Gritando

2) Construa os balões e escreva as falas desta tirinha. Use onomatopéias e linhas cinéticas se necessário.

Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5221

3) Faça três balões usando onomatopéias.

ZOOOOM YAAAA-LEOOO

4) Complete a tirinha do Menino Maluquinho

O Menino Maluquinho em quadrinhos.
Ziraldo, L&PM.

5) Crie uma história em quadrinhos com o tema "O meu dia-a-dia", usando os elementos das HQ's.

Fig. 31 *Exercício respondido por aluno durante Módulo I. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Era também notável a falta de estímulo de alguns; por falta de motivação e interesse, recusaram-se a participar das atividades, dispersão essa que ia de encontro aos esforços de outros, e vários foram os momentos em que houve a necessidade da intervenção da educadora responsável. O que se percebeu é que o grupo colaborava ora por medo de perder certos privilégios, ora por interesse em algum ganho futuro e tão-pouco se sentia à vontade com a investigadora no início da oficina. Dialogando com a professora, houve por parte desta a afirmação de que o desinteresse dos alunos está enraizado numa questão cultural: os mesmos são estimulados apenas por meio de chantagens ou avaliações negativas. Diante dos resultados iniciais do primeiro módulo, tornou-se clara a necessidade de modificação dos métodos das aulas. A questão da alfabetização deficiente era um problema incontornável em termos práticos por conta da proposta temática do projeto e portanto era preciso apelar para o uso de outros media e formas de verbalização do conhecimento dos alunos – de grande

valia mas prejudicados por suas limitações – e para isto, o exercício de oralidade aliada a um tom mais lúdico mostrar-se-ia de grande importância no decorrer da oficina.

3.3.2 Módulo II – Santa Dica

O segundo módulo, por sua vez, fora reservado ao conteúdo temático da BD, Santa Dica e Messianismo, relacionando cultura local e o ensino de História. A partir do referencial teórico presente nos materiais didáticos, sentiu-se a necessidade de apresentar aos alunos a história de Canudos – a mais famosa dos movimentos sociais religiosos – como tópico comparativo com as ações realizadas em Goiás. Durante o primeiro encontro, uma breve aula expositiva serviu de suporte para a introdução de outros media na finalidade de envolver o grupo no tema e facilitar sua compreensão.

3.3.2.1 Suportes multimedia para a educação

Este tópico foi dividido em três momentos; o primeiro constou da exibição de um vídeo didático elaborado pela Fundação Joaquim Nabuco e pelo Ministério da Cultura, utilizando fantoches, sobre a comunidade de Canudos. O humor contido no material causou interesse aos alunos e acabou por evitar a dispersão. O conteúdo, por sua vez, transformou-se em repertório visual e fez-se presente durante a produção de "As aventuras de Santa Dica", talvez o mais importante processo de compreensão e estímulo à capacidade de relacionar conteúdos distintos, por parte da turma. A seguir, a exibição de uma canção de Aldo Souza chamada *"Guerra de Canudos"*. A escolha desta sobre as outras opções foi causada pela sonoridade característica da região do Nordeste, assemelhando-se com a tradição cultural dos "repentes", uma mescla entre poesia e música, na qual predomina o improviso. Ao fim foram repassados alguns versos buscando despertar curiosidades e impressões sobre a cultura nordestina, a história do Brasil e principalmente a Santa Dica. Foi uma sugestão da professora responsável, dado que a musicalidade para ela se tornara uma importante aliada para promover discussões acerca da cultura e da sua relação com fatos históricos e as consequências sociais na população brasileira ao longo dos séculos. A última atividade do encontro foi a leitura da já citada banda desenhada *"A Guerra do Reino Divino"* de Jô Oliveira, baseada na história de Antônio Conselheiro e do seu povoado. A proposta, mostrar aos alunos um material ficcional produzido a partir de um acontecimento real – e próximo ao tema de estudo – porém com a liberdade autoral que traz consigo.

No encontro seguinte, a quarta aula da oficina, por fim foi apresentada a história de Santa Dica ao grupo. Trechos do documentário goiano *"Santa Dica de guerra e fé"* dirigido por Marcio Venicio e as animações *"Depoimentos de Dona Eusébia"* produzidas especialmente para a oficina, foram exibidos e posteriormente discutidos. Neste momento tornou-se possível aos alunos relacionarem os eventos transcorridos no interior de Goiás com os acontecimentos da Guerra de Canudos, na Bahia, décadas anteriores. Os pontos em comum entre as duas histórias foram compreendidos pelos

estudantes à medida que a narrativa de Dica era evidenciada. Para avaliar este primeiro contato e estimular a produção da turma, um pequeno concurso de ilustrações sobre o conteúdo exposto foi realizado. Ao redirecionar o olhar crítico para a compreensão narrativa dos alunos, muito mais do que para as suas capacidades ilustrativas, mostrou-se notável a variedade de contextos abordados sobre Dica. Enquanto uns retrataram a líder religiosa, outros preferiram destacar passagens, como a travessia dos fugitivos pelo Rio do Peixe, o cemitério onde os mortos foram enterrados no embate contra os soldados do governo, até mesmo o túmulo de Benedita Cipriano Gomes. O interesse e empenho envolvidos na atividade tornaram-se um demonstrativo de que a competição e a premiação do esforço são agentes motivadores nestes espaços de ensino.

3.3.2.2 Jogos que também ensinam

No planeamento inicial das aulas, as atividades do encontro anterior estavam previstas para decorrerem em duas aulas, mas a necessidade de envolvimento dos alunos de forma mais ativa no projeto obrigou à inserção de outra abordagem pedagógica. Após uma breve pesquisa, optou-se pela criação de jogos pedagógicos como instrumento de apoio para o reforço do tema discutido pelo seu caráter lúdico.

> [...] os jogos podem ser empregados em uma variedade de propósitos dentro do contexto de aprendizado. Um dos usos básicos e muito importantes é a possibilidade de construir-se a autoconfiança. Outro é o incremento da motivação. [...] um método eficaz que possibilita uma prática significativa daquilo que está sendo aprendido. Até mesmo o mais simplório dos jogos pode ser empregado para proporcionar informações factuais e praticar habilidades, conferindo destreza e competência (SILVEIRA, 1998, p.02).

Para a oficina, três jogos foram criados: um jogo de cartas, conhecido no Brasil como Jogo do Mico, em que os participantes formam pares de cartas, relacionando o assunto à imagem; um jogo de trajeto, percorrendo a linha do tempo dos acontecimentos em Lagolândia, e por fim, um jogo de tabuleiro, com informações, curiosidades, notícias veiculadas na década de 20 e espaço para desenhos dos próprios participantes. **[Fig. 32]**

A atividade foi bem recebida pelos alunos, que demonstraram interesse em jogá-los novamente, uma vez encerrada. O jogo de cartas foi o de menor aceitação e compreensão, devido à dificuldade e desinteresse da leitura contida nas cartas, primordial para o prosseguimento da ação. Por estarem acostumados a outros jogos de trajetos, este foi instintivamente o mais simples para os alunos. Pouco texto e grande rotatividade das jogadas permitiram aos alunos um jogo rápido e fácil. Entretanto, o jogo de tabuleiro, ainda que com um maior número de regras e pequenas frases em todo o trajeto, foi o mais apreciado pelos participantes da oficina. Cada leitura e atividade presente foram recebidas com entusiasmo, sendo notável a sua imersão, junto com a competitividade do exercício em grupo. O balanço final mostrou-se positivo, em grande parte devido à participação dos alunos. **[Fig. 33]**

Fig. 32 *Jogos produzidos para o Módulo II. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Fig. 33 *Alunos jogando. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

3.3.3 Módulo III – Roteiro

Finda a apresentação do tema aos participantes da oficina, o próximo módulo contou com o início da produção da banda desenhada, responsável pela roteirização de *"As aventuras de Santa Dica"*. Com o apoio da aula expositiva, conceitos e principais elementos da elaboração de um roteiro foram apresentados aos alunos, sempre buscando traçar a relação entre o proposto e o repertório visual dos mesmos. Neste momento debatemos sobre os conflitos presentes na história da Dica, os seus principais personagens e motivações, a ambientação da narrativa, como é retratada a década de vinte em outros meios, a presença de uma narrativa linear, o uso de *flashbacks*, o texto de auxílio e os diálogos.

Para promover o diálogo entre os estudantes, duplas foram formadas para que se discutisse o roteiro e como a história poderia ser contada. A partir de então, cadernos contendo a sinopse de um capítulo cada, junto com informações sobre o fato a ser desenvolvido, foram entregues às duplas, para finalmente ser iniciada a atividade. O que se percebeu a seguir, em conversa com os alunos, foi a incompreensão do exercício causado pela má interpretação textual e mistura dos elementos da aula expositiva. Quanto mais se espartilha a atividade dentro de limites preestabelecidos, maior é a tentativa dos alunos de emular exemplos prévios. Por sua vez, através de desenhos era possível a expressão de suas ideias. O interesse e esforço dos estudantes foram crescentes ao longo da oficina, assim como a confiança na investigadora, conseguindo dialogar com ela e buscar explanações diante das dúvidas.

Devido às dificuldades presenciadas durante o primeiro encontro do módulo, para o seguinte foi organizada uma série de atividades que abrangessem a estrutura da narrativa a ser escrita. Na primeira, pediu-se aos alunos que conversassem entre si sobre qualquer tema, desde que anotassem todas as intervenções no caderno entregue. O objetivo da proposta: lembrá-los da existência e importância dos diálogos não somente nas histórias em quadrinhos, como em nosso próprio cotidiano. É perceptível que estão acostumados a utilizar o discurso indireto nas suas produções textuais; as razões, entretanto, podem ser originadas por desfasamento da aprendizagem ou apenas por costume. Na segunda atividade, abordou-se o processo de narrar histórias. Uma tira de BD foi apresentada a um integrante de cada dupla, que ficava a cargo de explicar ao parceiro o seu conteúdo. Este, por sua vez, transcrevia o que tinha compreendido. O propósito do exercício: mostrar-lhes o caminho inverso do roteiro que estão produzindo. Por fim, foi pedido aos alunos que desenhassem a seguinte cena descrita: "*Vendo que a polícia está atirando contra os moradores, Santa Dica coloca-se à frente destes e nenhuma das balas acerta a mulher.*" Para a execução, limitou-se o tempo em dez minutos, de forma a estimular uma resposta mais rápida frente ao desafio. Tal como nos roteiros, esse tipo de descrição é importante durante a ilustração das narrativas, pois orienta o ilustrador sobre a forma e conteúdo distribuídos no layout da página.

3.3.3.1 Teatro de improviso como ferramenta pedagógica

Ao retomar a produção dos roteiros, concluiu-se que a questão textual ainda era um problema, e talvez a oralidade para posterior transcrição fosse o melhor caminho para o desenvolvimento e finalização da atividade. A solução encontrada para a dificuldade exposta foi a produção oral do roteiro através de um teatro de improviso. A cada dupla foram entregues objetos e adereços a serem utilizados em cena durante a peça. Estes elementos foram elaborados em acordo com cada capítulo e durante dez minutos os alunos prepararam o que seria representado ao restante da turma. Prevendo a timidez como empecilho, eu, no papel de investigadora, tomei a liberdade de também participar do teatro numa posição de igualdade com a turma. Além da interação espontânea, poderia ao mesmo tempo auxiliá-los no desenvolvimento de cada capítulo. **[Fig. 34]**

Fig. 34 *Teatro de Improviso. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

A peça decorreu durante aproximadamente trinta minutos, estes divididos em sete duplas. Os alunos empenharam-se nas suas apresentações, notando-se desde o início o interesse pela proposta mais lúdica. Ao fim, não apenas mostraram conhecer a história sobre a qual fariam as ilustrações, como também finalizaram o roteiro através da posterior transcrição da atividade gravada. Ainda que não soubessem ao certo como representar toda a sinopse, com as intervenções dos outros estudantes concluíram de forma satisfatória o improviso. O roteiro foi então organizado a partir das ideias e diálogos do teatro de modo a tornar a história coesa entre a contagem dos capítulos. A barreira causada pelo desfasamento de aprendizagem por grande parte dos alunos foi superada utilizando uma ferramenta mais interativa. **(Roteiro em anexo, p. 157)**

3.3.4 Módulo IV - Desenho

A partir dos roteiros finalizados iniciou-se o quarto módulo, respeitante à ilustração da banda desenhada. O primeiro passo foi delimitar um pequeno storyboard, onde os alunos pudessem traçar seus primeiros rabiscos antes do desenho final. **(Modelo em anexo, p. 164)** Para tal atividade, foram entregues folhas em formato A4 com os requadros delimitados e as suas respectivas informações a respeito da ilustração. As duplas, em posse do roteiro, ficaram responsáveis pela produção de cada capítulo ao longo da aula. Neste instante foi importante perceber que cada dupla optou por seguir um estilo pessoal, buscando traços distintos, sem emulações e cópias – notadas em exercícios anteriores - mesmo entre os seus parceiros de trabalho. Porém, a dispersão causada pela falta de concentração entre os estudantes alertou para outra questão. O fato de não possuírem técnicas de ilustração fez com que se sentissem incapazes de realizar a atividade, ainda que fosse salientado, exaustivamente, que tais capacidades não seriam passíveis de análise, mas sim o processo, comprometimento e interesse. Quanto maior é o sentimento de incapacidade, menor é o desejo de completar o exercício. **[Fig. 35]**

Fig. 35 *Produção Storyboard. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

No segundo encontro, os alunos iniciaram as atividades de ilustração final da banda desenhada. Foram entregues folhas no formato A3 de alta gramagem novamente com os requadros (estes riscados previamente após certa dificuldade dos alunos em acompanharem os requadros prévios do exercício anterior). Durante o exercício, pôde notar-se uma preocupação na construção de ícones que identificassem os personagens, ainda que os desenhos não sejam necessariamente complexos ou esteticamente funcionais. Há aqueles que compreendem a mensagem de forma diferenciada

tornando-se importante não limitar a capacidade criativa dos mesmos, ainda que fuja da proposta inicial. Entretanto, para uma necessidade de compreensão da mensagem escrita, foi necessário abdicar-se dos letreiramento manual. Como já salientado anteriormente, houve novamente grande dificuldade na escrita e a solução encontrada foi a de utilizar um software de edição para tal finalização, a cargo da investigadora. O exercício de repetição – a produção do storyboard e os novos desenhos - causou aos alunos certa impaciência, demostrando que para reter a atenção destes é importante apresentar rotinas diferenciadas durante as aulas, como acontecera noutros módulos anteriormente. [Fig. 36]

Fig. 36 *Módulo V: Desenho. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

À medida em que encerravam a atividade, foi-lhes designado o início da finalização dos desenhos: foram entregues canetas pretas para que as ilustrações e requadros fossem contornados, além da própria colorização, se assim a dupla desejasse. Enquanto alguns alunos se preocuparam em ambientar os seus desenhos, outros necessitaram de uma intervenção por parte da orientadora para evitar formas muito genéricas. Houve ainda aqueles que não estavam interessados em realizar a atividade, tornando-se este aspecto perceptível no resultado final, tanto na ilustração quanto na finalização. No final da aula de 3 de abril, o material estava pronto para ser escaneado, diagramado e compilado para a leitura.

3.4 A primeira leitura

Previsto para decorrer no término das ilustrações, o último módulo, reservado para finalização, acabou por acontecer paralelamente, sem maiores intervenções do grupo. A falta de um laboratório de informática impediu

o uso e edição posterior da compilação dos desenhos. A investigadora decidiu responsabilizar-se pela finalização e impressão da BD *As Aventuras de Santa Dica* e utilizou o período reservado ao Módulo V para leitura em grupo do resultado e confraternização pelo sucesso da oficina. Os desenhos foram compilados nos seus respectivos capítulos, adicionando-se os requadros, balões, recordatórios e textos. Em seguida, cópias em preto e branco foram feitas e encadernadas para serem entregues às duplas durante a leitura. É preciso salientar que naquele momento não se tratava da versão final da banda desenhada e sim, da história completa de forma que pudesse ser lida e discutida na sala de aula em tempo útil.

Durante a leitura, alguns alunos demonstraram interesse apenas no trecho pelo qual haviam sido responsáveis, impressão reforçada durante a entrevista com cada um deles. Facilmente dispersos, várias intervenções foram necessárias para que se completasse a leitura. Finalizada a atividade, cada aluno exprimiu a sua opinião sobre a banda desenhada, a sua passagem preferida ou a ilustração de que mais gostou. Grande parte dos estudantes demonstraram uma predileção pelo fato de a personagem principal ser conhecida e creditada como uma milagreira. Muitos apontaram a sua suposta ressurreição como a passagem preferida dentro da história. O lado religioso mostra-se bem presente no quotidiano dessas crianças e talvez por isso, aliado ao fato espetaculoso e mágico dos feitos de Santa Dica, estas passagens sejam tão salientadas. Quando questionados sobre as atividades da Oficina, respostas mecânicas como "bom", "interessante" e "legal" foram repetidas, mas, uma vez questionados sobre a razão dos adjetivos, os alunos colocaram-se em silêncio, sem saber o que dizer.

Assim se encerrava a oficina Santa Dica após quinze encontros ao longo dos meses de fevereiro, março e abril. Na busca de uma melhor avaliação sobre o projeto e sobre a percepção do conteúdo junto aos alunos, optou-se por realizar entrevistas com parte do grupo antes de serem iniciados outros projetos fomentados pelos professores do Terra Livre. Devido à constante evasão dos estudantes da Educação Complementar, não se tornou possível reunir com todos os participantes. No entanto, entre este entrevistados – quatorze do total de dezoito alunos -, pôde-se notar certas características em comum que auxiliariam o processo investigativo.

3.5 A BD produzida

"As Aventuras de Santa Dica", BD produzida pelos alunos da Educação Complementar do Centro Educacional Terra Livre, no ano de 2014, possui trinta e seis páginas, roteirizadas e ilustradas pelo referido grupo. A sua história é dividida num prólogo e sete capítulos, situando-se na década de vinte, ao mesmo tempo em que reconta os principais momentos do movimento social liderado por Dica em Goiás. A atividade buscou relacionar fatos históricos, regionalidade e produção individual, proporcionando ao aluno a sua condição de fomentador de conhecimento por meio de imagens gráficas. Para Vilela (2006, p. 128), "esse tipo de atividade, além de permitir a interdisciplinaridade da História, Língua Portuguesa e Artes, pode estimular os estudantes a desenvolverem a competência de representar e comunicar (comunicação escrita, gráfica e pictórica)". A crença na escassez de espaços

de educação que assumam a postura de ensino horizontalizado, permitindo uma relação colaborativa entre aluno e educador e, mais importante, aberto ao diálogo, agiu como maior motivadora do projeto.
O conteúdo prévio da BD foi definido de acordo com a apresentação do tema aos estudantes e segmentado em oito partes, para melhor optimização da atividade. A história inicia-se no momento em que a Dica, uma adolescente, cai enferma e depois de ser dada como morta retorna à vida, aproximadamente em 1921. Encerra-se com a prisão de Benedita após os eventos ocorridos no conhecido "Dia do Fogo" em 1925. A predileção pelos feitos místicos e religiosos da Santa é traduzida ao longo da banda desenhada, onde se encontram diversas passagens sobre o tema. Apesar de contar com personagens e fatos conhecidos historicamente, a criação e personificação de indivíduos comuns humanizam a saga da jovem, aproximando-a dos incontáveis e desconhecidos atores sociais responsáveis pela sobrevivência da história ao longo das décadas através da transmissão oral, uma vez que os estudos académicos sobre o movimento surgiram apenas recentemente. **[Fig. 37]**

Fig. 37 *Capa As Aventuras de Santa Dica. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

O roteiro, como já foi indicado, desenvolveu-se a partir de uma sinopse, aproveitando o teatro de improviso para estruturar diálogos e passagens. Foi este talvez o processo mais criativo ao longo da oficina, pois permitiu aos alunos a organização e transmissão das suas ideias de forma instintiva, baseando-se em prévios conhecimentos e repertórios visuais e verbais, enquanto a escrita se mostrava como um entrave pelas dificuldades levantadas. Ações e personagens foram criados livremente e o grupo conseguiu relacionar a leitura da BD com o improviso durante a leitura. A es-

trutura do roteiro é simples, assim como os diálogos, e por vezes tornou-se necessária a intervenção externa para torná-lo coeso e ligado ao restante do material.

As ilustrações mostraram-se carregadas de traços distintos, contabilizando ao material uma miscelânea de cores e estilos, desde os mais simples ao mais complexos. A necessidade primordial era que fossem funcionais, trazendo consigo características de ambientação que permitissem ao leitor a sua compreensão junto ao texto. Vilela (2006, p. 128) alerta para a necessidade da análise dos desenhos não pelo seu caráter estético, mas pela sua mensagem: "Os desenhos dos alunos não precisam ser uma "obra de arte". Basta apenas que sejam funcionais, isto é, possam transmitir a ideia com eficácia, comunicar elementos contidos no roteiro."

Prólogo: produzido por Alice Dias (10 anos), Joice Santana (11 anos) e Noemy dos Santos (11 anos), lida com a enfermidade e suposta ressurreição de Santa Dica, fato que a torna conhecida como milagreira. **[Fig 38]**

Fig. 38 *Prólogo. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

As informações nos requadros da banda desenhada estavam previstas no storyboard de forma a auxiliá-los na ilustração, tornando-se o único elemento imutável ao longo do material. Os desenhos das alunas chamam a atenção ao caracterizarem - entre traços e colorização - as personagens principais da história de forma distinta, para que o leitor as reconheça. O modo como a avó, por exemplo, prende os seus cabelos, ou a cor do vestido de Dica. As ilustrações são planificadas no espaço delimitado, sem preocupações com os enquadramentos e o uso da perspectiva. Os elementos no mesmo plano demonstram o desejo que apresentá-los na sua totalidade, na crença da sua importância para a ambientação. A partir de um registo fotográfico durante a visita à cidade de Lagolândia, as estudantes apropriaram-se da imagem e representaram-na na sua história. O túmulo de

Dica tornou-se um elemento de grande apelo visual, sendo utilizado no prólogo, ainda que fosse construído apenas na década de 70, no momento da morte de Benedita. [Fig. 39]

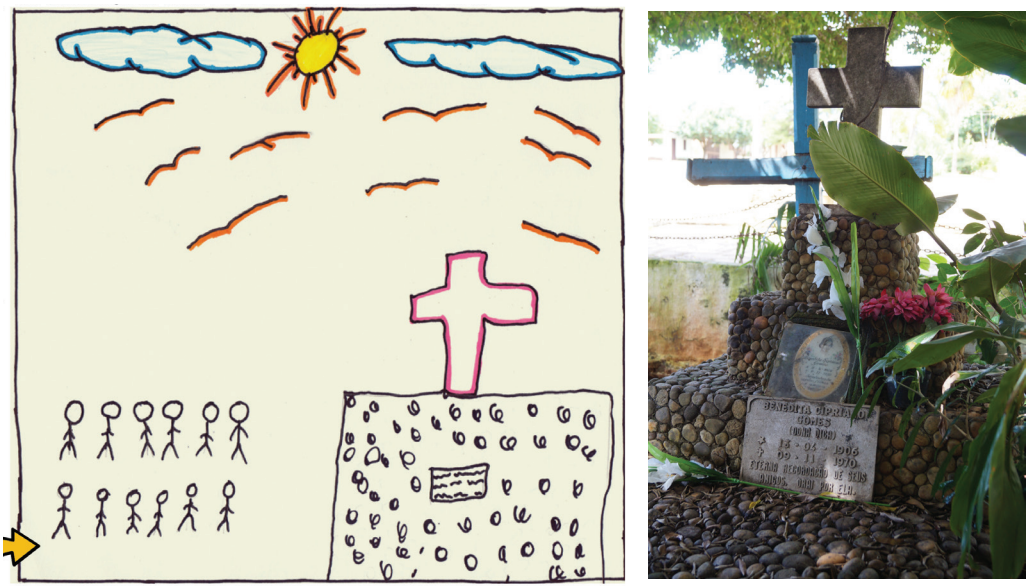


Fig. 39 *Representação do túmulo. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Capítulo I: elaborado por Clebson Vinícius Costa (9 anos), Daniel Souza (10 anos) e Guilherme Ferreira (9 anos), retrata, da forma imaginada pelos alunos, as relações entre os fazendeiros e os seus trabalhadores no interior goiano durante a década de vinte. [Fig. 40]

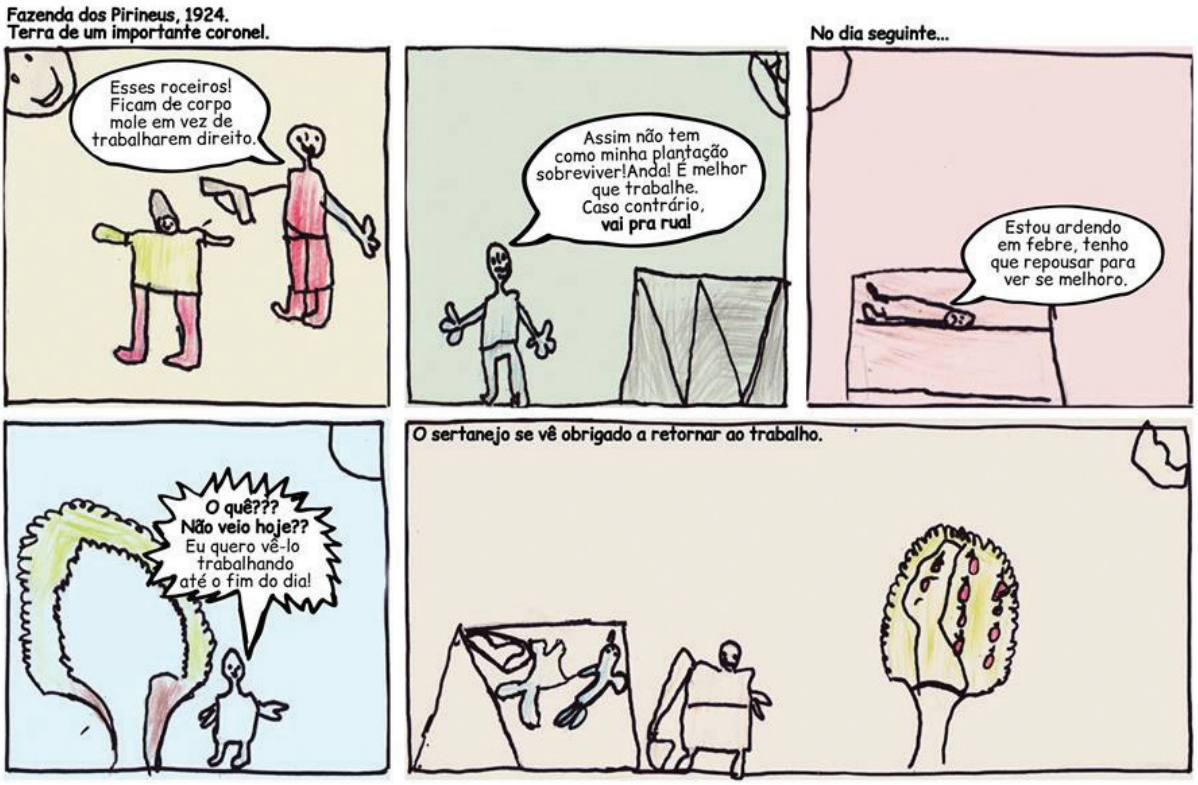


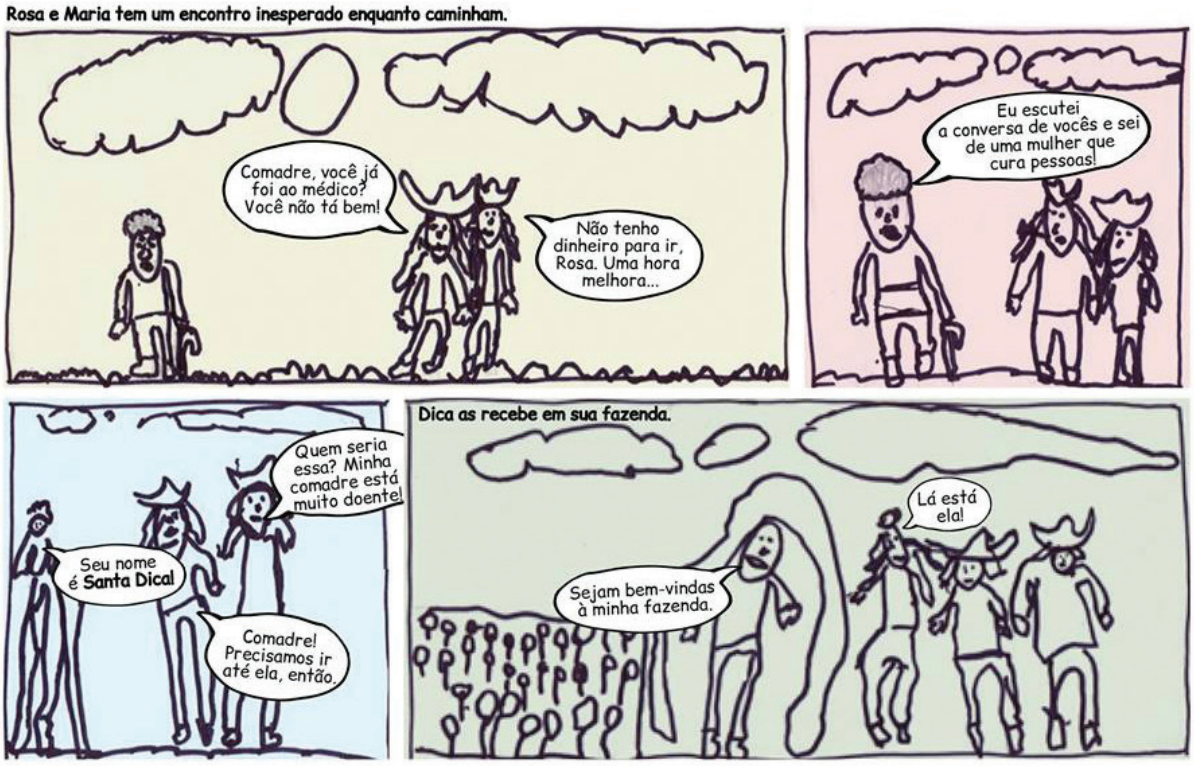
Fig. 40 *Capítulo 1. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Os sertanejos que fariam parte do movimento religioso ao seguirem Dica. Dos vários grupos, talvez este tenha sido o mais destoante em relação ao prévio storyboard. Na ilustrações finais, os elementos soam por vezes ge-

néricos e em certos momentos repetitivos. Diante da relutância dos alunos em refazer parte da atividade, optou-se por adaptar os desenhos ao roteiro. As cores são utilizadas de forma alternada sem apego à sequência ilustrada, mas há a intenção de ambientar o espaço em que decorre a ação, através de árvores, do sol, de casas e da própria plantação. Os personagens são diferenciados pela sua vestimenta e por alguns objetos, como a enxada do sertanejo ou a arma ameaçadora do coronel. Dica, entretanto, não possui nenhum elemento que a caracterize, tornando necessário o auxílio do texto para a sua identificação.

Capítulo II: desenvolvido por Kevin Marques (7 anos) e Marcos Vinícius Belo (10 anos), tem a função de apresentar a fundação da República dos Anjos por Dica, após a fixação dos fiéis nas suas terras. **[Fig. 41]**

Fig. 41 *Capítulo 2. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*



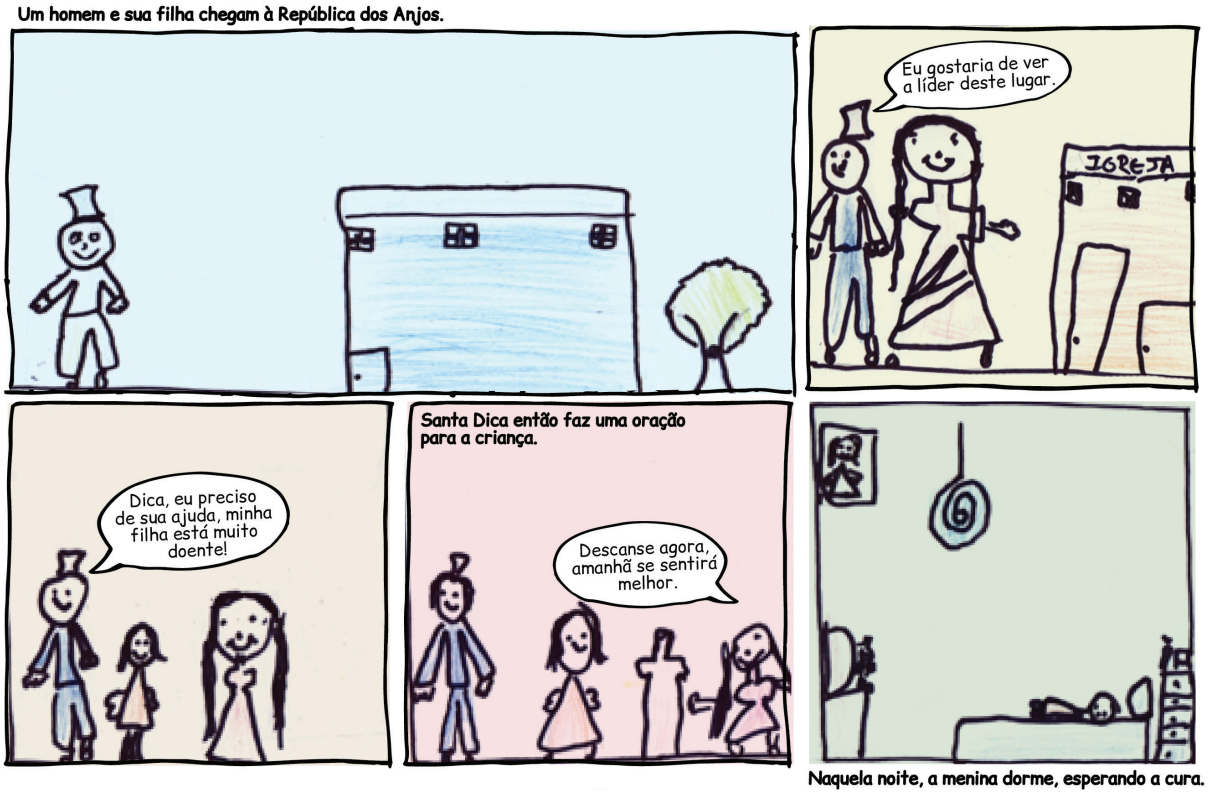
Assim como o capítulo anterior, tem-se novamente a presença do lado místico da personagem por meio da crença do milagre, bem como a representação dos anjos **[Fig. 42]**, presentes no discurso profético da Santa. Há aqui o trabalho individual dos integrantes da dupla, notado na colorização do material. A primeira parte apresenta-se por meio de uma série de caracterizações interligadas ao teatro de improviso, como os chapéus das sertanejas e os longos cabelos de Benedita. A ambientação, por sua vez, mostra-se mais complexa, carregada de outros elementos que preenchem o espaço da ilustração. Na transição entre os alunos, os géneros confundem-se sem no entanto interferir na compreensão da passagem, sendo ora identificados pelas formas geométricas das suas vestimentas, ora pela colorização. Ao fim, é notável também a forma visual encontrada pelo aluno para apresentar a fundação do povoado, utilizando uma placa sob os dizeres "República dos Anjos", **[Fig. 43]** um efeito semelhante a outras ilustrações infantis, onde as crianças sentem a necessidade de nomear edificações, como escolas e hospitais.

Fig. 42 *Os anjos. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Fig. 43 *Sinalização da República dos Anjos. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Fig. 44 *Capítulo 3. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Capítulo III: produzido por Rayssa Silva (10 anos) e Suellem da Silva (7 anos) relata a chegada de Alfredo dos Santos ao povoado. **[Fig. 44]**

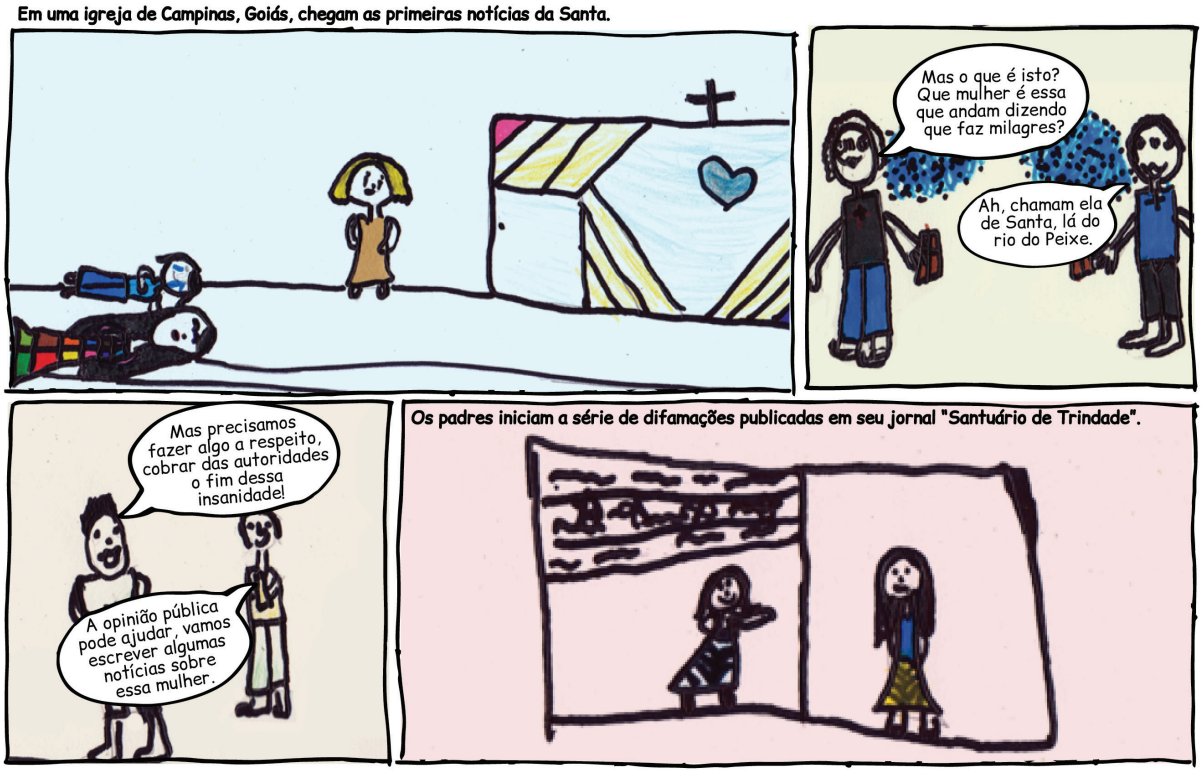


O homem, considerado o braço direito de Santa Dica, era um dos únicos alfabetizados na comunidade e, segundo relatos, auxiliou-a nas suas pregações, contribuindo para o aumento quantitativo dos seguidores do movimento. Na história oficial não se sabe da existência de uma filha como é apresentada na BD. O fato ficcional foi concebido durante o teatro de improviso, bem como os seus diálogos. O roteiro acabou por assumir a passagem, sendo a forma encontrada pelos alunos para justificar a introdução do personagem na narrativa. Os desenhos são facilmente traduzidos, carregando consigo as suas devidas caracterizações. O momento em que Alfredo dos Santos se apresenta a Dica carecia de maior atenção e pesquisa por parte das alunas. Durante o diálogo entre a dupla e a investigadora, houve a sensibilização para o uso do mapa do Brasil, bem como das bandeiras das federações, na tentativa de referenciar o estado do Rio Grande

do Sul, local de origem do personagem. Entretanto, optaram por ilustrar o globo terrestre, que por sua vez não interfere na comunicação da mensagem mas poderia ser melhor ambientado. As alunas seguem uma religião e as suas experiências refletem-se no repertório visual a ser utilizado nas lustrações, como o altar de Dica, a bíblia e o púlpito; ainda que tais representações sejam incorretas historicamente, não se exclui a sua compreensão diante dos outros alunos.

Capítulo IV: desenvolvido por Brenda da Silva (10 anos) e Bruna Oliveira (10 anos), apresenta ao leitor a segunda força contrária ao movimento social liderado por Dica: a Ordem do Santíssimo Senhor Redentor, fixada no município de Campinas, em Goiás, e a decisão dos padres de iniciarem a perseguição pública por meio de notas difamatórias através do jornal "O Santuário de Trindade". **[Fig. 45]**

Fig. 45 *Capítulo 4. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*



No material há duas questões interessantes a serem abordadas. No primeiro quadro da história é exibida a impressão das alunas frente ao roteiro do storyboard sobre as primeiras notícias de Dica em Campinas. A presença visual de Benedita e dos sertanejos em busca de cura foi a solução encontrada pela dupla para interligar os dois espaços. O fato de a mulher aparecer deitada provavelmente faz referência ao caso da ressurreição, reforçado pela personagem ao seu lado em lágrimas, enquanto no outro extremo encontra-se a referida igreja. Os padres, por sua vez, são caracterizados de forma simbólica entre cruzes e livros bíblicos. A segunda questão faz referência às ilustrações da página seguinte, bem como as reações provocadas junto aos alunos. A dupla optou por duplicar os desenhos de outro material – uma série de bandas desenhadas disponíveis em sala de aula para que os alunos pudessem procurar por formas e traços **[Fig. 46]**, caso fosse o desejo da dupla – e em diversos momentos ao longo da oficina, os alunos apropriaram-se de outros repertórios visuais para comunicar

através dos seus desenhos. As suas formas, por sua vez, causaram estranheza ao restante da turma durante a leitura em grupo. Entre as várias interjeições, uma em particular chamou a atenção ao relacioná-lo com a imagem do diabo. A religiosidade foi um fator muito presente entre os alunos durante o projeto.

Fig. 46 *Duplicação. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

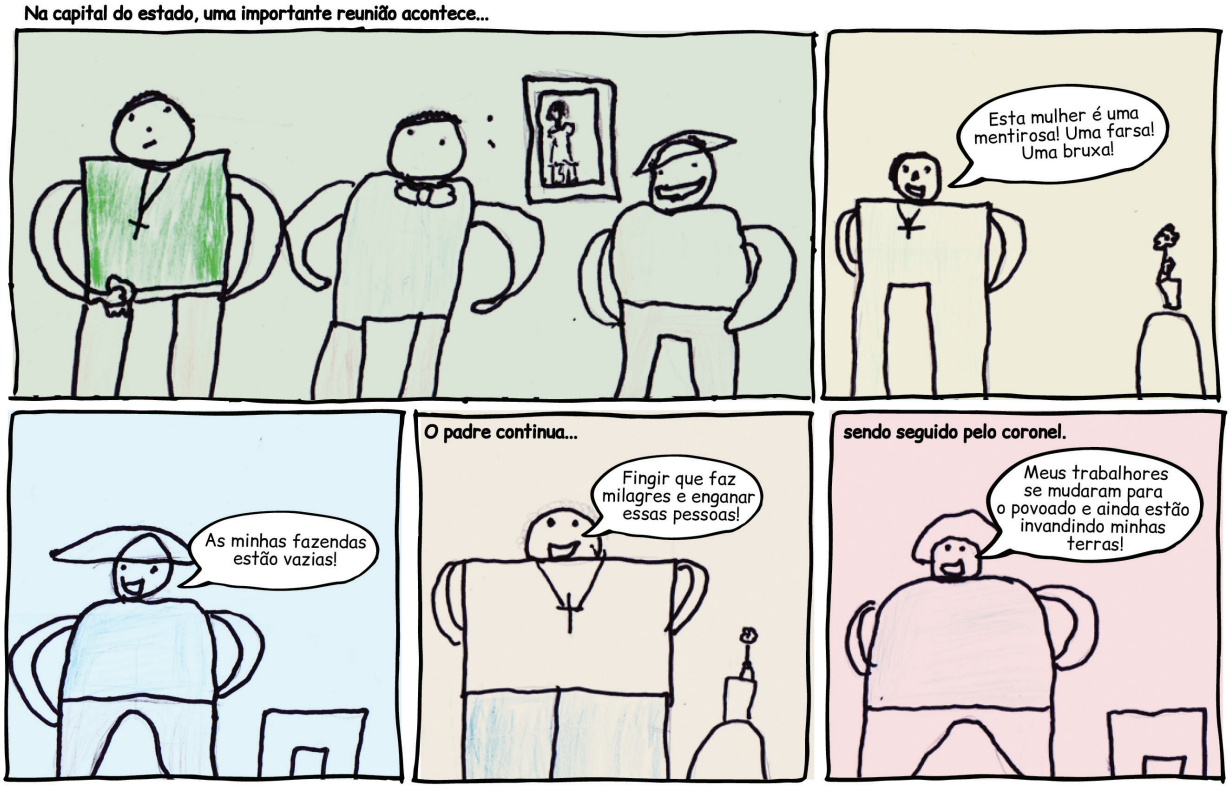
Capítulo V: elaborado por Evelyn Sales (10 anos) e Kelriston Menezes (13 anos) faz referência ao batalhão de soldados – os moradores da República dos Anjos – treinados e liderados por Dica diante do fato historicamente conhecido como a "Coluna Prestes" e as suas consequências para o povoado. [Fig. 47]

Fig. 47 *Capítulo 5. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

É, graficamente, o material com melhor acabamento entre a compilação. Nota-se o cuidado com a ambientação e a harmonização entre as formas elaboradas e os espaços destinados às ilustrações. Durante a atividade, o aluno responsável pelos desenhos buscava nas suas pesquisas visuais, formas e posições para emulá-los no material a ser produzido. A idade do aluno mostrou-se um diferencial à altura do desenvolvimento do projeto. O mais velho do grupo, uma vez interessado pela oficina – a abertura dos alunos mais jovens para com o projeto ocorreu mais cedo – demonstrou seriedade e uma maior familiaridade com a linguagem da BD, refletidas nos seus desenhos. Na sua ausência, a segunda integrante da dupla mostrou-se pouco à vontade em assumir a atividade, sem confiança na sua própria produção. As suas ilustrações limitaram-se a dois quadros na segunda página, causando uma breve ruptura de caráter estético no material. Uma dupla estruturada pelas aptidões que se refletiram na divisão de responsabilidades entre o roteiro e os desenhos.

Capítulo VI: produzido por Breno Felipe Berto (12 anos) e Wesley Martins (10 anos) fabrica o ficcional encontro entre os poderes religioso, político e económico do estado de Goiás e as suas consequentes decisões. **[Fig 48]**

Fig. 48 *Capítulo 6. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*



A ideia de reuni-los graficamente surgiu a partir do vídeo apresentado durante a aula s9bre a Guerra de Canudos, onde se desenvolvia uma passagem semelhante. Dos materiais sobre o assunto referido, este destacou-se no imaginário dos alunos, sendo relembrado em diversas situações. Na banda desenhada, cada personagem exprime os fatos acontecidos a seu favor em busca do fim das ações de Dica e prisão dos envolvidos no movimento. Apesar de as ilustrações obedecerem a uma mesma estrutura por parte de ambos os alunos, a dupla encontrou uma série de símbolos para caracterizar cada personagem e causar a distinção necessária entre eles:

elementos trazidos novamente do teatro de improviso, como a boina do tenente da polícia militar, a cruz carregada pelo padre e o chapéu do fazendeiro. A pedido da investigadora, foram incluídos posteriormente alguns traços em favor da ambientação do espaço da ação. Entre todo o material, foram os únicos a modificarem um requadro – optando por formas curvilíneas referentes à ideia de sonhos – em favor da mensagem.

Capítulo VII: desenvolvido por Edson Junio dos Santos (12 anos) e Guilherme de Paiva (11 anos), a parte final da BD recria os acontecimentos do "Dia do Fogo", os relatos dos sobreviventes e a subsequente prisão de Benedita Cipriano Gomes. Devido à sua extensão em número de páginas, houve ao longo da atividade certa relutância e desinteresse em completar a série de desenhos. **[Fig. 49]**

Fig. 49 *Capítulo 7. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Há em determinados momentos o planeamento da sequência visual da história, como o caso da progressão nos primeiros requadros referentes à aproximação dos soldados ao povoado. Neste capítulo, há a presença de duas lendas em torno do mito de Dica: a crença de que ela se pôs à frente das armas da polícia militar enquanto os anjos a protegiam - impedindo que as balas a acertassem – e a outra, não prevista no *storyboard*, sendo encenada no improviso ao qual a dupla fazia parte, a menção de que a mulher teria amarrado uma sucuri à margem do Rio do Peixe para impedir que os soldados o atravessassem[25]. Ainda que por vezes as ilustrações apresentem um acabamento descuidado, reforçado pelos traços evidentes, a sua sequência junto aos outros elementos da banda desenhada possibilita a compreensão da história.

A decisão de encerrar a história no momento da prisão de Santa Dica decorreu por acreditar que as características apresentadas em torno de um

25 *No documentário "Santa Dica de Guerra e Fé", há relatos que confirmam a crença existente ainda nos dias atuais.*

movimento social religioso reforçam-se no momento em que as forças política e armada se unem para dar cabo dos anseios de liberdade e de crença numa sociedade mais igualitária, de um grupo desfavorecido pela sociedade. No "Dia do Fogo", a esperança dos milhares de seguidores de Dica foi aplacada pelo desejo das elites de retornar ao *status quo* de outrora.

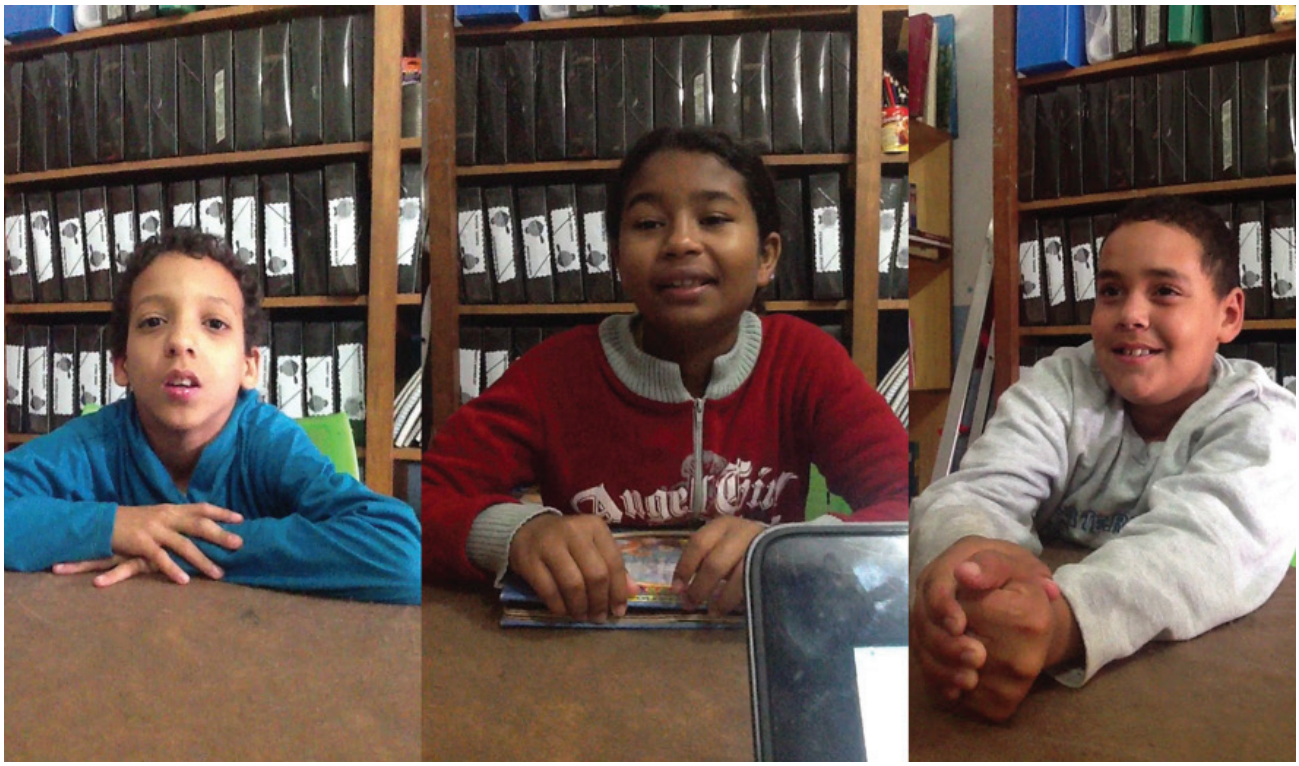
3.6 Primeira entrevista

Sob o intuito de obter as informações sobre a receptividade da oficina junto aos alunos, bem como de avaliar a compreensão do conteúdo após a leitura do material finalizado, optou-se por realizar uma entrevista com o maior número possível de participantes presentes à altura da avaliação. A decisão metodológica deu-se por se acreditar tratar-se de uma ferramenta flexível que permitiria aos entrevistados exprimirem as suas opiniões de forma verbalizada frente à dificuldade de exposição escrita das suas ideias, enquanto o uso de questionários poderia limitar o poder de resposta dos alunos.[26]

A partir de tópicos focados em três eixos – tema, oficina e ensino de história – foram formuladas algumas questões a serem colocadas durante a entrevista. Na tentativa de minimizar a variação entre as respostas e sistematizar os resultados, tais questões – quinze no total, ainda que existisse a opção de reformulação e desdobramentos diante da relutância dos alunos em responderem – previam uma uniformidade na informação recebida; Dos dezoito participantes, houve a possibilidade da realização da entrevista com quatorze e ainda com uma aluna que frequentava as aulas esporadicamente. A rodada de entrevistas ocorreu entre os dias 8 e 15 de abril, após a leitura do material durante o último encontro. A seguir, apresenta-se a síntese das respostas, diante da análise dos registros gerados. **[Fig. 50] (Entrevistas em anexo, p. 167)**

26 *Oppenheim (1992: 81–2) suggests that interviews have a higher response rate than questionnaires because respondents become more involved and, hence, motivated; they enable more to be said about the research than is usually mentioned in a covering letter to a questionnaire,and they are better than questionnaires for handling more difficult and open-ended questions. (COHEN, MANION, 1989, p. 352)*

Fig. 50 *Primeira entrevista. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*



Questão 1: *Quem era a líder em torno da República dos Anjos?* A maioria dos alunos responderam de forma correta, indicando o nome da Santa Dica, ainda que alguns tenham demonstrado dificuldade em relacionar as palavras-chave utilizadas na pergunta com o nome de Benedita. Neste caso, a reformulação da questão permitiu a sua compreensão.

Questão 2: *Em que época ocorreu?* Muitos não souberam responder, enquanto outros indicaram uma data aleatória sem qualquer justificativa. Apenas três alunas souberam apontar a época corretamente. O resultado demonstra a rejeição em memorizar datas históricas por parte dos estudantes, fato comum nas aulas de história.

Questão 3: *O que a Dica pregava aos seus fiéis?* As capacidades curandeiras da suposta santa e a sua religiosidade compuseram grande parte das respostas apresentadas. O debate acerca da reconfiguração das estruturas socioeconómicas imaginadas por Benedita foi ignorado pelos alunos. Apenas um afirmou que "a gente pode ser livre", transpondo as barreiras místicas contidas na banda desenhada para o seu quotidiano.

Questão 4: *Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?* Pessoas doentes e em busca de cura foram as respostas mais comuns entre o grupo. Houve ainda os que utilizaram o roteiro para as suas respostas referenciando a narrativa da BD, como Alfredo dos Santos e as duas personagens do segundo capítulo.

Questão 5: *Como funcionava a República dos Anjos?* Grande parte do grupo não soube responder à questão e mesmo entre os que opinaram, a pergunta causou confusão na sua compreensão. A organização social proposta por Dica não foi percebida de forma clara pelos alunos durante a primeira leitura.

Questão 6: *Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?* A clássica dicotomia entre bem e mal reforça-se no imaginário dos alunos. Para eles, os três poderes enxergavam em Dica a personificação do mal. Ficou claro que para o grupo o aspecto religioso sobrepôs-se aos contornos sócio-políticos em torno da temática do movimento social.

Questão 7: *O que a igreja decidiu fazer em resposta?* Para grande parte dos alunos, a igreja mandou prender Santa Dica. A partir da entrevista não se pode inferir com certeza se houve aqui uma confusão entre os personagens durante a ação explicitada na BD ou se a resposta faz alusão às notícias publicadas nos jornais de autoria da igreja. Um ou outro estudante, após reler o capítulo que faz referência à decisão, refez a sua resposta.

Questão 8: *Sobre o Dia do Fogo, como terminou?* Em aspectos gerais, os participantes assimilaram a prisão de Santa Dica ao fim da história. A justificativa para a prisão entretanto quase nunca é mencionada. Alguns ainda relataram acontecimentos como a santa colocar-se à frente das armas e não sofrer ferimentos, e a fuga através da travessia do Rio do Peixe.

Questão 9: *Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da*

Santa Dica? "A guerra". A luta entre as forças armadas e os moradores de ambos os povoados foi a passagem mais citada pelo grupo. Visualmente marcante, a violência contra os desfavorecidos não passou despercebida. Uma aluna em especial ainda cita o fato de Santa Dica enfrentar os poderosos, enquanto outro relembra as mazelas sociais presentes nos dois acontecimentos.

Questão 10: *Sabe algo sobre Messianismo?* A referida questão esteve presente na entrevista para aferir a recepção do tema histórico junto ao grupo. Saber relacionar o termo ao objeto de estudo da oficina. Os alunos não souberam responder à questão, um fato justificável pela idade dos alunos, que faz com que aspectos específicos do tema não sejam percebidos na sua completude; os alunos estão acostumados a projetos culturais mais abrangentes nos espaços de ensino do Terra Livre.

Questão 11: *Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?* Como previsto, os alunos não souberam apontar qualquer história nas suas respostas. Quando questionados sobre a escritora goiana Cora Coralina – a educadora responsável pela turma afirmara já haver trabalhado o tema com os mesmos anteriormente – alguns disseram recordar-se das aulas.

Questão 12: *Na sua escola, como são as aulas de História?* Através dos relatos, pode-se perceber que o ensino de História na escola onde frequentam é tratado com descaso. Alguns afirmam que as aulas são "chatas" ou que a professora "abre o livro e começa a ler" ou que ela "não passa quase nada de aula de história". Alguns afirmaram a inexistência das aulas no currículo escolar – estes frequentam o 3° e 4° ano – e há ainda os que confundiram os momentos de uso dos livros paradidáticos com as referidas aulas.

Questão 13: *Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?* Questão com o maior número de respostas distintas, para os alunos, "criar a história" "desenhar" e "escrever" foram as atividades apontadas, todas relacionadas com o processo de desenvolvimento da banda desenhada.

Questão 14: *E o que mais gostou de fazer?* As atividades lúdicas mostraram-se as preferidas do grupo e os desenhos e a dramatização através do teatro de improviso foram elencados como as atividades preferidas entre eles. É interessante que para alguns alunos o desenho mostrou-se tanto como a maior dificuldade, como foi indicado como a atividade preferida, mostrando não se tratar de um impedimento, desde que haja motivação durante o seu desenvolvimento.

Questão 15: *O que achou da Oficina?* "Legal", "interessante" e "muito bom" foram as palavras de ordem. Poucos ousaram justificar a sua resposta, soando desconfortáveis em apontar críticas ou impressões mais sinceras para a investigadora.

Durante a entrevista, alguns alunos mostraram-se incomodados em responderem às questões. Uma em especial preferiu a opção de escrever um texto devido ao desconforto frente ao registo visual, enquanto outros se recusaram a participar, permanecendo em silêncio ao longo das perguntas.

Face à quantidade de respostas inconclusivas, notou-se a necessidade de reformulação de algumas questões durante o ato da entrevista e até mesmo uma maior abertura ao espectro das respostas dadas pelos estudantes. Ao fim da entrevista, percebeu-se que a leitura da BD havia-se mostrado problemática – fato percebido durante a atividade onde os alunos não demonstraram atenção e comprometimento ao material – necessitando, porventura, de uma nova tentativa, utilizando outra abordagem metodológica antes das conclusões finais.

3.7 A BD produzida em paralelo

Paralelamente ao desenvolvimento das ilustrações da BD durante a oficina, a investigadora decidiu utilizar o mesmo roteiro para produzir um material de sua autoria como parte integrante do projeto. Sob a mesma premissa, mas com um capítulo adicional – o epílogo, também de sua autoria – a banda desenhada seria exposta aos alunos, por meio de um experimento, na tentativa de perceber os efeitos causados pelo apelo de suas imagens frente à produção pessoal do grupo.

Santa Dica em Quadrinhos (2014), 40 páginas, concentra-se em traços e formas de fácil assimilação e cores contrastantes. Os enquadramentos mais utilizados são o primeiro plano e o plano fechado, centrando a ação sobre o detalhamento do personagens e suas reações. A ambientação da história busca referenciar-se em espaços reais, como a cidade de Goiás e a casa de Benedita Cipriano Gomes **[Fig. 51]**, bem como as vestimentas e objetos que caracterizam os personagens a partir de registros visuais encontrados durante a pesquisa. Os personagens, por sua vez, foram construídos a partir de símbolos já reforçados pela cultura visual brasileira, como o coronel, o político, o sertanejo e o gaúcho. Santa Dica, com os seus longos cabelos negros, foi a única a ser construída a partir de relatos e fotografias. Ainda, alguns trechos do roteiro foram readaptados na intenção de melhor se relacionarem com as ilustrações imaginadas para as suas sequências. **[Fig. 52]**

Fig. 51 O Dia do Fogo. *Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Fig. 52 *Capa e prólogo da segunda banda desenhada. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Uma vez finalizada e impressa, decidiu-se realizar a sua leitura, seguida de uma nova entrevista com alguns alunos participantes do projeto.

3.8 Segunda entrevista

Para a segunda rodada de entrevistas, a metodologia a ser utilizada passou por algumas alterações na sua estrutura, em busca de resultados mais contundentes. A primeira mudança consistiu na forma como seria dirigida aos alunos: ao invés de perguntas precisas, perguntas-guia na intenção de direcionar o entrevistado para os tópicos temáticos, possibilitando maior liberdade nas suas respostas.

> A entrevista semidirectiva ou semidirigida, é certamente a mais utilizada em investigação social. É semidirectiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. [...] Tanto quanto possível, <<deixará andar >> o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. (QUIVY; CAMPENHOUDT, p. 192-193)

Outra importante modificação, a adoção da atividade em grupo. Durante as entrevistas iniciais, os alunos demonstraram desconforto frente à presença da investigadora e a companhia de outros colegas facilitaria a interação entre eles e a entrevistadora, bem como a reação face aos materiais de leitura distintos.

> Group interviewing can be useful with children, as it encourages interaction between the group rather than simply a response to an adult's question.

> Group interviews of children might also be less intimidating for them than individual interviews. [...] Group interviewing with children enables them to challenge each other and participate in a way that may not happen in a one-to-one, adult-child interview and using language that the children themselves use. (COHEN; MANION, 1989, p. 374-375)

Por conta dos outros projetos do local, a entrevista ocorreu no dia 18 de junho de 2014, dois meses após o término da oficina. Para a proposta, quatro alunos – participantes do encontro anterior – foram escolhidos pela professora responsável pela turma, a partir das suas aptidões no campo da leitura. A cada um deles, uma BD – os materiais produzidos pelo grupo e pela investigadora – foi entregue, e o tempo disponibilizado para lerem o material. A leitura da BD produzida por eles deu-se de forma mais rápida, bem como a impressão de que as ilustrações do outro material causaram maior interesse. Durante este momento, houve certa pressa em terminar a atividade o mais rapidamente possível. Um fato interessante é que tão logo encerrada a leitura, os alunos iniciaram a comparação entre as produções por conta própria.

Iniciada a entrevista, ao serem questionados, os alunos justificaram a leitura mais rápida de suas produções, afirmando existir um constante contato com o material e por isso já sabem a história e conhecem as imagens. Sobre as ilustrações produzidas pelo grupo, os alunos demonstraram a necessidade do texto para a sua compreensão em grande parte do material. Afirmaram que alguns desenhos chamam a atenção, enquanto outros só se traduzem por intermédio do texto. A linguagem verbal faz-se muito presente no quotidiano dos alunos e é preciso lembrar que não há o cuidado por parte dos espaços de aprendizagem em auxiliá-los na leitura, descodificação e compreensão das imagens aos quais estão sendo expostos diariamente. O material desenvolvido pela investigadora provocou interesse, sendo possível notar o cuidado em acompanhar a junção entre imagem e texto por parte dos dois leitores, bem como o desejo dos outros estudantes em efetuar a sua leitura. Quando a mesma questão foi direcionada à dupla, um deles afirmou ter prestado mais atenção aos desenhos, enquanto a segunda, ao texto. **[Fig 53 e 54]**

Fig. 53 *Segunda entrevista I. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Fig. 54 *Segunda entrevista II. Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.*

Quanto o conteúdo, como já afirmado, há a presença da religiosidade no imaginário dos alunos, mas aqui foram capazes de questionar não somente as razões de Benedita, mas também como a sua ressurreição teria acontecido e ainda citar outros casos vistos na televisão ou contados por familiares. Os alunos souberam agora citar as motivações dos fazendeiros e sertanejos, antes ignoradas por eles, com um discernimento sobre os aspectos sociopolíticos diante do plano de fundo dos acontecimentos da história. Recontaram os fatos que sucederam o "Dia do Fogo" e as razões que levaram a força armada ao povoado de Dica e também opinaram de forma sincera sobre a posição social da mulher na década de vinte no país, concluindo que era diferente da de Santa Dica.

Apesar de discutirem tópicos como a repressão política, a violência policial, a desigualdade social e a exploração da força de trabalho presentes na banda desenhada, os alunos, entretanto, não souberam relacioná-los com o quotidiano dos seus familiares e com a realidade social de grande parte da população brasileira. Fato justificável, quando o projeto lida com crianças na sua maioria entre 8 e 11 anos, no início do desenvolvimento do seu pensamento crítico, o mesmo motivo que levou ao uso de ferramentas lúdicas durante a oficina para atingir os objetivos propostos. A interação entre eles mostrou-se positiva, facilitando a exposição das suas opiniões e em certos momentos possibilitou, por exemplo, elencar uma lista de diversas passagens da história de Santa Dica, sempre complementadas pelas opiniões dos colegas. Não há, claro, a tentativa de negar o lado místico do movimento – muito menos a sua capacidade de envolver os alunos – mas a nova leitura permitiu a assimilação de outros aspectos presentes no tema. **(Entrevista em anexo, p. 182)**

Conclusão

A presente investigação passou por diferentes estágios ao longo dos 12 meses de desenvolvimento. Se outrora sua principal posição visasse a construção plena de material teórico a partir das leituras das narrativas escolhidas, o resultado acabou por mesclar produção e leitura encontrando uma forma colaborativa e participativa ao alcance do grupo do Terra Livre.

A oportunidade de desenvolver uma Oficina de BD com liberdade metodológica e disponibilidade de tempo permitiu desvios no planejamento inicial sem perder a essência da proposta. Como consequência, o projeto fez-se construído em constante transformação, enriquecendo o resultado final para além do esperado.

A BD produzida pelos 18 alunos da turma de Educação Complementar foi bem sucedida por sua capacidade narrativa, enquanto suas ilustrações mostraram-se condizentes à capacidade criativa da faixa etária predominante. Em análise do material, enviado por meio do correio eletrônico, a pedagoga Luzmar Melo - que há 32 anos atua no magistério das séries iniciais do ensino fundamental e na educação infantil em escolas da rede pública - ressalta a importância das ideias dos alunos diante de produções autorais.

> As histórias em quadrinhos, contribui para a sistematização da leitura e da escrita. Elas têm a particularidade de unir duas formas de expressão cultural: a palavra e a imagem. Isso contempla todos os alunos - os que leem e os que estão iniciando - pois estes conseguem deduzir o significado da história, lendo diretamente ou observando a imagem. [...] E com a leitura ou a feitura dos desenhos os alunos desenvolvem a criatividade, o hábito e o gosto para a leitura, além de desenvolver a imaginação, uma vez, que tentam criar histórias a partir dos desenhos. É um rico meio de adquirir informações, e a história em quadrinhos surge como possibilidade. [...] Os alunos que desenharam estas páginas que vocês me enviaram já se encontram num estágio desenvolvido, porque já conseguem criar uma história em sequência. Vale a pena lembrar que numa produção de texto, o mais difícil é a ideia, decodificar e registrar as palavras é fácil. (Em anexo, p. 187)

Entretanto há de ressaltar-se que a mesma faixa etária predominante não é a opção mais indicada para a investigação quando esta se propõe a discutir o conhecimento produzido sob a perspectiva do ensino de História nacional. O contato do grupo com a disciplina é ainda, inicial – e em alguns casos, inexistente – e para um melhor aproveitamento, esta faixa etária deveria compor-se entre 12-15 anos, ou então na melhor das hipóteses, alunos que frequentam o 9° ano da Educação básica brasileira, devido a sua especificidade temática.

A oficina também reverbera a situação crítica pela qual o ensino brasileiro atravessa. Torna-se impossível não questionar o a estruturas e currículos das escolas, nem tampouco o preparo dos profissionais responsáveis por estes grupos da rede pública. Em diversos relatos, tanto por parte dos alunos, quanto pela educadora responsável, menções a um profundo desinteresse moldam as dificuldades de muitos dos estudantes em ações básicas como escrita e leitura, a simples alfabetização. Metodologias e exercícios

que promovam a produção de conhecimento e construção de consciência crítica são necessários na tentativa de diminuir o vão entre aluno e escola. O desenvolvimento do projeto esbarrou-se nas limitações do grupo, forçando algumas decisões que modificaram o resultado final, como o roteiro adaptado a partir do teatro ou mesmo o letreiramento digital dos diálogos no material final.

Necessário também ressaltar a interferência das condições socioeconómicas dos alunos e compreender a sua relação com o próprio ensino. Há a possibilidade de crianças e adolescentes carentes e/ou em situação de risco familiar adotarem uma perspectiva diferenciada quanto à importância do estudo. A evasão escolar é por exemplo, muito maior na rede pública do que na rede particular. Durante a oficina alguns alunos foram obrigados a abandonarem o Centro Educacional por razões familiares. Diante da experiência, fica evidente que o aprendizado pode-se construir sobre três importantes estruturas: condição socioeconómica favorável, uma metodologia de ensino adequada e competência docente. A falha de um ou mais acaba por comprometer todo o processo.

A BD produzida pela investigadora por sua vez, surgiu como um exercício de produção pessoal, paralelo a dos alunos. Ao utilizar-se da mesma base de roteiro, buscou expandir as possibilidades de abordagem e igualar-se ao grupo por meio de uma ação participativa. A atividade também buscara o questionamento quanto a importância da imagem dentro da obra. Durante a entrevista em grupo, pôde-se evidenciar uma sinalização de que certas passagens da narrativa foram absorvidas no repertório visual de seus leitores – inclusive chamando a atenção dos outros participantes - sendo referenciadas na sequência das questões. Entretanto, trata-se de um resultado inconclusivo quanto às comparações entre ambas. Neste sentido, seria interessante um estudo mais aprofundado e focado neste aspecto e grupos divergentes quanto ao contato com a obra. A produção da oficina e leitura dos materiais se complementam e é certo que influenciam a percepção do grupo em questão.

Diante das dificuldades individuais e a crítica situação da aprendizagem, o poder da imagem em suas mais diversas aplicações pôde ser conferido ao longo do projeto. Tornaram-se soluções viáveis diante de problematizações inesperadas. O teatro de improviso mostrou-se um necessário repertório visual ao grupo – o ato de contar histórias em muito assemelha-se a oralidade discutida ao longo da dissertação - assim como as animações e vídeos apresentados, as fotografias disponibilizadas e os jogos desenvolvidos. Cada um preencheu um espaço carente de aprendizagem e corroborou não somente para a narrativa da banda desenhada, como para as suas ilustrações. Estas imagens produzidas pelos alunos são verdadeiros registros visuais da própria compreensão individual sobre o tema. E a liberdade de ilustração permitiu impressões pessoais em que muito se baseiam nas próprias vivências. Portanto, torna-se mais importante o resultado em termos narrativos do que mera especificidade estética.

O conhecimento adquirido sobre a história de Santa Dica é afinal, o maior contributo deixado pela oficina aos estudantes. O desconhecimento sobre

o passado da localidade em que vivem – como notado nas entrevistas – é reflexo da desvalorização da História local, que por sua vez é negligenciada nos espaços de ensino. Um património que carrega consigo um valor cultural imensurável e que permite discussões de caráter político, econômico e social intimamente relacionadas com a realidade vivenciada no presente. Talvez quem saiba, atores sociais como os conhecidos ao longo do projeto possam transmitir o conhecimento produzido a novos indivíduos, permitindo a sobrevivência desta história.

Desenvolvimentos futuros

A banda desenhada provou-se uma linguagem que adapta-se em distintos usos. Neste sentido há de ser considerar a produção portuguesa como material de investigação em um contexto do ensino em Portugal, seja qual for a especificidade temática de interesse. Em um processo mais próximo ao adotado pela investigação, a história e particularidades culturais de uma região podem servir de matéria-prima para a produção de conteúdo em espaços de aprendizagem.

Também parece importante trazer ao campo investigativo não somente a discussão, mas a produção de soluções que contornem os problemas estruturais do ensino público. Trata-se de um direito básico de cada cidadão - seja no Brasil ou em Portugal - e que infelizmente não recebe a devida atenção das esferas públicas.

Para finalizar, a Oficina Santa Dica operou sob a tentativa de propor pequenas alternativas metodológicas enquanto espaço de diálogo e liberdade criativa para alunos ignorados pelos responsáveis por sua educação.

BIBLIOGRAFIA

Referência Bibliográfica

ANDERSON, C. (2006). *A Cauda Longa*. São Paulo : Editora Campus.

ANDRADE, W. M.; TOLEDO, G. M. de. (2007). *A Influência dos Quadrinhos no Cinema: A Incrível Saga da Linguagem Invisível e seu legado Cinematográfico*. Artigo apresentado no Intercom – XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste. Juiz de Fora.

ANDREOLA, B., WESCHENFELDER, G. (2012). *Histórias em quadrinhos e seu uso como objeto pedagógico*. Artigo apresentado no IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul.

BARAGLIO, G. F. (2011). *O ensino de História durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985)*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estácio Radial, São Paulo.

BARI, V. A. (2008). *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. PhD diss., Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARRETO, M. C. G. (2008). *Universidade: atestado de qualidade do profissional de educação ou título gratuito?*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro

BARROS, I. N. A., CASTRO, C.P, GUIMARÃES, L. J., SILVA, E. I. (2010). *As tiras da Mafalda: Conteúdos de geografia na linguagem dos quadrinhos*. Disponível em < http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/prolicen/trabalhos-prolicen/prolicen-anderson-iury.pdf> Acesso em junho de 2014.

BARTHES, R. *O Óbvio e o Obtuso*. (1990). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

BERGONSI, V. R. (2007). *A complexidade das representaçoes imagéticas no processo educativo*. MSc diss., Universidade de Passo Fundo, Passo fundo.

BORGES, M. I. (2004). *Uma aventura de Astérix, o gaulês: política de representação e identidade*. Revista Anpoll, Vol. 1, No 17, p. 257-283.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF.

CALEIRO, J. P. (2014). *Salário mínimo teria que ser de R$ 3.079,31, diz Dieese*. Exame.com. Disponível em < http://exame.abril.com.br/economia/noticias/salario-minimo-teria-que-ser-de-r-3-079-31> Acesso em junho de 2014.

CAPUTO, M. A. R. (2005). *Histórias em quadrinhos: um potencial de informação inexplorado*. Artigo apresentado no Festival de Artes do Departa-

mento de Artes Plásticas, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

CASTRO, M. L. V. de. (2008). *Patrimônio imaterial no Brasil: Legislação e Políticas Estaduais*. UNESCO, Brasília: Educarte.

COHEN, L; MANION, L. (1989). *Research Methods in Education*. 3rd. Ed.London: Routledge.

CORREIO BRAZILIENSE (2013). *Estudo revela motivos para o desinteresse de estudantes pelo ensino médio*. Correio Braziliense. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2013/06/25/ensino_educacaobasica_interna,373237/estudo-revela-motivos-para-o-desinteresse-de-estudantes-pelo-ensino-medio.shtml> Acesso em novembro de 2013.

CORTELLA, M. S. (2008). *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Editora Cortez.

DONDIS, D. (2003). *A Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

DURKHEIM, É. (1999). *Da divisão do trabalho social*. 2.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes.

DELGADO, L. (2003). *História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. Revista ABHO, n. 6, jun., p. 9-25.

EISNER, Will. (1989). *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

EDUHQ. (2004). *Oficina de Educação Através de Histórias em Quadrinhos*. Disponível em <http://www.cbpf.br/eduhq>. Acesso em junho de 2014.

_____. (2004). *Objetivos do Projeto*. Disponível em: < http://www.cbpf.br/~eduhq/html/projeto/objetivos/objetivos.htm >, 2004. Acesso em junho de 2014.

FEITOSA, S. (1999). *Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação*. MSc diss., Universidade de São Paulo. São Paulo.

FERREIRA, M. de M. (2002). *História, tempo presente e história oral*. Revista Topoi, dezembro 2002, pp. 314 – 332.

FRANCO, E. (2004). *HQtrônicas: do suporte papel à rede internet*. São Paulo: Editora Anablume.

FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia : saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e terra.

_____. (1988). *Educadores de rua – uma abordagem crítica*. Bogotá/ UNICEF: Projetos Alternativos de Atendimento a Meninos de Rua.

GADOTTI, M. (1990). *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Editora Ática.

GIL, A. C. (1999) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas.

GLOBO EDUCAÇÃO (2013). *Games Pedagógicos*. Globo Educação Disponível em < http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-educacao/v/globo-educacao-28092013-games-pedagogicos-integra/2851920/.> Acesso em novembro de 2013.

GOMES FILHO, R. R. (2012). *O movimento messiânico de "Santa Dica" e a ordem redentorista em Goiás (1923-1925)*. MSc diss., Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto.

GONDIM, L. S. (2009). *A intertextualidade entre o discurso publicitário e seus elementos nas tirinhas da Mafalda*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Goiás, Goiás.

ISKANDAR, J.; LEAL, M. (2002). *Sobre Positivismo e Educação*. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 3, n.7, p. 89-94, set./dez.

JENKINS, H. (2008). *Cultura da Convergência*. São Paulo: Editora Aleph.

JOLY, M. (1994). *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Editora 70.

LÉVY, P. (2000). *A emergência do cyberspace e as mutaçoes culturais. Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. p. 13-20. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

LIMA E FONSECA, T. N. de. (2007). *O Ensino de História e a Ditadura Militar*. 2ªed. Aos Quatro ventos, 2007. In: PLAZZA, Rosimary . PRIORI, Angelo. O Ensino de História durante a Ditadura Militar.

LIMA, J; SANTOS, V. (2011). *O Ensino de História na Educação Infantil e Séries Iniciais*. Artigo apresentado na X jornada do HISTEDBR – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista.

LIMA, M. de F. G. (2011). *Transfiguração e história em "Sete Léguas de Paraíso"*. Jornal Opção. Disponível em < http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/transfiguracao-e-historia-em-sete-leguas-de-paraiso> Acesso em junho de 2014.

LISBÔA, L. L. (2008). *Histórias em quadrinhos como local de aprendizagem: saberes ambientais e a formação de sujeitos*. MSc diss., Universidade Federal de Santa Maria.

LOWENTHAL, D.(1998). *Como conhecemos o passado*. Projeto História, n. 17, nov. p. 63-201.
MARTINS, I.; GOUVEA, G.; PICCININI, C. (2005). *Aprendendo com imagens*. Ciência e Cultura, ano 57, n. 4, out/nov/dez. p. 38-40.

MEC (2000). *Série "Brasil - 500 Anos" - Canudos e Contestado: guerras de Deus e do diabo*. 20 min. Direção: Fundação Joaquim Nabuco, Ministério da Cultura. Rio de Janeiro.

MCCLOUD, S. (1995). *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Editora Makron Books.

MOGILKA, M. (1999). *Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: um difícil percurso*. Educação e Pesquisa, v.25, n. 2, jul./dez. p. 57-68.

MONTEIRO, V. S. V. (2009). *Canudos: guerras de memória*. Revista Mosaico, ano 1, n. 1.

NICOLAU, M. (2010). *As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa*. Revista Eletrônica Temática, n. 02, fev. p. 1-12.

NOGUEIRA, N. A. S. (2007). *Gibiteca: Ensino, criatividade e integração escolar*. Artigo apresentado no Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba.

OLIM, B. B. (2010). *Imagens em Livros Didáticos de História das Séries Iniciais: uma análise comparativa e avaliadora*. Revista Virtual Outros Tempos. v. 7, nº 10, dez, p. 93-118.

PEREIRA, A. M. (2011). *A Importância da História Local para o Ensino de História: Um olhar para o município de Duque de Caixas*. Artigo apresentado no Programa Integrado de Pesquisas e Cooperação Técnica na Baixada Fluminense – PINBA, Rio de Janeiro.

PESSOA, A. R; UTSUMI, L. M. S. (2009). *A formação do professor e as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Bernardo do Campo: ACADEMOS - Revista Eletrônica da FIA. Vol.V, n.5.

POSFACIO. (2011). *Entrevista com André Diniz*. Blog Posfácio Disponível em <http://www.posfacio.com.br/2011/12/12/10-perguntas-e-meia-para-andre-diniz/> Acesso em Junho de 2014.

QUEEN, M. (2012). *Dados da Prova ABC ilustram o quanto ler ajuda a escrever. Nova Escola*. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/dados-prova-abc-ilustram-quanto-ler-ajuda-escrever-668205.shtml> Acesso em junho de 2014.

QUIVY, R; CAMPENHOUDT, L. V. (2004). *Manual de investigação em ciências sociais*. 4d., Lisboa: Editora Gradiva.

REVISTA FÓRUM (2013). *Governo estadual altera currículo do ensino fundamental*. Portal Fórum. Disponível em: <http://revistaforum.com.br/

spressosp/2013/02/governo-estadual-altera-curriculo-doensino- fundamental/> Acesso em junho de 2013.

REZENDE, L. A. de. (2009). *Leitura e Formação de Leitores: Vivências Teórico-Práticas*. Londrina: Editora Eduel.

SABBATINI, M. (2011). *Sob o Signo da Convergência: Reflexões sobre o Papel das Mídias Digitais Interativas na Educação*. Artigo apresentado na 34a Reunião da ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Rio Grande do Norte.

SEDENTÁRIO, (2009). *Conheça "Os Brasileiros" de André Toral*. Blog Sedentário. Disponível em < http://www.sedentario.org/hq/conheca-os-brasileiros-de-andre-toral-16095> Acesso em junho de 2014.

SHIRKY, C. (2011). *A Cultura da Participação*. São Paulo: Editora Zahar.

SILVA, F. (1988). *História Local: Objectivos, Métodos e Fontes*. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf> Acesso em novembro de 2013.

SILVA, N.M. (2001). *Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos*. Artigo apresentado no Intercom – XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande.

SILVEIRA, R. S; BARONE, D. A. C. (1998). *Jogos Educativos computadorizados utilizando a abordagem de algoritmos genéticos*. Artigo apresentado no IV Congresso RIBIE, Brasília.

SOUZA, Aldo. *Guerra de Canudos*. 3 min. 2011.

TERRA LIVRE (2013). *Relatório de Gestão 2013 – Terra Livre*. Terra Livre NGO Disponível em < http://www.terralivre.org.br/balanco/relatoriogerencial2013.pdf> Acesso em junho de 2014.

TV CULTURA (2005). *Doctv - Santa Dica de Guerra E Fé*. 55 min. Direção: Marcio Venicio Nunes. Goiás.

TOLEDO, M. A. (2010). *História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história*. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez., p. 743-758.

UOL. (2012) *"Dom Casmurro", de Machado de Assis, ganha nova versão em HQ; veja outras adaptações*. Uol Entretenimento. Disponível em: < http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/29/dom-casmurro-de-machado-de-assis-ganha-nova-versao-em-hq-veja-outras-adaptacoes/> Acesso em junho de 2014.

VASCONCELLOS, L. de. (2013). *Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo*. 2. ed. Goiânia: Editora UFG.

VERGUEIRO, W. (2007). *A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público*. História, imagem e narrativas, n. 5, ano 3.

VERGUEIRO, W; RAMOS, P; VILELA, T; BARBOSA, A. (Orgs.). (2004). *Como usar as histórias em quadrinhos nas salas de aula*. São Paulo: Editora. Contexto.

VIANA, N., VIEIRA, R. (Orgs.) (2008). *Educação, Cultura e Sociedade Abordagens. Críticas da Escola*. Goiânia: Edições Germinal.

ZAULI, F. (2013). *1ª turma do método Paulo Freire se emociona ao lembrar das aulas*. Inter TV Carugi. Disponsível em ,http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/04/1-turma-do-metodo-paulo-freire-se-emociona-ao-lembrar-das-aulas.html> Acesso em novembro de 2013.

WATTERSON, B. (2010) *Calvin & Haroldo - E Foi Assim que Tudo Começou*. São Paulo: Editora Conrad.

Bibliografia sugerida

ARAÚJO, I.; NICACIO B., FREIRE, R. (2009). *Balaiada: a Guerra do Maranhão*. São Luís: Dupla Criação.

AURÉLIO, B.; OLIVEIRA, C. (2009). *Foices e Facões. A Batalha do Jenipapo*. Teresina: Núcleo de Quadrinhos do Piauí.

ARRETO, L.; AGUIAR, L. A., LOBO, C. (2010). *Triste Fim de Policarpo Quaresma: Clássicos Brasileiros em HQ*. Rio de Janeiro: Editora Ática.

BEYRUTH, D. (2010). *Bando de Dois*. Campinas: Zarabatana Books.

BRAGA, A.; JAIMES, D., CIRNE, R. (2008). *Heróis da Restauração Pernambucana*. Recife: Publikimagem Comunicação e Marketing.

_____. (2010). *AfroHQ: História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em Quadrinhos*. Recife: Editora Independente.

CEDRAZ, A. (2009). *Resistência e Coragem: A História de Zumbi dos Palmares*. Salvador: Editora Cedraz.

CONCEIÇÃO, E. N. (2012). *Histórias de Santa Catarina - A Saga do Contestado*. Edição Independente.

DALLA, J.; DUARTE, L., PAES, V. (2008). *O Descobrimento do Brasil*. São Paulo: Noovha América Editora .

DANTAS, R., DUARTE L. F. (2013). *Abaité: Bandeirantes*. São Paulo: Editora Independente.

DINIZ, A. (2010). *O Quilombo Orum Aiê*. São Paulo: Galera Record.

DINIZ, A. AGUIAR, J. (2001). *Subversivos*. Curitiba: Editora Nona Arte.

DINIZ, A. AGUIAR, J. (2005). *Ato 5*. Curitiba: Editora Independente.

DINIZ, A., AGUIAR, J. (2008). *A Revolta de Canudos*. São Paulo: Escala Educacional.

DINIZ, A., COLIN, F. (2010). *Fawcett*. 2ed. São Paulo: Devir Livraria.

DINIZ, A., EDER, A. (2008). *A Guerra dos Farrapos*. São Paulo: Escala Educacional.

DINIZ, A., EDER, A. (2008). A *Independência do Brasil*. São Paulo: Escala Educacional.

DINIZ, A., FERREIRA, L. (2008). *A Inconfidência Mineira*. São Paulo: Escala Educacional.

DINIZ, A., MANNHEIMER, M. (2012). *Negrinho Pastoreiro*. Rio de Janeiro: Ygarapé Edições,

DINIZ, A., TIBURCIO. (2007). *Ponha-se na Rua*. Juiz de Fora: Franco Editora.

ESTEVES, D.; JOZZ, SANOKI, A. (2014). A *Luta Contra Canudos*. Belo Horizonte: Editora Nemo.

FERRAZ, J. D. F.; BORTONE, E. De A., HELENE, D. (2013). *Brasil: Ditadura Militar: Um Livro para que os que nasceram bem depois...* Rio de Janeiro: Hama Editora.

FIGLIAGGI A.; GONÇALVES, E. (2011). *Paiaguá: Donos do Rio*. Cuiabá: Editora Independente.

FIGUEIRAS, C. F., MARTINS, R. (2013). *A Carta*. São Paulo: Editora Devaneio.

FOBIYA, A., STRICKER, H. (2012). *Independência ou Mortos*. Curitiba: Nerdbooks.

FONSECA, F.; MIRALHA, A., OTONIEL O. (2011). *Brasil 1500: Segredo de Estado*. São Paulo: Devir Livraria.

_____. (2012). *Brasil 1500: Chegada ao Paraíso*. São Paulo: Devir Livraria.

_____. (2013). *Brasil 1500: Caminho das Índias*. São Paulo: Devir Livraria.

GADELHA, O., HEMETERIO, (2008). *Chibata! João Cândido e a Revolta Que Abalou o Brasil*. São Paulo: Editora Conrad.

GODOY, M., COSTA, J. (2012). *A Dama do Martinelli*. São Paulo: Devir Livraria.

MACEDO, S. (2012). *Povos Indígenas em Quadrinhos*. Campinas: Zarabatana Books.

MATTOS, G., LEITE, R. (2006). *Destino Oeste*. Cuiabá: Tanta Tinta Editora.

MENEZES, C., MASSAFERA, F. (2010). *Jambocks! Parte 1: Prelúdio Para a Guerra*. Campinas: Zarabatana Books.

_____. (2012). *Jambocks! Parte 2: Defendendo o Canal do Panamá*. São Paulo: Devir Livraria.

OLIVEIRA, J. (1976). *Guerra do Reino Divino*. Rio de Janeiro: Pasquim.

PESTANA, M. (2006). *Revolta dos Búzios: Uma História de Igualdade no*

Brasil. Salvador: Escola Olodum.

_____. (2010). *Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo: IMESP.

ROSSATTO, E.; LAUDO; VINOLE, O. (2009). *História do Brasil em Quadrinhos: Proclamação da República*. São Paulo: Editora Europa.

ROSSATTO, E.; SILVESTRE, J.; KODAMA, C.; LAUDO; VINOLE, O., MORELLI, A. (2008). *História do Brasil em Quadrinhos*. São Paulo: Editora Europa.

SCHWARCZ, L. M., ANGELI. (1986). *Cai o Império! República vou ver!*. São Paulo: Editora Brasiliense.

SCHWARCZ, L. M., PAIVA, M. (1982). *Da colônia ao império: um Brasil para inglês ver... e latifundiário nenhum botar defeito*. São Paulo: Editora Brasiliense.

SCHWARCZ, L. M., SPACCA. (2013). *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2007). *D. João Carioca - A corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras.

SILVINO. (2014). *Iara: Uma Lenda Indígena em Quadrinhos*. Belo Horizonte: Editora Nemo.

SOUZA, M. (2003). *Coleção Você Sabia Turma da Mônica: Descobrimento do Brasil*. São Paulo: Editora Globo.

SOUZA, M. (2003). Coleção *Você Sabia Turma da Mônica: Abolição dos Escravos*. São Paulo: Editora Globo.

SOUZA, M. (2003). *Coleção Você Sabia Turma da Mônica: Indíos*. São Paulo: Editora Globo.

SOUZA, M. (2004). *Coleção Você Sabia Turma da Mônica: Independência do Brasil*. São Paulo: Editora Globo.

SRBEK, W., COLIN, F. (2001). *Estórias Gerais*. São Paulo: Editora Conrad.

SRBEK, W., WILL. (2011). Ciranda Coraci: *Mitos Indígenas Recriados Em Quadrinhos*. Belo Horizonte: Editora Nemo.

TORAL, A. (1999). *ADEUS, CHAMIGO BRASILEIRO - Uma história da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras.

TORAL, A. (2009). *Os Brasileiros*. São Paulo: Editora Conrad.

URBAN, T., CALDAS, G. (2008). *Ditadura Abaixo*. Curitiba: Arte & Letra.

VASQUES, E. (2005). *Rango*. Porto Alegre: L&PM Editores.

WERNECK D., TOKUMOTO, R. (2011). *Ovelha Negra: A Revista que o Brasil não Leu*. Belo Horizonte: Editora Indepenente.

LISTAGEM DE BDS

passíveis de uso nas aulas de História do Brasil.

As referidas sinopses foram compiladas a partir de informações encontradas online, em sítios de editoras e idealizadores dos títulos.

1.1 Era pré-cabralina

Os Brasileiros

2009 | André Toral

Narra o choque de civilizações em sete histórias nas quais são os índios que ocupam o lugar de destaque - e não como pobres vítimas da História ou criaturas indefesas diante do homem branco.

Povos Indígenas em Quadrinhos

2012 | Sérgio Macedo

Traça um sensível retrato (histórico e contemporâneo) dos mais importantes povos indígenas brasileiros e dos povos que habitam o Xingu.

Você Sabia? Turma da Mônica - Índios

2005 | Maurício de Souza

Mônica e Cebolinha estão na aldeia de Papa-Capim e ouvem do pajé da tribo a história da origem dos índios e relatos sobre seus costumes e tradições.

1.2 Colônia

Você Sabia? Turma da Mônica - Descobrimento da América

2003 | Maurício de Souza

Mônica, Cebolinha e Cia. interpretam os grandes desbravadores responsáveis pelo descobrimento.

Coleção Brasil 1500

2011-2013 | Fábio Fonseca

Num cenário repleto de mistérios e aventuras sem limites, a história do descobrimento do Brasil ganha novos contornos.

O Descobrimento do Brasil

2008 | Juliana Dalla

O gênero de banda desenhada desembarca com a esquadra portuguesa no Brasil de 1500. O resultado - um mangá sobre o descobrimento.

Heróis da Restauração Pernambucana

2008 | Amaro Braga

O álbum adapta as biografias de personagens marcantes no movimento de capitulação holandesa e restauração do governo português, durante o séc. XVII.

Paiaguá: Donos do rio

2011 | Augusto Figliaggi

Em 1732 o reino de Portugal declarou guerra justa cotra os paiaguá. Esse livro é um reflexão sobre o ocorrido.

Abaité: Bandeirantes

2013 | Richard Dantas

Século XVII, interior do Brasil Colônia. Capitão Dias, um homem rude e severo, lidera uma expedição para captura de índios.

A Inconfidência Mineira

2008 | André Diniz

A Revolta contra o governo português que transformou o jovem Joaquim José da Silva Xavier no mártir Tiradentes.

Resistência e Coragem: A História de Zumbi dos Palmares

2009 | Antonio Cedraz

1696. No meio de uma floresta, Xaxado e o Saci se encontram com um guerreiro que está a caminho do Quilombo de Palmares para lutar ao lado de Zumbi.

Revolta dos Búzios: Uma História de Igualdade no Brasil

2006 | Maurício Pestana

Relembra os acontecimentos de 12 de agosto de 1798, que deram início a maior rebelião urbana e popular do Brasil na luta pela igualdade.

D. João Carioca: A corte portuguesa chega ao Brasil

2007 | Lilia M. Schwarcz

O álbum narra a aventura da casa real que atravessa o oceano e pela primeira vez governa um império a partir de sua colônia americana.

Ponha-se na Rua

2007 | André Diniz

A história se passa em 1808, quando a Família Real de Portugal chegou ao Brasil juntamente com membros da elite portuguesa. A história narra como um brasileiros, faz de tudo para não perder sua casa para os novos moradores.

1.3 Reino Unido

Você Sabia? Turma da Mônica - Independência do Brasil

2005 | Maurício de Souza

A Turma da Mônica reconta a série de acontecimentos que levaram ao grito de Independência de D. Pedro I em 1822.

Independência ou Mortos

2012 | Abu Fobiya

História do Brasil é recontada a partir da vinda da família real portuguesa para e que caberá a um homem, D. Pedro I, libertar o país não apenas dos zumbis, mas também do domínio português.

História do Brasil em Quadrinhos

2008 | Edson Rossatto

Apresenta o encadeamento dos fatos históricos que levaram ao grito de Independência dado por Dom Pedro I. No livro aparecem os detalhes da chegada da família real ao Brasil, o Dia do Fico e a Independência.

Da colônia ao império: Um Brasil para inglês ver...

1982 | Lilia M. Schwarcz

Através do humor, sublinha pontos-chaves para a compreensão desse periódo da história.

A Independência do Brasil

2008 | André Diniz

A vinda e a partida da família real, o Dia do Fico, o Grito do Ipiranga. Marcos que culminaram na Independência do Brasil, no ano de 1822.

Foices e Facões: A Batalha do Jenipapo

2009 | Bernardo Aurélio

Um dos mais marcantes combates já existentes no país, saltou dos livros de Histórias para os quadrinhos e deve tornar mais simples e acessível o conhecimento acerca desta luta às margens do rio Jenipapo em Campo Maior.

1.4 Império

AfroHQ

2010 | Amaro Braga

O álbum resgata a história da presença africana no Brasil e suas contribuições para a formação nacional.

Você Sabia? Turma da Mônica - Abolição dos Escravos

2003 | Maurício de Souza

Entre personagens reais, da história nacional e ficcionais, o álbum busca contar a história da escravidão do Brasil até o momento da abolição.

A Guerra dos Farrapos

2008 | André Diniz

De 1835 a 1845, o Rio Grande do Sul esteve em guerra contra o Brasil Imperial. O álbum reconta o período em que a então província tornou-se a República Rio-Grandense.

A Carta

2013 |Carlos Figueiras

Dimas é um soldado negro do exército brasileiro na campanha da Guerra do Paraguai, e em meio a um ataque surpresa, recebe uma carta da noiva que deixou no Rio de Janeiro. Analfabeto busca encontrar alguém para ler a carta.

ADEUS, CHAMIGO BRASILEIRO

1999 | André Toral

Num romance em quadrinho sobre a guerra do Paraguai, o autor relata a história de quatro personagens que participaram do conflito.

As Barbas do Imperador

2013 | Lilia M. Schwarcz

A edição em quadrinhos de As barbas do imperador é uma adaptação do livro homônimo de Lilia Moritz Schwarcz, feita por Spacca, narrando vida e morte de D. Pedro II.

O Quilombo Orum Aiê

2010 | André Diniz

Após uma perigosa revolta de escravos em Salvador, um menino escravo resolve que é a hora de tentar achar o mítico Quilombo Orum Aiê e finalmente reencontrar seu pai.

Balaiada: a Guerra do Maranhão

2009| Iramir Araújo

Trata-se da quadrinização de um dos eventos capitais na História do Estado, a Balaiada, que se inscreve entre as revoltas que puseram em xeque o império brasileiro no início do século XIX.

História do Brasil em Quadrinhos: Proclamação da República

2009 | Edson Rossatto

Na obra, fatos como o Primeiro e o Segundo Reinado, a Guerra do Paraguai e a Abolição da Escravatura são reconstituídos.

1.5 Primeira República

Cai o Império! República vou ver

1986 | Lilia M. Schwarcz

Reconta a história do Brasil através do diálogo descontraído de quadrinhos e texto, enquanto abarca um período que vai do golpe da maioridade até a Proclamação da República.

Triste Fim de Policarpo Quaresma - BD

2010 | Luiz Antonoi Aguiar

Patriota ao extremo, Policarpo Quaresma passa grande parte de seu tempo lendo e tendo ideias mirabolantes para o progresso do país. Mas seus sonhos em pouco tempo se adéquam à realidade.

A Revolta de Canudos

2008 | André Diniz

Este livro conta, em quadrinhos, a história do arraial de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro.

A Guerra do Reino Divino

1976 | Jô Oliveira

A catástrofe se repete. O campo de batalha se enche de mortos. Não se sabe quem foram os vencidos. Novamente o corpo do comandante desaparece e a lenda continua. Na mente do povo fica a esperança.

A Luta Contra Canudos

2014 | Daniel Esteves

Partindo de referências históricas e relatos da época, os autores mostram, em páginas de quadrinhos dinâmicas e detalhadas, todo o drama e a intensidade de um dos episódios mais marcantes da história do Brasil.

Histórias de Santa Catarina: A Saga do Contestado

2012| Eleutério Conceição

A Guerra do Contestado retratada em quadrinhos desenhados com lápis, bico de pena e aquarela. Uma releitura do conflito entre Santa Catarina

Estórias Gerais

2007 | Wellington Srbek

Buritizal, à margem do rio São Francisco, na década de 1920. Um jornalista chega à cidade com a missão de apurar a história do cangaceiro Antonio Mortalma, que costumava aterrorizar o povo do vilarejo.

Bando de Dois

2010 | Danilo Beyruth

Na história, dois últimos sobreviventes de um bando de vinte cangaceiros partem em busca das cabeças decepadas de seus companheiros, preparados para enfrentar um exército.

Destino Oeste

1986 |Gabriel de Mattos

Duas histórias em quadrinhos sobre o caminho para Mato Grosso, baseadas em momentos reais da história local, durante a década de 1920.

Chibata!

2008 | Olinto Gadelha

Nesta obra a vida de João, o "Almirante Negro", é contada desde a infância até a velhice, com ênfase em seu papel na revolução que o consagrou como o primeiro negro a comandar um navio de guerra em nosso país.

Fawcett

2010 | André Diniz

Em busca de uma cidade perdida e dos tesouros guardados nela, o coronel britânico Percy Harrison Fawcett embrenhou-se nas selvas brasileiras em 1925, numa missão sem volta.

1.6 Era Vargas

Revolução Constitucionalista de 1932

2010| Maurício Pestana

Conta a história do conflito civil do século XX com linguagem infanto-juvenile e busca a proximidade com os leitores ao relacionar episódios da guerra com cenários da atualidade.

Coleção Jambocks!

2011 - 2012| Celso Oliveira

Desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial, a trama da BD narra a participação da Força Aérea Brasileira no evento, sob a ótica do jovem pacifista Max.

1.7 Ditadura Militar

Rango

2005 | Edgar Vasques

Os quadrinhos do Rango, um dos mais célebres anti-heróis das tiras brasileiras, que resumia na época da ditadura - e ainda resume - a miséria do nosso povo.

Série Subversivos

1999 - 2001| André Diniz

A história é centrada no trio de amigos Juan, Gabriel e Lorena. Os três participam de uma companhia de teatro que enfrenta os obstáculos impostos pelas autoridades.

Ato 5

2005| André Diniz

O título é uma referência ao AI-5 (Ato Institucional nº 5, de 1968), decreto que dava poderes extraordinários ao presidente e suspendia diversas garantias constitucionais durante o período militar.

Ovelha Negra: A Revista que o Brasil não Leu

2011 | Daniel Werneck

Narrativa fragmentada a partir dos registros da revista Ovelha Negra, famosa por suas críticas sociais durante o Regime Militar.

A Dama do Martinelli

2012 | Marcela Godoy

Mistura de realidade e ficção nesta história de suspense. Perseguida pela ditadura militar no Brasil da década de 1970, uma família acaba indo morar no edifício Martinelli, no centro da cidade de São Paulo.

Brasil: Ditadura Militar

2013 | Joana Ferraz e Elaine Bortone

Obra independente destinada ao público jovem, contando a história de Clarice, uma menina que cresceu durante o regime militar.

1968: Ditadura Abaixo

2008 | Teresa Urban

Doi buscando uma maneira de contar aos netos um pouco da própria experiência no movimento estudantil e também da história do Brasil que a jornalista Teresa Urban escreveu o livro 1968 Ditadura Abaixo.

1.8 Folclore

Iara: Uma lenda indígena em quadrinhos

2014 | Silvino

A lenda da Iara é recontada nesta HQ de amor e terror, inspirada nas narrativas indígenas tradicionais. Um tema ao mesmo tempo muito brasileiro e bastante universal.

Ciranda Coraci

2011 | Wellington Srbek

A história do héroi Coraci (o sol) e de sua noiva Jaci (a lua) é recriada Nas páginas desta ciranda coraci, personagens e ambientes, mitos e lendas ganham vida através de um texto poético e belas imagens.

O Negrinho Pastoreiro

2012 | André Diniz

A BD mostra a aventura deste personagem ícone do folclore brasileiro numa adaptação livre, mostrando novas facetas dessa história

ANEXOS

1. Exemplo do planejamento anual da disciplina de História.

PLANO ANUAL

Período: Ano letivo de 2013
Disciplina: História **Professor(a):** Kamila Pereira **Série:** 7ºano

OBJETIVO GERAL
Transformar as reflexões dos alunos sobre as vivencias sociais no tempo, considerando a diversidade de modos de vida em uma mesma época e em épocas diferentes, as relações entre acontecimentos nos contextos históricos e as relações entre os acontecimentos ao longo de processos contínuos e descontínuos. No sentido de contribuir para que os mesmos possam refletir sobre a importância dos estudos históricos e assumir atitudes éticas, criteriosas, reflexivas, de respeito e de comprometimento com a realidade social.

1º BIMESTRE

CONTEÚDOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA	RECURSOS
-*O Islamismo:* A península arábica; Maomé, o profeta do Islã; A expansão islâmica; - *Feudalismo:* Formação do Feudalismo; A sociedade Feudal; A vassalagem; A economia feudal; A igreja; - *As monarquias europeias:* A formação das Monarquias nacionais; O declínio dos senhores feudais; As cruzadas; Comércio; O Estado Absolutista	- Descrever como se deu a formação do Império Árabe e a centralidade da figura de Maomé nesse processo; - Caracterizar alguns aspectos das condições de vida no Império Árabe antes e depois da unificação das tribos; - Relacionar alguns traços históricos e dogmáticos do islamismo vinculando-os à trajetória de Maomé; - Localizar as áreas de expansão e influência do Império Árabe; - Identificar as origens do Feudalismo a partir da desintegração do Império Romano do Ocidente; - Identificar as principais características da economia feudal; - Analisar o conceito de sociedade no Feudalismo; - Reconhecer a importância da Igreja Católica, como fator de organização cultural e social ao longo da Idade Média; - Compreender a formação das Monarquias nacionais em decorrência das mudanças que ocorrem a partir do séc. XI; -Identificar os processos que levaram o revigoramento do comércio e das cidades; - Identificar as motivações que levaram à organização das Cruzadas;	- Aulas expositivas e dialogadas; - Leitura e interpretação de documentos/ fragmentos de textos; - Seminários; - Debates; - Observação de imagens; - Leitura dirigida; - Listas de atividades;	- Quadro negro; - Giz; - Apagador; - Livro Didático; - Livros Paradidáticos; - Data show; - Imagens;

AVALIAÇÃO Avaliação contínua e sistemática do aluno considerando os seguintes aspectos:
- esforço pessoal em compreender a matéria e realizar as atividades;
- participação em sala de aula; debates; trabalhos e nas pesquisas individuais ou em grupos;
- desempenho nas atividades programadas (avaliações, feira, simulado, tarefão);

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 2001.
DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa 1994.
_____. *A Europa na Idade Média*. Lisboa: Teorema, 1989.
HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2005.
LEWIS, David Levering. *O islã e a formação da Europa: de 570 a 1215*. Barueri: Amarilys, 2010.
PIRENE, Henry. *História econômica da Idade Média*. 4.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
SCHMITT, Jean- Claude; LE GOFF, Jacques (Org.). Dicionário temático do Ocidente medieval. Bauru: Edusc, 2002. V.2.

2º BIMESTRE

CONTEÚDOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA	RECURSOS
- *Renascimento e Reforma: a Europa em transformação:* O Humanismo; O Renascimento científico; A Revolução copernicana; - O Renascimento artístico; - Reforma Protestante e Contra-reforma; - As grandes navegações; - As conquistas dos mares; - Portugal, o primeiro nas Grandes Navegações; - A expansão ultramarina; - Navegação: cotidiano e vida; - A África entre os séculos XI e XV: os reinos de Gana e Mali; - A colonização espanhola na América: - A civilização Maia; - Os astecas; - Os incas;	- Analisar as diversas manifestações artísticas do Renascimento; - Relacionar o Renascimento e a Revolução científica com as transformações sociais e econômicas da época; - Contextualizar a Reforma Protestante no âmbito da formação das monarquias nacionais e do Renascimento; -Caracterizar o período em que ocorreu a Reforma Religiosa; -Reconhecer os motivos da expansão marítima e entender o pioneirismo de Portugal; - Identificar as características do sistema mercantilista; - Apresentar o cotidiano das viagens; - Perceber o intercâmbio cultural, científico e religiosos de vários povos; -Reconhecer a diversidade étnica, cultural e política dos povos que habitaram a África; - Compreender a formação e organização política, social e cultural dos reinos africanos formados a partir dos primeiros séculos da era cristã; - Identificar as principais características da colonização espanhola; - Apresentar as características da sociedade maia, asteca e inca e seus respectivos aspectos culturais, econômicos e políticos; - Analisar sobre o processo de conquista;	- Aulas expositivas e dialogadas; - Leitura e interpretação de documentos/ fragmentos de textos; - Seminários; - Debates; - Observação de imagens; - Leitura dirigida; - Listas de atividades;	- Quadro negro; - Giz; - Apagador; - Livro Didático; - Livros Paradidáticos; - Data show; - Imagens;

AVALIAÇÃO Avaliação contínua e sistemática do aluno considerando os seguintes aspectos:
- esforço pessoal em compreender a matéria e realizar as atividades;
- participação em sala de aula; debates; trabalhos e nas pesquisas individuais ou em grupos;
- desempenho nas atividades programadas (avaliações, feira, simulado, tarefão);

BIBLIOGRAFIA

BONILLA. Heraclio (Org.). Os conquistados: 1492 e a população indígena das Américas. São Paulo: Hucitec, 2006.
BOXER, Charles R. *O império marítimo português: 1415-1825.* Lisboa: Edições 70, 1977.
BUENO, Eduardo. *A viagem do descobrimento. A verdadeira história da expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2998.
BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
BURKE, Peter. *Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália.* São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
DELEMEAU, Jean. A civilização do Renascimento. Lisboa: Edições 70, 2007.
FALCON, Francisco. *Mercantilismo e transição.* São Paulo: Brasiliense, 1993.
FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino.* Porto: Asa, 1994.
SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. 2.ed. São Paulo: Ática, 2007.
SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento.* São Paulo: Atual 1994.

3º BIMESTRE

CONTEÚDOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA	RECURSOS
- Colonização Brasileira: - a colonização; - o governo português; - a exploração do pau-brasil; - as capitanias hereditárias; - o governo geral; - o negro na colônia portuguesa: vida e cotidiano; - a escravidão na África; - resistência negra: quilombos e revoltas; - o açúcar brasileiro; - a sociedade açucareira; - a produção: engenho como centro econômico colonial;	- Identificar as motivações e o inicio da colonização portuguesa na América; - Compreender a administração portuguesa; - Apresentar as principais consequências da colonização para a população nativa; - Compreender o processo de exploração econômica colonial brasileira; - Identificar as principais características do tráfico negreiro; - Apresentar a organização do trabalho escravo bem como o cotidiano dos negros no Brasil colônia; - Identificar as mudanças econômicas e sociais provocadas pela empresa açucareira; - Analisar a complexidade da empresa açucareira no Brasil colonial; - Identificar as razões da adoção da mão de obra escrava no Brasil e da opção pelo africano em	- Aulas expositivas e dialogadas; - Leitura e interpretação de documentos/ fragmentos de textos; - Seminários; - Debates; - Observação de imagens; - Leitura dirigida; - Listas de atividades;	- Quadro negro; - Giz; - Apagador; - Livro Didático; - Livros Paradidáticos; - Data show; - Imagens;

	substituição ao índio; - diferenciar a composição da sociedade açucareira;		

AVALIAÇÃO Avaliação contínua e sistemática do aluno considerando os seguintes aspectos:
- esforço pessoal em compreender a matéria e realizar as atividades;
- participação em sala de aula; debates; trabalhos e nas pesquisas individuais ou em grupos;
- desempenho nas atividades programadas (avaliações, feira, simulado, tarefão);

BIBLIOGRAFIA

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil: 1711*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
CURTO, Diogo Ramanda. *Cultura imperial e projetos coloniais (século XV a XVIII)*. Campinas: Unicamp, 2009.
FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10 ed. São Paulo: Edusp, 1994.
MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2007.
PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Esta terra tinha dono*. São Paulo: FTD, 1995.
RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa: escravos, marinheiro e intermediários no tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: Edusc, 2001.
VAINFAS, Ronaldo (Dir.). *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

4º BIMESTRE

CONTEÚDOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA	RECURSOS
- A colônia em expansão - a colonização do litoral nordestino; - a colonização da Amazônia; - a pecuária - os bandeirantes/entradas; - Mineração: - a corrida do ouro; - o cotidiano dos garimpos; - a extração do metal; - impostos e revoltas nas minas;	- Identificar e compreender os fatos responsáveis pela expansão territorial no Brasil Colônia; - Relacionar a formação de vilas e cidades ao processo de expansão territorial do período colonial; - Apresentar o papel histórico dos bandeirantes; -Identificar as principais características da sociedade que se formou em torno da exploração das minas de ouro, do séc. XVIII; - Reconhecer, por meio dos fatos da mineração brasileira, características do contexto histórico do séc. XVIII; - Analisar os conflitos e formas de resistência à cobrança de impostos ocorrida pela corrida do ouro;	- Aulas expositivas e dialogadas; - Leitura e interpretação de documentos/ fragmentos de textos; - Seminários; - Debates; - Observação de imagens; - Leitura dirigida; - Listas de atividades;	- Quadro negro; - Giz; - Apagador; - Livro Didático; - Livros Paradidáticos; - Data show; - Imagens;

AVALIAÇÃO Avaliação contínua e sistemática do aluno considerando os seguintes aspectos:
- esforço pessoal em compreender a matéria e realizar as atividades;
- participação em sala de aula; debates; trabalhos e nas pesquisas individuais ou em grupos;
- desempenho nas atividades programadas (avaliações, feira, simulado, tarefão);

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Francisco Eduardo. *A invenção das Minas Gerais.* Belo Horizonte: PUC-Minas, 2008.
ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil: 1711*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* 10 ed. São Paulo: Edusp, 1994.
HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentimento do Brasil.* São Paulo: Cia das Letras, 2006. (Companhia de Bolso).
SCARANO,Julieta. *Negro nas terras do ouro: cotidiano e solidariedade no século XVIII*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira do século XVIII.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

2. Proposta da Oficina Santa Dica

OFICINA
"SANTA DICA: ENTRE A CULTURA POPULAR E A MEMÓRIA"

Proposta: Produção de uma banda desenhada sobre o Movimento Messiânico de Santa Dica em Goiás a partir de pesquisas dos alunos, possibilitando a reafirmação da identidade local através da junção entre memória e cultura popular goiana.
Idade: Entre 12 e 15 anos.
Grupo: 16 alunos.

Duração prevista: 16 horas, dois encontros semanais de 1 hora cada.
Quartas e sextas-feiras entre os meses de Fevereiro e Março.

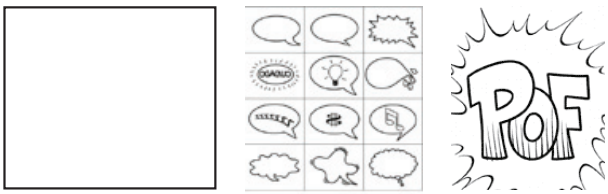
Método: Aulas expositórias, leituras, bate-papo e produção.
Tópicos: Messianismo, Regionalismo, Santa Dica, História em Quadrinhos, Aspectos Estéticos, Roteirização e Produção.

MÓDULO I - HISTÓRIA EM QUADRINHOS - 2 AULAS

1: Apresentação da proposta. Bate-papo com os alunos sobre suas experiências com banda desenhada. Leitura de uma banda desenhada/gibi/tira e reflexão sobre o que foi lido.

Exemplos: Katteca e Cabeça Oca, ambos presentes no maior jornal de circulação do estado.

2: A banda desenhada e seus aspectos estéticos e particularidades narrativas. Requadros, Balões, Onomatopeias e outros elementos. Exercícios de reforço do conteúdo.



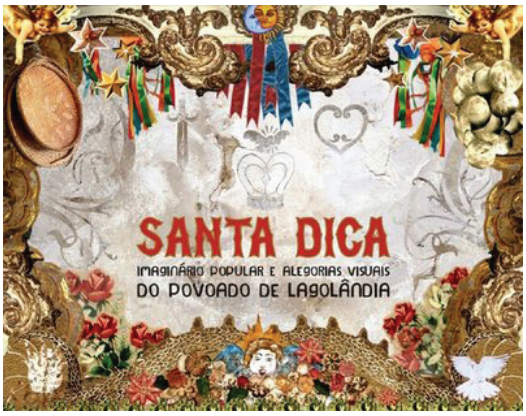
MÓDULO II - SANTA DICA - 3 AULAS

3: Messianismo. Aula expositória e ponto de situação com o conhecimento prévio dos alunos. Leitura da banda desenhada "Revolta de Canudos". Introdução à história da Santa Dica através do paralelo com a movimento baiano.

A Revolta de Canudos - André Diniz; A Guerra do Reino Divino – Jô Oliveira

MÓDULO II - SANTA DICA

4: Bate papo e exposição da história da Santa Dica. Imagens, histórias e relatos. Sua importância na cultura de Goiás.



5: Documentário "Santa Dica de guerra e fé".

MÓDULO III - ROTEIRO - 3 AULAS

6 e 7: Elaboração do roteiro e criação de personagens.

8: Finalização do roteiro e distribuição entre os alunos.

MÓDULO IV - DESENHO - 4 AULAS

9: Desenvolvimento gráfico da banda desenhada. Escolha de um estilo gráfico, storyboard e auxílio nas técnicas de ilustração.

10 a 12: Continuação do desenvolvimento gráfico da banda desenhada. Auxílio nas técnicas de ilustração.

Neste módulo há a possibilidade de trabalho conjunto a um ilustrador no auxílio das atividades.

MÓDULO V - FINALIZAÇÃO - 4 AULAS

13 e 14: Letreirização e Arte final.

15: (não haverá exercícios) - Possibilidade de uma palestra sobre mercado e possibilidades para um ilustrador em Goiás.

16: Confraternização e apresentação do projeto final.

3. Dados socioeconómicos dos participantes da Oficina

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Alice Dias de Brito Alves

Data de Nascimento: 16 / 08 / 03 Idade: 10 Quantos irmãos? 2 Idade: 6, 3

Endereço: Rua Uirapuru Q. 12 Lt. 1A.

Ponto de referência: Próximo ao Peti Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: CARAÍBAS Ano: 4º Turno VESPERTINO

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Ricardo Dias de Brito Idade: 34

Profissão: PINTOR Escolaridade: 5ª Renda: 1.200,00 QUANDO TRABALHA.

Telefone de contato: 92141862 / 3578 4401 /

Mãe: Fabiola Alves de Brito Idade: 27.

Profissão: Desempregada (doméstica) Escolaridade: Cursando 6ª Renda: 00,00

Telefone de contato: / /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: — " —

Idade: — Parentesco: — Profissão: — " — Escolaridade: — " —

Telefone de contato: — " — ? — " — ? — / / —

Horários que o responsável está em casa: dia todo.

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (x) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa família, Ajuda colegio

Quanto? R$90,00 R$100,00

04 - Você mora em casa: (x) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (x) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Fabrícia Quantos filhos tem? 03 Quantos filhos estudam? 01

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) (X) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Goiânia UF: Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 15

4) Motivo da mudança: melhores condições

5) Qual a renda total da família? 1.100,00 Quantas pessoas vivem desta renda? 5 pessoas

6) Existe alguém desempregado na família? (X) Sim ( ) Não Quem? a mãe

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual municipal? ( ) Sim ( ) Não Quanto?

8) Qual? ( ) Bolsa escola (X) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros: 166,00

9) A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim ( ) Não Quanto?

EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR
Data da renovação da matrícula: 17/12/2013

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Brenda Vitória Oliveira da Silva

Data de Nascimento: 02 / 01 /2004 Idade: 09 Quantos irmãos? 2 Idade: 08 e 02

Endereço: Rua Sucupira Qd 20 Lt 05 Residencial Por do Sol

Ponto de referência: Bar do Zequinha Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Estadual Canaã Ano: 4º. Turno vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Wagner Oliveira da Cruz Resende Idade: 27

Profissão: Repositor de Mercadorias Escolaridade: 1º grau

Telefone de contato: / /

Mãe: Maria Glauciene da Silva Oliveira Resende Idade: 29

Profissão: Domestica e Diaré Escolaridade: 7º

Telefone de contato: 93728254 / 94343608 /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais:

Idade: Parentesco: Profissão: Escolaridade:

Telefone de contato: ? ? ?

Horários que o responsável está em casa: A noite

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (✓) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa família

Quanto? R$ 500

04 - Você mora em casa: (X) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Maria Glauciene Quantos filhos tem? 2 Quantos filhos estudam? 2

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Iguatu UF: Ceará Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 18 anos.

4) Motivo da mudança: melhores condições de trabalho

5) Qual a renda total da família? 1 Salário Quantas pessoas vivem desta renda? 02 pessoas.

6) Existe alguém desempregado na família? (X) Sim ( ) Não Quem? 2 pessoas.

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? (X) Sim ( ) Não Quanto? 502,00

8) Qual? ( ) Bolsa escola (X) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros: —

9) A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não Qual? Bolsa família Quanto? 502,00

Data da renovação da matrícula:
____/____/____

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Breno Felipe Ferreira Berto

Data de Nascimento: 29 / 12 /2001 Idade: 12 Quantos irmãos? 4 Idade: _____

Endereço: Rua Patos de Minas Qdra 15 Lot 13 Setor Belo Horizonte

Ponto de referência: _____ Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: _____ Ano: 7º Turno _____

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Dino Cesar Dias de Moura Idade: _____

Profissão: Montador de Tendas Escolaridade: 2º Série

Telefone de contato: 9392-4571 / / /

Mãe: Brenda Lilian Ferreira Berto Idade: 12

Profissão: Metade di Tida Escolaridade: _____

Telefone de contato: 9392-4571 / /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: Dino Cesar Dias de Moura

Idade: ____ Parentesco: adotivo Profissão: _____ Escolaridade: _____

Telefone de contato: 9320-0070 ? 9417 0615 ? 9941 9795.

Horários que o responsável está em casa: à noite

03 - A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim (X) Não

Qual? _____

Quanto? _____

04 - Você mora em casa: ( ) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada (X) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Dino César Dias de Moura Quantos filhos tem? 1 Quantos filhos estudam? 1

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): (X) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Teresina - PI Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 7

4) Motivo da mudança: Trabalho

5) Qual a renda total da família? 756 reais Quantas pessoas vivem desta renda? 2

6) Existe alguém desempregado na família? ( ) Sim (X) Não Quem?

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual municipal? ( ) Sim (X) Não Quanto?

8) Qual? ( ) Bolsa escola ( ) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros:

/11/2013

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Bruna Vitória da Silva Oliveira

Data de Nascimento: 29/01/2004 Idade: 09 Quantos irmãos? 09 Idade: 29, 26, 25, 20, 16, 18, 15, 13, 11

Endereço: Rua Sucupira, Qd. 18, Lt. 05, Res. Por do Sol

Ponto de referência: _____ Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Esc. Munic. Paraíbas Ano: 4º Turno Vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: José Fernando de Oliveira Idade: 53

Profissão: Pedreiro Escolaridade: fundamental I incompl. Renda: não tem

Telefone de contato: 35884726 / /

Mãe: Francisca Moisés de Oliveira Idade: 46

Profissão: do lar Escolaridade: 1º ano Renda: _____

Telefone de contato: 35884726 / /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: _____

Idade: ____ Parentesco: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Telefone de contato: _____ ? _____ ? _____

Horários que o responsável está em casa: _____

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa Família

Quanto? 502,00

04 - Você mora em casa: (X) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Francisca Quantos filhos tem? 10 Quantos filhos estudam? 07

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) (X) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Iguatu - CE UF: ____ Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 16

4) Motivo da mudança: de Trabalho.

5) Qual a renda total da família? 600,00 Quantas pessoas vivem desta renda? 10

6) Existe alguém desempregado na família? (X) Sim ( ) Não Quem? 04 (José, Paulo, José Filho, Elaine)

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? (X) Sim ( ) Não Quanto? _____

8) Qual? (X) Bolsa escola ( ) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros: _____

9) A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não Qual? Bolsa Família Quanto? 204,00.

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: CLEBSON VINICIUS SILVA COSTA.

Data de Nascimento: 10/05/2005 Idade: 8 Quantos irmãos? 1 Idade: 6: anos.

Endereço: RUA das PALMEIRAS Q 05. LT 07

Ponto de referência: SALÃO da PATRICIA. Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: E.M.E. Fundamental CARAIBA Ano: 3: Turno TARDE.

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: CLEBNILSON FONTES COSTA. Idade: 28

Profissão: Pedreiro Escolaridade: 6: ANO Renda: 1.800

Telefone de contato: (94) 99264180 / / /

Mãe: Juliana Silva Lima. Idade: 25.

Profissão: do. LAR. Escolaridade: Renda:

Telefone de contato: 9989 16 34 / . / /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais:

Idade: Parentesco: Profissão: Escolaridade:

Telefone de contato: ? ? ?

Horários que o responsável está em casa: 24 horas.

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa Familia.

Quanto? 164 Reais

04 - Você mora em casa: ( ) Própria (X) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Juliana Silva Lima Quantos filhos tem? 2 Quantos filhos estudam? 2

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Santa Inês UF: MA Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 45 dias

4) Motivo da mudança: Separação Conjugal

5) Qual a renda total da família? 700,00 Quantas pessoas vivem desta renda? 5 pessoas

6) Existe alguém desempregado na família? ( ) Sim ( ) Não Quem? Irma da Juliana

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? ( ) Sim (X) Não Quanto?

8) Qual? ( ) Bolsa escola ( ) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros:

9) A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim ( ) Não Qual?

Data da renovação da matrícula: 04/12/2013

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Daniel Souza Nascimento

Data de Nascimento: 13/06/2003 Idade: 10 Quantos irmãos? 2 Idade: 2 anos 5 anos

Endereço: Rua Cenoa Qd 08 Lt 29 Res. Serra dos Brisas

Ponto de referência: de frente a duas Antas Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Escola Municipal Cassilos Ano: 4º Turno Vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Aldenias Neto Aguia Nascimento Idade: ____

Profissão: Ignorado Escolaridade: não alfabetizado Renda: ____

Telefone de contato: ____ / ____ / ____

Mãe: Eliane Souza dos Santos Idade: 29

Profissão: do lar Escolaridade: 6º Renda: ____

Telefone de contato: 32886913 / 93028857

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: Zilda Camilo de Souza

Idade: 54 Parentesco: Avó Profissão: do lar Escolaridade: 3º primário

Telefone de contato: 32886913 / 92424068 93028857

Horários que o responsável está em casa: Avó o dia todo mãe a tarde

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa Família

Quanto? 128.00 Reais

04 - Você mora em casa: ( ) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor Cedida

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Eliane Quantos filhos tem? 03 Quantos filhos estudam? 01

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): (X) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Itapebi UF: Ba Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 28 anos

4) Motivo da mudança: melhores condições de vida.

5) Qual a renda total da família? 1 salário Quantas pessoas vivem desta renda? 05

6) Existe alguém desempregado na família? (X) Sim ( ) Não Quem? a mãe

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? ( ) Sim ( ) Não Quanto? ____

8) Qual? ( ) Bolsa escola (X) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros: ____

9) A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não Qual? Bolsa Família Quanto? 96,00

EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR
Data da renovação da matrícula: 04/12/2013

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Edson Junio dos Santos Alves
Data de Nascimento: 11/03/2002 Idade: 11 Quantos irmãos? 2 Idade: 4 anos 6 anos
Endereço: Rua Cerolo Qd 08 Lt 29 Res. Serra dos Brisos
Ponto de referência: Ref a asseblea de Deus Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás
Escola: Municipal Caraíbas Ano: 4º Turno Vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: _____ Idade: _____
Profissão: _____ Escolaridade: _____ Renda: _____
Telefone de contato: _____ / _____ / _____
Mãe: Elizete sazo dos santos Idade: 31
Profissão: Alsilia de Conzinha Escolaridade: 5º Renda: 700.00
Telefone de contato: 32886913 / _____ / _____
Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: _____
Idade: ____ Parentesco: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____
Telefone de contato: _____ ? _____ ? _____
Horários que o responsável está em casa: Tia de pela tarde
03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não
Qual? Bolsa família
Quanto? 100. ao Reias
04 - Você mora em casa: ( ) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor sedida

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL
B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra [illegible]

Questionário sobre a família.

2) Mora com: ( ) Pai e Mãe (X) Pai (X) Mãe ( ) Avós (X) Avó ( ) Avô ( ) Tios
3) Renda familiar: 545,00 reais Quantas pessoas que vivem dessa renda? 4
4) A família recebe ajuda do governo? ____ Qual? ____ Quanto? ____
5) Escola que frequenta: Escola Municipal Caraíbas.
6) Série: 3º Turma: _____ Turno: ( ) Matutino (X) Vespertino
7) Matéria que seu filho tem maior dificuldade na escola? Todas ñ alfabetizado
8) O Educando(a) pratica ou já praticou alguma atividade esportiva ou cultural?
Sim ( ) Não (X) Qual? ____
9) Seu filho(a) tem problemas de saúde? ( ) Sim ( ) Não Qual? Def. Cognitivo
10) Elé(a) toma remédio controlado? ( ) Sim (X) Não Qual? _____
11) Tem algum familiar também pré-inscrito em Projetos da ONG? ( ) Sim (X) Não Quantos? ____

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Evelyn Sales Paz

Data de Nascimento: 18/11/03 Idade: 10 Quantos irmãos? ___ Idade: ___

Endereço: Rua Sucupira Qd. 38 Lt 04 Res. Por do Sol

Ponto de referência: ___ Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: ___ Ano: ___ Turno ___

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Rubens Paz Ponte Idade: 45

Profissão: Tec. Eletronico Escolaridade: 2° grau comp. Renda: ___

Telefone de contato: (62) 3231 8368 / 85666659 / 85666658

Mãe: Claudenira Cipriano Sales Paz Ponte Idade: 36

Profissão: ___ Escolaridade: 2° Comp. Renda: ___

Telefone de contato: 3578 38 34 / 91173596 / 3

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: ___

Idade: ___ Parentesco: 3578 4726 Profissão: ___ Escolaridade: ___

Telefone de contato: ___ ? ___ ? ___

Horários que o responsável está em casa: Ao 19: horas.

03 - A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim (x) Não

Qual? ___

Quanto? ___

04 - Você mora em casa: (a) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Rubens Paz Ponte Quantos filhos tem? Quantos filhos estudam?

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Goiânia ( ) E: Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 17 anos

4) Motivo da mudança: Comprou a casa.

5) Qual a renda total da família? 1,800,00 Quantas pessoas vivem desta renda? 3 pessoas

6) Existe alguém desempregado na família? ( ) Sim (X) Não Quem? ___

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual municipal? ( ) Sim (X) Não Quanto?

8) Qual? ( ) Bolsa escola ( ) Bolsa família ( ) Cheque moradia (X) Renda cidadã Outros: nenhum

9) A família esta recebendo ajuda do governo? ( ) Sim (X) Não Qual? ___ Quanto? ___

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Guilherme Ferreira Dias

Data de Nascimento: 13/02/05 Idade: 8 Quantos irmãos? 2 Idade: 6, 3

Endereço: Rua do Piquizeiro QA 21A lote 1

Ponto de referência: _____ Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Canaã Ano: 3 Turno Vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Jeorges Ferreira Idade: 38

Profissão: Assistente de deposito Escolaridade: ensino Medio Renda: 900.00

Telefone de contato: 3288 7778 / /

Mãe: Patricia Cardoso Dias Idade: 37

Profissão: costureira Escolaridade: Ens. Medio Renda: 800.00

Telefone de contato: 32887778 / 93621263 /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: _____

Idade: ___ Parentesco: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Telefone de contato: _____ ? _____ ?

Horários que o responsável está em casa: O dia Todo

03 - A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim (X) Não

Qual? _____

Quanto? _____

04 - Você mora em casa: (X) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

2) Mora com: (X) Pai e Mãe ( ) Pai ( ) Mãe ( ) Avós ( ) Avó ( ) Avô ( ) Tios

3) Renda familiar: 1.300,00 Quantas pessoas que vivem dessa renda? 5

4) A família recebe ajuda do governo? sim Qual? Bolsa Família Quanto? 166,00

5) Escola que frequenta: Canaã

6) Série: 3 Turma: A Turno: ( ) Matutino (X) Vespertino

7) Matéria que seu filho tem maior dificuldade na escola? Português

8) O Educando(a) pratica ou já praticou alguma atividade esportiva ou cultural?

Sim ( ) Não (X) Qual? _____

9) Seu filho(a) tem problemas de saúde? ( ) Sim (X) Não Qual? _____

10) Ele(a) toma remédio controlado? ( ) Sim (X) Não Qual? _____

11) Tem algum familiar também pré-inscrito em Projetos da ONG? (X) Sim ( ) Não Quantos? 1

12) Projeto de: ( ) Ed. Complementar

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Guilherme de Paiva Ferreira Ferreira

Data de Nascimento: ___/___/___ Idade: ___ Quantos irmãos? ___ Idade: ___

Endereço: Aziz Chaer Dos LT 25 Res Araguaia

Ponto de referência: ___ Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Municipal Barrabas Ano: ___ Turno ~~M~~ 4º B

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Jean Clessio Pereira Ferreira Idade: ___

Profissão: ~~Hu~~ Escolaridade: ___ Renda: ___

Telefone de contato: ___/___/___

Mãe: Ana Rubia de Paiva Idade: 27

Profissão: Manicura Escolaridade: ___ Renda: ___

Telefone de contato: 35881132 , 91218471 , 93796320

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: ___

Idade: ___ Parentesco: ___ Profissão: ___ Escolaridade: ___

Telefone de contato: 35881132 ; 91218471 ; 93796326

Horários que o responsável está em casa: Ana Rubia de Paiva

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa Família

Quanto? 40 reais

04 - Você mora em casa: (X) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Jean Clessio P. Ferreira Quantos filhos tem? 02 Quantos filhos estudam? 02

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente (X) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Conceição do Araguaia UF: PA Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 11 anos

4) Motivo da mudança: em busca de melhores condições de vida

5) Qual a renda total da família? 1.500,00 Quantas pessoas vivem desta renda? 04 pessoas

6) Existe alguém desempregado na família? ( ) Sim (X) Não Quem? ___

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? (X) Sim ( ) Não Quanto? 40 reais

8) Qual? (X) Bolsa escola ( ) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros: ___

9) A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não Qual? Bolsa escola Quanto? 40 reais

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Joice Eduarda Silva Santana

Data de Nascimento: 19/08/2008 Idade: 10 Quantos irmãos? 2 Idade: 4 e 5

Endereço: Rua 88 Qu 7 lo 12 Con. das Esmeraldas.

Ponto de referência: Terraqueta nova alter natureza Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Escola Municipal Caraíbas Ano: 4º Turno vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Geraldo Silva Santana Idade: 28

Profissão: Servente Escolaridade: ——— Renda: ———

Telefone de contato: ——— / ——— / ———

Mãe: Darlene da Cruz Silva Idade: 32

Profissão: Do lar. Escolaridade: Renda:

Telefone de contato: 92119341 / 93275933 /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: mãe

Idade: 32 Parentesco: ~~do lar~~ mãe Profissão: do lar Escolaridade:

Telefone de contato: 92119341 ? ?

Horários que o responsável está em casa: O dia todo

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa família

Quanto? 166,00

04 - Você mora em casa: ( ) Própria (X) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Data da renovação da matrícula: ____/____/____

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Kelviston Menezes de Abreu.

Data de Nascimento: 01 / 02 /2001 Idade: 12 Quantos irmãos? 1 Idade: 7 anos

Endereço: Rua Bougainville A 7 L 9. Residencial Norte Sul

Ponto de referência: _____ Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Buriti Cerino Ano: 7º Turno Vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____ Renda: _____

Telefone de contato: _____ / _____ / _____

Mãe: Lucinei Menezes de Abreu. Idade: 27

Profissão: _____ Escolaridade: 2º grau completo Renda: 302 R$

Telefone de contato: (62) 93-14-22-90 / 3578-36-13 / 81-27-37-05

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: _____

Idade: ____ Parentesco: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Telefone de contato: _____ ? _____ ? _____

Horários que o responsável está em casa: _____

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa família.

Quanto? 302 R$

04 - Você mora em casa: (X) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Lucinei Menezes de Abreu Quantos filhos tem? 2 Quantos filhos estudam? 2

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) (X) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Santa Terezinha UF: ____ Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 3 anos

4) Motivo da mudança: um futuro melhor.

5) Qual a renda total da família? desempregado Quantas pessoas vivem desta renda? 4

6) Existe alguém desempregado na família? (X) Sim ( ) Não Quem? Lucinei

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? ( ) Sim (X) Não Quanto? _____

8) Qual? ( ) Bolsa escola ( ) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros: _____

9) A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim (X) Não Qual? _____ Quanto? _____

Data da renovação da matrícula: 30/11/2013

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Kesrin Marques Lopes Coelho

Data de Nascimento: 31/06/2006 Idade: 7 anos Quantos irmãos? 1 Idade: 4 anos

Endereço: Rua Bougainville Qd 05 Lt 10 Residencial Saraiba

Ponto de referência: no fundo da Cristal Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Municipal Saraiba Ano: 2º Turno Vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Celio marques Lopes Coelho Idade: 40 anos

Profissão: Pedreiro Escolaridade: 6ª serie Renda: não tem

Telefone de contato: 96198628 / /

Mãe: Priscilla Lopes da Rocha Coelho Idade: 33 anos

Profissão: Aux. Serviços Gerais Escolaridade: 7ª serie Renda: 739.02

Telefone de contato: 96426155 / 92652616 / 84189562

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais:

Idade: Parentesco: Profissão: Escolaridade:

Telefone de contato: ? ?

Horários que o responsável está em casa:

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa Familia

Quanto? 242,00 reais

04 - Você mora em casa: ( ) Própria (X) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Priscilla L. da R. Coelho Quantos filhos tem? 2 Quantos filhos estudam? 1

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) (X) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: goiânia UF: Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 1 ano

4) Motivo da mudança:

5) Qual a renda total da família? 2 salario Quantas pessoas vivem desta renda? 4 pessoas

6) Existe alguém desempregado na família? ( ) Sim (X) Não Quem?

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? (X) Sim ( ) Não Quanto?

8) Qual? ( ) Bolsa escola (X) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros:

9) A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não Qual? Bolsa Familia Quanto? 242,00

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Marcos Vinicius Alves Belo

Data de Nascimento: 30 / 01 / 2004 Idade: ____ Quantos irmãos? 3 Idade: 3 anos, 12 anos, 10 anos

Endereço: R. das castanheiras Qd. 05 Lt 16 Resid. por do sol.

Ponto de referência: ao lado do deposito frio Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Escola caraibas Ano: 4ª Turno B.

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Ibamar Alves dos Santos Idade: 34

Profissão: Vendedor Escolaridade: 2º grau completo

Telefone de contato: 84972894 , 92709344 ,

Mãe: Juliana Das Dôres Belo. Idade: 33

Profissão: Do lar Escolaridade: 8ª ano

Telefone de contato: 91958060 , 86045230 ,

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: ____

Idade: ___ Parentesco: ____ Profissão: ____ Escolaridade: ____

Telefone de contato: ____ ? ____ ? ____

Horários que o responsável está em casa: todos os horários

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa família

Quanto? 198,00

04 - Você mora em casa: ( ) Própria (X) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

( ) Financiada ( ) De favor ( ) Outros Citar: ____

2) Mora com: (X) Pai e Mãe ( ) Pai ( ) Mãe ( ) Avós ( ) Avó ( ) Avô ( ) Tios

3) Renda familiar: 1356,00 Quantas pessoas que vivem dessa renda? 6 pessoas

4) A família recebe ajuda do governo? Sim Qual? Bolsa Família Quanto? 198,00

5) Escola que frequenta: Escola Municipal Caraibas

6) Série: 3ª Turma: ____ Turno: ( ) Matutino (X) Vespertino

7) Matéria que seu filho tem maior dificuldade na escola? Não

8) O Educando(a) pratica ou já praticou alguma atividade esportiva ou cultural?

Sim ( ) Não (X) Qual? ____

9) Seu filho(a) tem problemas de saúde? (X) Sim ( ) Não Qual? Bronquite

10) Ele(a) toma remédio controlado? (X) Sim ( ) Não Qual? Prednizim Xero fc

11) Tem algum familiar também pré-inscrito em Projetos da ONG? ( ) Sim ( ) Não

20/11/12

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Nelmy Tereza Felix dos Santos

Data de Nascimento: 5/05/03 Idade: 10 Quantos irmãos? 8 Idade: _____

Endereço: Av: Doutor Valdomiro cruz Qd 4 Lto 3 Res: corôas

Ponto de referência: _____ Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Pro troyano de Sá guimarães Ano: 10 Turno Vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Claudson Benedito dos Santos Idade: 36

Profissão: Pedreiro Escolaridade: 8ª série Renda: _____

Telefone de contato: _____ / _____ / _____

Mãe: Wyviana Jones Felix de souza. Idade: _____

Profissão: Autonoma (estudante Escolaridade: 9º Ano Renda: 1 salário

Telefone de contato: 91029002 / 32880521 / 86342933

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: _____

Idade: ___ Parentesco: Mãe Profissão: _____ Escolaridade: _____

Telefone de contato: _____ ? _____ ? _____

Horários que o responsável está em casa: sempre Pelas manhã

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa família

Quanto? 258.00

04 - Você mora em casa: (X) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

2) Mora com: ( ) Pai e Mae ( ) Pai ( ) Mae ( ) Avós ( ) Avó ( ) Avô ( ) Tios

3) Renda familiar: R$ 232,00 Quantas pessoas que vivem dessa renda? ___

4) A família recebe ajuda do governo? Sim Qual? Bolsa Fam. Quanto? 122,00

5) Escola que frequenta: Dem Vaga -

6) Série: _____ Turma: _____ Turno: (X) Matutino ( ) Vespertino

7) Matéria que seu filho tem maior dificuldade na escola? —

8) O Educando(a) pratica ou já praticou alguma atividade esportiva ou cultural?

Sim ( ) Não (X) Qual? —

9) Seu filho(a) tem problemas de saúde? ( ) Sim (X) Não Qual? —

10) Ele(a) toma remédio controlado? ( ) Sim (X) Não Qual? —

11) Tem algum familiar também pré-inscrito em Projetos da ONG? (X) Sim ( ) Não Quantos? 7

12) Projeto de: (X) Ed. Complementar (X) Ed. Infantil Quem? Irmãos

Terra Livre

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Rayssa Kristiny da Brito Silva

Data de Nascimento: 22 / 12 / 03 Idade: 10 Quantos irmãos? 3 Idade: 2, 2, 11

Endereço: Rua do Perobo Q. 12 Lt. 1 Por do Sol

Ponto de referência: Proximo ao Peti Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Coraibas Ano: 4º Turno Vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Rogerio Carlos Alves da Silva Idade: 33

Profissão: Promotor de Eventos Escolaridade: 2º Gº Renda:

Telefone de contato: / /

Mãe: Renata Dias de Brito Idade: 33

Profissão: Do lar Escolaridade: ~~2º Gº completo~~ 2º Grau. Renda:

Telefone de contato: 92 14 18 62 / 3578 4405 /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais: — / — — / — —

Idade: — Parentesco: — / — Profissão: — / — Escolaridade:

Telefone de contato: — / — ? — / — ? — / —

Horários que o responsável está em casa: Dia todo

03 - A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim (X) Não

Qual?

Quanto?

04 - Você mora em casa: (X) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Renata Dias Brito Quantos filhos tem? 4 Quantos filhos estudam? 2

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Goiânia UF: Go. Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 12 anos

4) Motivo da mudança: morar com os pais

5) Qual a renda total da família? 800,00 Quantas pessoas vivem desta renda? 6 pessoas

6) Existe alguém desempregado na família? (X) Sim ( ) Não Quem? a mãe.

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? ( ) Sim (X) Não Quanto? —

8) Qual? ( ) Bolsa escola ( ) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros: —

9) A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim (X) Não Qual?

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: Guilherme Cristina Pereira da Silva

Data de Nascimento: 30 / 12 / 05 Idade: 7 Quantos irmãos? 2 Idade: 4 e 14 anos

Endereço: Rua Ibiriti Qd 18 Lt 15 Res Itanaiba

Ponto de referência: Proximo Colegio Itanaiba Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: Municipal Mª Luiza de Souza Ano: 2 Turno B 3

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Heleno Junior Pereira da Silva Idade: 34

Profissão: autonomo Escolaridade: ens medio incp Renda: Não Sei

Telefone de contato: 91·26·95·07 / / /

Mãe: Tayná Cristina Araujo da Silva Idade: 31

Profissão: auxiliar de serviços gerais Escolaridade: 2º incopleta Renda: R$ 700,00

Telefone de contato: 92.46.60.59 / 3924 63.97 (serviço) Casa-3578.5385

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais:

Idade: ___ Parentesco: ___ Profissão: ___ Escolaridade: ___

Telefone de contato: ___ ? ___ ? ___

Horários que o responsável está em casa: a noite

03 - A família está recebendo ajuda do governo? ( ) Sim (X) Não

Qual? ___

Quanto? ___

04 - Você mora em casa: ( ) Própria (X) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): ___ Quantos filhos tem? ___ Quantos filhos estudam? ___

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) (X) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Goiânia UF: ___ Vive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia? 2

4) Motivo da mudança: ___

5) Qual a renda total da família? um Salario Quantas pessoas vivem desta renda? 4

6) Existe alguém desempregado na família? ( ) Sim ( ) Não Quem? ___

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual/municipal? (X) Sim ( ) Não Quanto? ___

8) Qual? ( ) Bolsa escola (X) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros: ___

9) A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não Qual? Bolsa Familia Quanto? 166,00

30/11/213

Terra Livre

Foto

01- IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE

Criança/adolescente: wesley martins Santos

Data de Nascimento: 18/10/203 Idade: 10 Quantos irmãos? 1 Idade: 21

Endereço: Rua Jambord Q 141 L04 Res Por do Sol

Ponto de referência: mates Cidade: Aparecida de Goiânia Estado: Goiás

Escola: municipal saraibas Ano: 4º Turno vespertino

02-DENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Pai: Adeide martins Santos Idade: 42

Profissão: serralheiro Escolaridade: 8º Renda:

Telefone de contato: 996205574 / / /

Mãe: Eleonice Ferreira dos santos Silva Idade: 38

Profissão: diarista Escolaridade: 6º Renda: 672

Telefone de contato: 992030774 / / /

Responsável – caso a criança/adolescente não more com os pais:

Idade: Parentesco: Profissão: Escolaridade:

Telefone de contato: ? ? ?

Horários que o responsável está em casa:

03 - A família está recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não

Qual? Bolsa familia

Quanto? 102

04 - Você mora em casa: (X) Própria ( ) Alugada ( ) Doada pelo governo ( ) Financiada ( ) De favor

05- Marcar com um X na opção da letra A, se a criança/adolescente for continuar no CETL, na opção da letra B, se a criança/adolescente for para outra instituição (Projeto), e letra C se a criança/adolescente for sair por outro motivo

A - (X) Deseja continuar no Projeto do TL

B - ( ) Será transferido (a) para outro Projeto, em outra instituição

C - ( ) Não deseja continuar no Projeto do TL.

Questionário sobre a família.

QUESTIONÁRIO SOBRE A FAMÍLIA

1) Entrevistado(a): Adeide Martins Quantos filhos tem? 2 Quantos filhos estudam? 1

2) Estado civil do(a) Entrevistado(a): ( ) Solteiro(a) (X) Casado(a) ( ) União estável ( ) Separado(a) judicialmente ( ) Divorciado(a)

3) Cidade de origem: Ceres. (17 anos) ive a quanto tempo em Aparecida de Goiânia?

4) Motivo da mudança: Acompanhar a familia

5) Qual a renda total da família? 2 salarios Quantas pessoas vivem desta renda? 4 pessoas.

6) Existe alguém desempregado na família? ( ) Sim (X) Não Quem?

7) A família já recebeu alguma ajuda do governo estadual municipal? (X) Sim ( ) Não Quanto?

8) Qual? ( ) Bolsa escola (X) Bolsa família ( ) Cheque moradia ( ) Renda cidadã Outros

9) A família esta recebendo ajuda do governo? (X) Sim ( ) Não Qual? Bolsa familia Quanto? 102,00

4. Exercício do Módulo I - Banda Desenhada

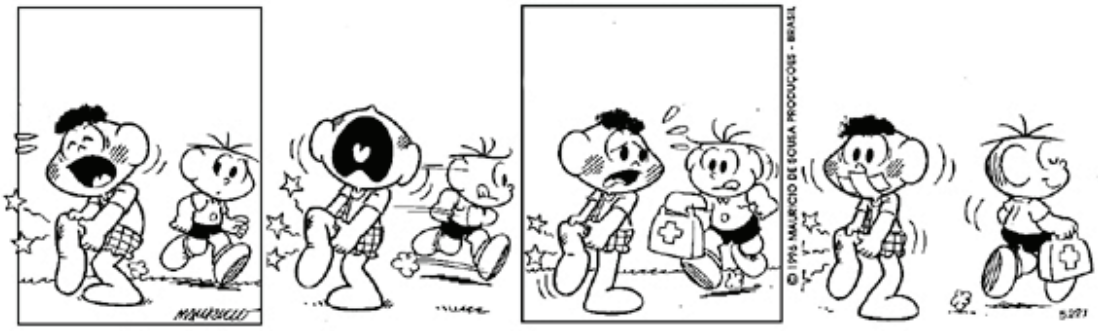
oficina
SANTA DICA
quadrinhos é coisa do povo

Nome: _____
Idade: _____
Data: _____

Módulo I - História em Quadrinhos

1) O que significa cada balão?

2) Construa os balões e escreva as falas desta tirinha. Use onomatopéias e linhas cinéticas se necessário.



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5221

3) Faça três balões usando onomatopéias.

4) Complete a tirinha do Menino Maluquinho

O Menino Maluquinho em quadrinhos, Ziraldo, L&PM.

5) Crie uma história em quadrinhos com o tema "O meu dia-a-dia", usando os elementos das HQ's.

Epílogo: Santa Dica cai enferma e ressuscita depois da sua morte.

Sinopse: Santa Dica morava com a sua avó, dona Isabel Borges, quando ficou muito doente. Depois de três dias, após tentar todo o tipo de ajuda, Dica é dada como morta. Durante a preparação do seu funeral, ressuscita. A notícia do milagre se espalha na vizinhança, para em seguida ganhar o município, o estado de Goiás e o país.

Santa Dica está doente. Joana uma das moradoras da fazenda vê Dica desmaiar e corre para avisar Dona Isabel, a avó:

– *Dona Isabel, a Santa Dica está morrendo!*

Dona Isabel corre em direção à Santa Dica:

-Dica! Dica! Acorda!

Nada acontece. A avó chama médicos, busca remédios, curas, mas seus esforços são em vão e três dias depois, Dica é dada como morta.

Entre lágrimas, seus familiares iniciam a preparação do seu funeral.

– *Pai nosso que estás no céu, santificado seja o vosso nome…*

De repente, Dica ressuscita, como um milagre.

– *Meu Deus, a Santa Dica ressuscitou!*

E a notícia do milagre corre nos arredores da fazenda.

*

Capítulo 1: Uma vida de exploração

Sinopse: Um coronel e seu capataz exploram os sertanejos que trabalham na fazenda, enquanto um deles, muito doente, escuta sobre uma mulher que faz curas.

1924

Na fazenda dos Pirineus, um trabalhador ara a terra quando o coronel chega e começa a surrá-lo:

– Esses roceiros! Ficam de corpo mole em vez de trabalharem direito. Assim não tem como minha plantação sobreviver. Anda! É melhor que trabalhe, caso contrário vai pra rua!

Por causa das más condições de trabalho, o sertanejo cai muito doente para a ira do coronel:

– Eu quero ver você trabalhando até o final do dia!

O trabalhador então volta para a roça, sem saber da sua doença até que uma mulher vem ao seu encontro como uma notícia:

– Há uma mulher chamada Santa Dica, que depois de morta, reviveu! Ela está viva! Dizem até que faz curas!

– Eu preciso ir até ela então!

A mulher o leva até a casa de Santa Dica:

– Vejo que você está doente de tanto ser maltratado na fazenda e por isso vou usar os anjos para curá-lo.

Santa Dica então toca no homem que se vê curado.

– Eu estou curado!

*

Capítulo 2: Um novo lugar

Sinopse: Na fazenda Monzodó, Dica começa a receber alguns seguidores, a maioria vindo das fazendas próximas à sua propriedade, em busca da mulher que venceu a morte e cura doentes. Depois de alguns meses, ela funda Lagolândia.

Uma pessoa que recebeu a cura de Dica, conta à duas sertanejas sobre o seu milagre: – Eu sou a prova viva de uma mulher que cura pessoas!

- Quem seria essa? Minha comadre está muito doente!

-Seu nome é Santa Dica.

– Comadre, precisamos ir até ela então.

– Eu levo vocês até ela.

Chegando na fazenda de Santa Dica, esta as recebem:

– Sejam bem-vindas à minha fazenda.

– Precisamos de sua ajuda, Santa Dica, essa mulher está muito doente.

– O que você tem?
– Eu não sei ao certo, mas parece gripe, daquelas fortes, não sara nunca! Eu sinto que vou morrê!

– O anjos me disseram que você viria. Beba este remédio que preparei e que foi abençoado pelos anjos.

A mulher toma preparo de ervas e afirma:

– É um milagre, eu estou curada!

As duas então decidem seguir a Santa e ali ficam, fazendo com que Santa Dica funde a cidade de Lagolândia.

– Nós queremos morar com a senhora.

– Sejam bem-vindas, a partir de hoje, essa será a república dos anjos. Todos viveremos aqui em harmonia e comunhão.

*

Capítulo 3: A República dos Anjos

Sinopse: Em Lagolândia, Com a chegada de um homem misterioso (Alfredo dos Santos), Dica inicia suas pregações, troca o nome do Rio do Peixe para Rio Jordão e afirma que a República dos Anjos será salva quando o mundo acabar.

Um misterioso homem chega a república e pede para falar com Santa Dica:

– Eu preciso de sua ajuda, minha filha está muito doente.

Santa Dica faz uma oração e a febre da menina passa.

– Muito obrigado, você é mesmo Santa. Meu nome é Alfredo dos Santos, vim do Rio Grande do Sul, só para conhecê-la. Por ter curado, eu gostaria de te dar algo em troca.

– Muito bem, o que você quer me dar?

-Eu sou uma pessoa estudada e posso te ensinar a fazer suas pregações para os seus fiéis, posso ajudar a escrever coisas para que mais pessoas saibam da senhora.

Com ajuda de Alfredo, Santa Dica escreve uma carta sagrada enviada pelos anjos para o povoado:

– Irmãos! Os anjos disseram que o mundo logo vai acabar e os que não forem pecadores e viverem comigo, serão salvos. Nossas colheitas serão de todo mundo e se não tiver terra para plantar, a terra alheia servirá. O sábado servirá de descanso para os que aqui vivem.

*

Capítulo 4: Um inimigo público

Sinopse: No município de Campinas, chegam as primeiras notícias de Santa Dica. Um padre resolve publicar notas no jornal "O Santuário de Trindade" difamando Dica e cobrando a intervenção do governo para não se repetir o episódio de Canudos.

Em Campinas, chegam as primeiras notícias de Santa Dica e dois padres conversam:

– Mas o que é isto? Que mulher é essa que andam dizendo que faz milagres?

– Ah, chamam ela de Santa, lá do rio do Peixe.

-Mas precisamos fazer algo a respeito, cobrar das autoridades o fim dessa insanidade!

– A opinião pública pode ajudar, vamos escrever algumas notícias sobre essa mulher.

Os padres então escrevem notas no jornal "O Santuário de Trindade", condenando as ações da mulher e pedindo a intervenção do governo.

"A tal Santa do Rio do Peixe deu também para proibir o trabalho no sábado"

*

Capítulo 5: Pés com Palha, Pés sem Palha!
Sinopse: Na cidade de Goiás, capital do estado, Dica é convocada pelo governador Brasil Caiado para participar do batalhão contra a Coluna Prestes e na Cidade de Goiás e sua tropa tem seus cavalos e armamentos recolhidos pelo Governo.

Na cidade de Goiás, o governador lança uma campanha para convocar pessoas para lutarem contra a Coluna Prestes:

– A Coluna Prestes não presta, nela só tem bandidos e assassinos. Por isso eu tenho que chamar a população para participar da Coluna Caiado, para acabar com este terror.

Santa Dica então resolve levar seus homens a cidade de Goiás para lutarem contra a Coluna Prestes. Para ensiná-los a marchar, Dica amarra um pedaço de palha em dos pés:

– Pé com palha! Pé sem palha!

Porém o embate entre as Colunas não ocorreu, mas o governador Brasil Caiado temendo a influência de Dica, toma as suas armas e cavalos, obrigando-os a voltarem a pé para Lagolândia.

– Estas armas e cavalos ficarão a serviço dos soldados que protegem o Estado!

– Mas como voltaremos?

-Caminhando, chegarão lá em uma semana. - responde o governador.

Santa Dica então parte com seus homens sem nada em mãos.

*

Capítulo 6: A decisão é tomada
Sinopse: Um encontro entre igreja, fazendeiros e governo: Por meio de flashbacks, o coronel conta sobre as apropriações de terra, a falta de mão de obra e o não-pagamento dos impostos, enquanto a Igreja continua a difamação, obrigando o governo a enviar soldados contra o povoado.

Em uma reunião, padre, fazendeiro e o governador se encontram para decidirem o que fazer com os fiéis e Santa Dica. O padre inicia:

– Esta mulher é uma mentirosa! Uma farsa! Uma bruxa! É um absurdo! Fingir que faz milagres e enganar essas pessoas. Batizando, vejam só. Fazendo Casamentos!!

– As minhas fazendas estão vazias! Meus trabalhadores se mudaram para o povoado daquela mulher e ainda estão invadindo minhas terras a mando dela! – diz o Coronel.

O padre diz então uma notícia alarmante para o político:

– Ela também disse aos seus fiéis que não se pagará mais impostos.

– O quê?? Como assim, não pagam imposto. Eu vou invadir aquela cidade e prender aqueles moradores e essa Santa!

*

Capítulo 7: O Dia do Fogo
Sinopse: A mando do governo, soldados dão voz de prisão na República dos Anjos e o tio de Dica dá o primeiro tiro, inciando assim o embate entre povoado e polícia, que conta com maior força. A partir daí, inicia a luta pela sobrevivência de Dica e seus fiéis.

Os militares vão para Lagolândia, sob o comando do tente Benedito:

– *Um grupo de homens entrem na cidade e dê voz de prisão à Dica!*

Cinco homens seguem o caminho e encontram Dica no povoado:

– *Benedita Cipriano, conhecida como Santa Dica, você e sua família estão presos!*

O irmão de Santa Dica responde atirando, iniciando assim uma troca de tiros, enquanto os outros moradores, desarmados, tentam fugir.

– *É fogo! É fogo!* – diz um dos moradores.

– *Os anjos vão nos proteger* – diz Dica que se põe na frente das balas, tentando defender os seus fiéis.

– *Mais parece que as balas não tão acertando ela! Esses soldados estão atirando nos anjos que estão aqui.* – Diz outra moradora.

Dica então pede que os seus fiéis fujam pelo Rio do Peixe.

– *Vão, fujam, atravessem o rio e os que chegarem do outro lado estarão salvos da polícia.*

Alguns morrem afogados e Dica ao atravessar, quase morre, sendo puxada por um dos moradores. Os que sobrevivem fogem mata adentro.

Alguns dias depois, Santa Dica se entrega a polícia e é julgada à prisão.

– *Pelos crimes cometidos contra o governo e a saúde pública, Benedita Cipriano Gomes, está condenada a um ano de prisão.*

*

Prólogo
Sinopse: Dica é solta, vai para o Rio de Janeiro e São Paulo. Retorna casada. Em 1932, participa da Revolução Constitucionalista. Morre em 1970.

Pouco tempo depois, Dica é solta.
– A senhora vai sair da cadeia em 3 dias.
Dica responde:

– A justiça tarda mas não falha.

Ao mesmo tempo, descobre que deverá partir de Goiás.

– Porém, não poderá ficar em Goiás, aconselho a fugir para o sudeste.

– Como assim? Não posso voltar para minha república?

– Foi justamente por causa dela que a senhora está aqui.

Santa Dica é liberada e viaja para o Rio de Janeiro. Lá conhece o seu futuro marido.

– É você a tal santa de Goiás que se tornou tão famosa?

– Não sei de que fama está dizendo, mas sou Benedita, Dica para os mais íntimos.

– Encantado, sou Mario Mendes, jornalista.

Santa Dica e Mario Mendes se casam. Depois de algum tempo retorna à Goiás.

– Como é bom estar em minha terra novamente.

Santa Dica recebe o chamado de lutar na revolução constitucionalista e em um discurso convoca seus diqueiros a lutarem junto ao exército.

– Há homens atentando contra a soberania nacional de nosso presidente Getúlio Vargas e é nosso dever lutar pelo Brasil!

Ao retornar sem nenhuma baixa no seu batalhão, Dica tem filhos e vive em Lagolândia até a sua morte em 1970.

*

PRÓLOGO

Santa Dica está doente e desmaia

Joana corre para avisar Dona Isabel

Joana conta o que está acontecendo

Dona Isabel corre em direção à Santa Dica

Avó chama médicos,

curas,

Nada adianta e Dica morre

Entre lágrimas, seus familiares preparam o seu funeral

Durante a oração,

Dica ressucita.

As pessoas ficam surpresas,

Enquanto a notícia corre nos arredores.

Entrevistado 1

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *Na década de 20.*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Ela falava que o mundo ia acabar. E também sobre a República dos Anjos.*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Sertanejos.*

Q5: Como funcionava a República dos Anjos?
R: *Com as pregações da Santa Dica. E também com os cangaceiros.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque ela fazia curas e milagres. E para os coronéis, ela era uma bruxa.*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Eles chamaram os soldados.*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *O coronel tomou as armas e não aconteceu a guerra.*

(Adicional) Mas sobre aquele acontecimento do Rio do Peixe?
R: *Acontece que a Santa Dica quase morreu. Ela e os fiéis dela.*

Q9: Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da Santa Dica?
R: *A Guerra.*

Q10: Sabe algo sobre Messianismo?
R: *Não.*
Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *As aulas de história são sobre a leitura, escolher um texto e o professor manda a gente ler.*

(Adicional): Qual foi a última coisa que você estudou nessas aulas?
R: *Foi sobre os indígenas.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Foi criar a história.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Desenhar.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Eu achei a Oficina bem legal.*

Entrevistado 2

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *(Não lembra)*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *(Não sabe)*

(Adicional): O que você sabe sobre a história da Santa Dica?
R: *Que ela morreu e depois ressuscitou e foi no jornal que ela tinha morrido e depois ressuscitou.*

(Adicional) O que aconteceu no final da história?
R: *Não sei.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *São boas.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Escrever.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Desenhar.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Muito bom. Porque a gente tá aprendendo.*

A entrevistada se recusava em responder às questões, permancendo em silêncio durante grande parte da entrevista.

Entrevistado 3

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *Não sei. (depois de algum tempo) Década de 20*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Não sei.*

(Adicional): O que você sabe da história da Santa Dica?
R: *Que ela ressuscita, que tinha um sertanejo com febre e o outro manda ele trabalhar, que Alfredo dos Santos levou sua filha para Santa Dica curar. Ela pregava que (enquanto lê a história em quadrinhos) faça a cidade, que nós faremos o município dos anjos.*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Alfredo dos Santos.*

(Adicional): Quem mais?
R: *Eram pessoas normais. (após muita relutância) e sertanejos também.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque falavam que ela era santa. (quanto aos coronéis) Não sei.*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Orar. (muito confusa) Ela curava. Não sei.*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Não sei.*

(Adicional): O que os soldados foram fazer em Lagolândia?
R:*Prender a Santa Dica.*

Q9: Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da Santa Dica?
R: *(Não se lembra da aula)*

Q10: Sabe algo sobre Messianismo?
R: *Não.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *Legal. A última vez que usamos livro de História foi em março, porque não tem tempo.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Essa (a entrevista).*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Apresentar o teatro.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Interessante.*

Entrevistado 4

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *1924*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Ela dizia aos fiéis as suas doenças.*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Gente que tava doente, que queria cura.*

(Adicional): O que aconteciam com as fazendas? O que as pessoas faziam?
R: *A casa dela começou a ficar cheia de gente porque ela deixava as pessoas morarem com ela.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Eu acho que eles achavam ruim que ela diagnosticasse a doença das pessoas.*

(Adicional): Porque os coronéis não gostavam dela?
R: *Porque eles não acreditavam?*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Depois de ler na BD) Eles resolveram publicar um jornal.*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Aconteceu porque ela fazia milagres. No fim, ela foi presa.*

Q9: Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da Santa Dica?
R: *(Não soube responder)*

Q10: Sabe algo sobre Messianismo?
R: *Não.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *(Acha que sim, mas não se recorda)*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *Nós falamos sobre os índios, como eles eram antigamente.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Entender porque os coronéis a odiavam.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Desenhar.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Legal, porque teve a peça, o vídeo e os jogos.*

Entrevistado 5

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica*.

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Em fazer os quadrinhos*.

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Achei legal*.

A entrevistada se recusava em responder às questões, permancendo em silêncio durante grande parte da entrevista.

Entrevistado 6

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *1995. Não sei.*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Disse que mundo ia acabar. Curava as pessoas. Enfrentava os repúblicos. Não tinha medo. Se rendeu pra ficar na cadeia. E depois saiu para pregar de novo.*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Alfredo dos Santos, a filha dele e depois começou a juntar as pessoas lá na casa dela.*

Q5: Como funcionava a República dos Anjos?
R: *O Alfredo dos Santos ajudou ela a pregar e aí foi crescendo.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque eles pensavam que ela era satanás, macumbeira e tudo isso mais.*

(Adicional): E os coronéis?
R: *Porque ela pregava, curava as pessoas e eles não acreditavam.*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Prender ela. (depois de um tempo) Um jornal dizendo "Santa Dica não presta, não pode viver nessa cidade. Fora Santa Dica!"*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Os soldados foram pra lá, porque eles não queriam largar a cidade, muito menos a igreja. Um povo morreu e ela, Santa Dica, sobreviveu e foi presa.*

Q9: Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da Santa Dica?
R: *A Guerra. Ela enfrenta (os poderosos). Um homem ficou doente e na Santa Dica outro homem ficou doente.*

Q10: Sabe algo sobre Messianismo?
R: *Não.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Cora Coralina.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *Gosto, até durmo na sala de aula...é muito chata, a professora começa a ler, os meninos da sala quase tudo dormem.*

(Adicional): Qual foi a última coisa que você estudou nessas aulas?
R: *É sobre uns homens que inventaram as hélices, que pintou o quadro da Monalisa e ele trabalhava de engenheiro.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Nada. Foi tudo fácil.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *O exercício de fazer o balãozinho.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Bom, muito bom. Conhecer a Santa Dica, eu nem sabia que ela existia.*

Entrevistado 7

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *1972.*

(Adicional): O que sabe da história?
R: Os políticos falaram com o padre. A polícia fica prendendo a Santa Dica.

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Os moradores que estavam lá na casa, aí todos foram morar com ela. (Mas não sabe o motivo)*

Q5: Como funcionava a República dos Anjos?
R: *A Santa Dica xingava.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque que ela xingava, tacava pedra, bebia e fumava. Eu esqueci quase tudo.*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Não sei.*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Existiu para prender a Santa Dica. Atiraram mas não acertaram ela.*

Q9: Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da Santa Dica?
R: *Desenho do padre, do fazendeiro, do político. (não lembra do resto)*

Q10: Sabe algo sobre Messianismo?
R: *Não.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *São boas.*
(Adicional): Qual foi a última coisa que você estudou nessas aulas?
R: *(confunde com leitura paradidática). Os planetas.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Desenhar.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Escrever.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Bom, porque é muito interessante.*

Entrevistado 8

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *1910.*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Não lembro. Eu acho que gente humilde, porque ela era boa.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque achavam ela era má.*

(Adicional): Me conte sobre a história que desenhou.
R: *A história da Santa Dica. (não se lembra)*

(Adicional): O que aconteceu no final da história?
R: *Não Lembro.*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Eles chamaram os soldados.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *A professora passou um monte de coisa da cidade, da comunidade.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Desenhar.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Desenhar.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Bom. Porque a gente desenhou..*

Entrevistado 9

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *1900...81, 91...*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: Não sei.

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *As pessoas que estavam doentes.*

Q5: Como funcionava a República dos Anjos?
R: *Não sei.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Não sei disso.*

(Adicional): Me conte sobre a história que você desenhou.
R: *Eu sei que tinha muita gente doente e a Santa Dica sarou. Eles ficaram alegres e sarados.*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Proibiu ela de ir lá. (na igreja)*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Não li isso não. (ele não fez a leitura do material)*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Turma da Mônica.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *Não tenho.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Desenhar e criar a história.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Desenhar e criar os personagens.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Bom, muito bom. Porque fizemos livros e desenhamos.*

Entrevistado 10 *(a aluna não participou ativamente da oficina)*

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

(Adicional): O que pode dizer da história da Santa Dica?
R: Foi boa, achei muito bom, gostei.

Q2: Em que época ocorreu?
R: *Não sei.*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Que ia alimentar as pessoas*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Duas mulheres, uma normal, outra doente. Eram humildes.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque ela mentia, ela roubava, xingava e fumava, aí foram e prenderam ela.*

(Adicional) Quem mandou prendê-la?
R: *Os soldados, a mando do capitão.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R:*(Não tem)*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Ler.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *O concurso de melhor desenho.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *A parte em que a Santa Dica ajuda as duas pobrezinhas.*

Entrevistado 11

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

(Adicional): O que pode dizer da história da Santa Dica?
R: Ela era uma santa.

Q2: Em que época ocorreu?
R: *1982. 1922.*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *A gente pode ser livre.*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Homem rico.*

(Adicional): Sobre o que era a sua história?
R: *Esqueci. Era um sertanejo e o fazendeiro(sertanejo) estava doente.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Eles achavam que isso era uma mentira. Os padres também.*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Tentou prendê-la.*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Ela foi para a cidade.*

Q9: Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da Santa Dica?
R: *O Conselheiro também era um santo e tem que fugir dos soldados. Os dois tem guerra.*

Q10: Sabe algo sobre Messianismo?
R: *Não.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: (*confunde com a leitura paradidática, afirma não ter aulas de história).*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Responder as perguntas no início.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Os desenhos.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Muito legal. Porque a gente desenha, escreve, aprende mais.*

Entrevistado 12

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *Não lembro.*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Ela curava as pessoas que estavam doentes.*

Q5: Como funcionava a República dos Anjos?
R: *Eles eram obrigados a trabalharem (nas fazendas).*

(Devido a relutância da aluna, a mesma preferiu escrever um texto sobre o que sabia do tema)

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não. (mas já ouviu falar em Cora Coralina).*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *A professora não passa quase nada de aula de história.*

(Adicional): Qual foi a última coisa que você estudou nessas aulas?
R: *Sobre os africanos, quando eles foram trazidos ao Brasil.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Desenhar.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *O teatro de improviso.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Interessante. (acena que gostou do resultado).*

Texto produzido pela entrevistada:

Eu acho interessante a história da Santa Dica e de como ela curava as pessoas. Achei interessante quando ela ressuscitou e de como ela falava com os anjos. Eu gostei quando a gente fez o quinto capítulo do teatro e a parte mais difícil para mim foi desenhar, mas para mim foi muito bom o resultado.

Entrevistado 13

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

(Adicional): Me conte sobre a história da Santa Dica.
R: Ela é muito interessante porque eu nunca ouvi falar dessa história, aprendendo até conseguir entender.

Q2: Em que época ocorreu?
R: *Esqueci. 1900 e pouco.*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Sobre os anjos, que eles iam descer, que iam salvar eles, que era pra eles irem pro rio do peixe, dois morreram afogados, aí fugiram pela mata, aí ela foi tentar fugir pelo rio do peixe, aí amarrou uma sucuri pra impedir a passagem. Ela falava que na hora que a polícia fosse passar, a cobra ia balançar.*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Três mulheres. (pessoas) Humildes.*

Q5: Como funcionava a República dos Anjos?
R: *Ia ser massa se tivesse (se existisse algo semelhante).*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque eles pensavam que ela fazia um monte de trem "mal" pras curas, para o povo pensar que ela curandeira.*

(Adicional): Porque você acha que ocorreu aquele embate?
R: porque os políticos não gostavam dela. Pensava que ela era bruxa e estas coisas.

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Ela se coloca à frente das balas e nada atinge ela. Aí o pessoal sai correndo. E no final ela é presa por um ano*

Q9: Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da Santa Dica?
R: *As coisas que eles fizeram são iguais. Porque eles lutam e a Santa Dica também.*

Q10: Sabe algo sobre Messianismo?
R: *Não.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *Mais ou menos, porque só tem história de escravos e outras coisas.*

(Adicional): Qual foi a última coisa que você estudou nessas aulas?
R: *É sobre uns homens que inventaram as hélices, que pintou o quadro da Monalisa e ele trabalhava de engenheiro.*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Aprender a história da Santa Dica.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Desenhar.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Muito bom. Porque pessoas ensinaram a gente e nos ajudaram a escrever.*

Entrevistado 14

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *Não sei.*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Não sei.*

(Adicional): O que você sabe da história?
R:*Quando ela entrou na igreja, o padre mandou ela sair, chamou ela de demônio, de bruxa, aí quando ela falou assim. – vai trabalhar!, o menino montou no cavalo, aí o padre foi conversar com ele lá...*
- coronel, o menino caiu do cavalo e morreu! E aí algumas pessoas e a Santa Dica foram embora e aí começou a guerra.

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque ela blasfemava.*

(Adicional): Qual foi a história que você ilustrou?
R: *Quando ela morreu e aí foram falar para a avó dela lá.*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Ela foi presa. Por tirar o povo da cidade.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Talvez. Bob Esponja.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *A São três vezes na semana.*

(Adicional): Qual foi a última coisa que você estudou nessas aulas?
R: (*ele confunde com leitura paradidática, mas não gosta das aulas por conta das ameaças do professor)*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *O globo da terra da menina.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Teatro.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Boa. (mas com ressalvas quanto a dupla)*

Entrevistado 15

Q1: Quem era a líder em torno da República dos Anjos?
R: *Santa Dica.*

Q2: Em que época ocorreu?
R: *87...(Não sabia dizer)*

Q3: O que a Dica pregava aos seus fiéis?
R: *Dos anjos, dos milagres...*

Q4: Quem resolveu juntar-se a ela? Porquê?
R: *Duas amigas dela. Quem acreditava nela.*

Q5: Como funcionava a República dos Anjos?
R: *Algumas pessoas eram más, outras boas, outras acreditavam nela, outras não.*

Q6: Porque ela era uma ameaça à igreja, ao governo e aos fazendeiros?
Q: *Porque eles não acreditavam nela. Nunca viram ela fazer milagre. Os padres achavam que ela prostituía, pecava...*

Q7: O que a igreja decidiu fazer em resposta?
R: *Mandaram prender ela. Eles não gostavam dela. (afirma se lembrar do jornal)*

Q8: Sobre o Dia do Fogo? Como terminou?
R: *Como eles não gostavam dela, queriam matar o povo e ela também. Aí quando eles foram matar ela, ela entrou na frente e nenhuma bala entrou ela, porque os anjos ajudaram. Ela foge, um que tava do lado dela morreu, o soldado também morreu, ela fugiu e as duas mulheres ficaram vivas.*

Q9: Sobre Canudos, o que você considera semelhante à história da Santa Dica?
R: *Os fazendeiros (sertanejos) trabalhavam muito. Os chefes deles batiam nele, eles ficavam doentes. Tinha muita guerra.*

Q10: Sabe algo sobre Messianismo?
R: *Não.*

Q11: Conhece alguma outra história ou personagem de Goiás? Qual?
R: *Não.*

Q12: Na sua escola, como são as aulas de História?
R: *(Não há aula de História)*

Q13: Sobre a oficina, qual foi a maior dificuldade?
R: *Escrever o texto da Santa Dica no começo, agora não, agora é muito tranquilo.*

Q14: E o que mais gostou de fazer?
R: *Desenhar.*

Q15: O que achou da Oficina?
R: *Foi bom, porque eu achei interessante.*

8. Segunda entrevista

Entrevistado 1 e Entrevistado 3: leitura da BD produzida pelos alunos.
Entrevistado 2 e Entrevistado 4: leitura da BD produzida pela investigadora.

Q: Primeiramente, uma coisa que notei é que vocês estavam lendo muito mais rápido, do que prestando atenção às imagens (a bd feita por eles). Porque que quando vocês começaram a ler a história que produziram, vocês só acompanhavam o texto e não as imagens?

E1: *Porque eu já sabia. Eu nunca me esqueci desde aquele dia. Naquele dia eu vi as imagens, e um dia eu fiquei vendo ali (apontando para a pasta onde guardam seus materiais).*
E3: *Porque eu já li. Porque nós já vimos. De vez em quando eu pego e leio. Eu já vi as imagens tudo.*

Q: Da leitura, cada um me digam, com toda a sinceridade, qual a parte que vocês consideram mais interessantes.

E3: *Na hora em que a Santa Dica estava muito doente, aí ela desmaiou e depois foi dada como morta, aí na hora que estavam rezando, ela ressuscitou e a notícia se espalhou pela vizinhança e ela foi considerada como santa.*
E4: *A minha também.*
E2: *Na hora em que ela foi presa, ficou uns meses lá, aí ela foi pro Rio de Janeiro, conheceu o homem lá, voltou pro estado dela e se casou, teve sete filhos e viveu feliz para sempre.*
E1: *A parte que eu achei interessante foi na hora que eles atiraram nela, ela entrou na frente e as balas, nenhuma acertou ela. E ela mandou atravessar o rio – e não sei como alguém conseguiu atravessar o rio.*
E3: *Alguns morreram e alguns, felizmente, conseguiram atravessar.*
E2: *E fugiram pelo mato.*
E3: *E ao invés de atirarem na Santa Dica, atiraram nos anjos.*
E4: *Na parte em que o padre ficou com ciúmes da Santa Dica.*

Q: Sobre os desenhos...

E3: *Essas ilustrações, nós pintamos, deixamos tudo bonitinho, só que saiu preto e os outros já estão pintadinhos (a segunda bd).*

Q: Excluindo o fato (da colorização), vocês conseguem compreender as ilustrações?

E3: *Algumas sim. Algumas chamam mais a atenção pelo desenho e outras é pelo texto.*
E1: *Eu entendi mais pelo texto, porque não prestei atenção nas imagens, prestei mais atenção no texto.*
E2: *Eu prestei mais atenção nos desenhos. No desenho e no texto.*
E3: *O texto também ficou muito legal.*
E4: *Prestei atenção mais no texto.*

Q: Sobre a história, o que vocês acham que a Santa Dica pregava?

E1: *Sobre os anjos.*
E3: *Sobre os anjos, cura.*
E1: *Sobre ela. A cura dela.*
E2: *Que ela acreditava nos anjos, que ela curava as pessoas.*
E3: *Tinha o remédio da cura dos anjos.*

Q: E o que ela falava pros fiéis?

E3: *Ela curava eles.*

Q: E quem resolveu viver com ela?

E1: *As duas mulheres. A Rosa,*
E3: *E Maria!*

Q: E vocês acham que essas mulheres existiram? Ou que representavam outras pessoas?

E1 e E2: *Elas existiram.*
E3: *Acho que mais pra contar a história.*

Q: E como é que a Rosa e a Maria, o sertanejo que estava doente, quais eram as condições de vida deles?

E1: *Eles não comiam muito.*
E2: *Não descansavam também.*
E1: *Eles trabalhavam o tempo inteiro.*
E3: *E levavam chicotadas. E quando ficava doente, o coronel mandava eles trabalharem.*

Q: E porque vocês acham que os coronéis agiam assim?

E1: *Porque eles queriam que eles fizessem o trabalho logo, para a plantação deles ficarem pronta.*
E2: *Para ganhar dinheiro.*
E3: *Na hora de trabalhar, eles queriam só que o povo de lá trabalhasse e eles não trabalhavam, eles podiam sentar, podiam fazer o que quisessem e outros não, os outros apanhavam.*
E1: *Quando eles ganhavam dinheiro, a maior parte era do coronel.*

Q: E na Santa Dica, como era?

E2: *Tudo de graça.*
E1: *Com a Santa Dica, eles viviam bem, com os fazendeiros, eles só maltratavam eles.*
E3: *Com os fazendeiros eles eram tristes, com a Santa Dica, eles eram felizes.*

Q: *Porque os padres não gostavam da Santa Dica?*

E2: *Porque ela fazia milagres.*
E1: *E eles queriam fazer milagres. Só pra ser famoso.*
E2: Chamavam ela de bruxa.
(depois de folhearem as bds novamente)
E3: *Chamavam ela de mentirosa, de uma farsa. E aí quando eles foram morar com a Santa Dica, aí a fazenda dele ficou vazia.*
E2: *Os padres falavam que ela fingia fazer milagres.*

Q: E o que os padres resolveram fazer?

E2: *Chamar o batalhão.*
E3: *Invadir as terras.*
E2: *Colocar no jornal.*

Q: E porque o governador mandou prender a Santa Dica?

E3: *Porque eles não gostavam da Santa Dica.*
E2: *Porque as fazendas estavam todas vazias.*
(depois de procurarem a passagem na bd)
E3: *Eles não iam pagar mais impostos.*

Q: E como a briga entre a polícia e a população terminou?

E3: *Foi no tiro.*
E1: *Foi na bala.*
E3: *Mas só acertaram os anjos, não acertou a Dica, nem o homem que estava com ela.*
E2: *Acabou com ela na prisão.*
E3: *Ficou seis meses na prisão.*
E2: *Fugiram no mato.*
E3: *Alguns morreram, outros continuaram nadando, outros já estavam lá no outro lado.*

Q: Na opinião de vocês, como vocês acham que a mulher era vista 100 anos atrás?

E1: *Elas não podiam fazer nada.*
E2: *Tudo escrava, não podia votar, não podia fazer nada. Só fazer comida, arrumar a casa e cuidar dos filhos. Não podia estudar.*
E3: *Mas eu queria saber como é que ela ressuscitou.*
E1: *É pelos anjos...*
(após apresentar a versão da catalepsia patológica e a da ressureição)
E3: *É que eu pensava que ela estava morta, no*

caixão, durante o funeral, aí quando estava rezando, ela levantou do caixão.
E1: *Igual o menino que apareceu no jornal, ele estava lá deitado no caixão, aí eles estavam rezando. Aí na hora que eles iam tampar o caixão, o menino levantou e disse – Pai, me dá agua.*
(a seguir se inicia alguns questionamentos sobre a idade, morte de Dica)

Q: O que vocês conhecem da cultura de Goiás?

E1: *Eu conheço...nada.*
E3: *Festa junina.*

Q: Alguém já ouviu falar da Cavalhadas em Pirenópolis?

E1: *Eu conheço.*

Q: Sobre a história da Santa Dica, vocês conseguem relacionar com alguma coisa no presente? Com a realidade de vocês?

(não souberam responder)

Q: Assistem jornal?

E4: *Eu não gosto de jornal, mas a minha mãe me faz assistir.*

Q: *O que o governo faz com quem é contra ele? A polícia?*

E1: Eles prendem.

Q: Vocês se lembram da banda desenhada que leram (A Guerra do Rei Divino)? Conseguem relacionar as duas histórias?

E1: *É um pouco parecida, porque as pessoas eram chicoteadas, trabalhavam muito, as pessoas ficavam doente.*
E3: *Não podiam parar direito nem para comer.*
E2: *É muito semelhante igual à da Santa Dica.*

9. E-mail acerca dos resultados da produção.

---------- Mensagem encaminhada ----------
De: LUZMAR MELO <llmelo2013@hotmail.com>
Data: 8 de abril de 2014 19:30
Assunto: RE: Ajuda
Para: Max Melo <max.milliano.melo@gmail.com>, LUZMAR MELO <llmelo2013@hotmail.com>

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ALFABETIZAÇÃO

As histórias em quadrinhos, contribui para a sistematização da leitura e da escrita. Elas têm a particularidade de unir duas formas de expressão cultural: a palavra e a imagem. Isso contempla todos os alunos - os que lêem e os que estão iniciando - pois estes conseguem deduzir o significado da história, lendo diretamente ou observando a imagem.

Fundamenta-se a aprendizagem à luz de Vygotsky, que concebe que o indivíduo aprende com a interação humana. E com a leitura ou a feitura dos desenhos os alunos desenvolvem a criatividade, o hábito e o gosto para a leitura, além de desenvolver a imaginação, uma vez, que tentam criar histórias a partir dos desenhos. É um rico meio de adquirir informações, e a história em quadrinhos surge como possibilidade. A curiosidade em saber o que está escrito dentro dos balões cria o gosto pela leitura e desenvolve os alunos rumo à alfabetização.

Os alunos que desenharam estas páginas que vcs me enviaram já se encontram num estágio desenvolvido, porque já conseguem criar uma história em sequência.

Vale a pena lembrar que numa produção de texto, o mais difícil é a idéia, decodificar e registrar as palavras é fácil.

Com certeza sua colega está no caminho certo. Se continuar este trabalho certamente colherá muitos e preciosos frutos.

Vale a pena ler, reler, criar histórias em quadrinho coletivamente, criar finais diferentes, para a mesma história e até inventar histórias orais a partir de desenhos.